



Universidade de Brasília
Instituto de Letras – IL
Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução – LET
Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada – PPGLA

**Construção da autonomia na aprendizagem do espanhol mediada
por tecnologias digitais:
uma experiência com jovens do Ensino Médio**

ELENICE DELFINO BORGES COSTA

Brasília, 2018



Universidade de Brasília
Instituto de Letras – IL
Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução – LET
Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada – PPGLA

**Construção da autonomia na aprendizagem do espanhol mediada
por tecnologias digitais:
uma experiência com jovens do Ensino Médio**

ELENICE DELFINO BORGES COSTA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM LINGUÍSTICA APLICADA

ORIENTADORA: Prof.^a. DRA. MARIA DEL CARMEN DE LA TORRE ARANDA

Brasília, 2018

**Construção da autonomia na aprendizagem do espanhol mediada
por tecnologias digitais:
uma experiência com jovens do Ensino Médio**

ELENICE DELFINO BORGES COSTA

Dissertação de mestrado submetida ao programa de pós-graduação em linguística aplicada, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de mestre em Linguística Aplicada.

APROVADA POR:

Profa. Dra. Maria del Carmen de la Torre Aranda (UnB)
Orientadora

Profa. Dra. Cristina Moerbeck Casadei Pietraróia (USP)
Examinadora Externa

Profa. Dra. Mariana Rosa Mastrella-de-Andrade (UnB)
Examinadora Interna

Prof. Dr. Augusto Luitgards Moura Filho (UnB)
Suplente

Brasília, 2018

AGRADECIMENTOS

Esse sentimento de alegria e de realização eu devo a Deus que me guiou e amparou nas horas difíceis:

El Señor es mi pastor;
nada me falta.
En verdes praderas me hace descansar,
a las aguas tranquilas me conduce-me
da nuevas fuerzas
y me lleva por caminos rectos,
haciendo honor a su nombre.
Aunque pase por el más oscuro de los valles,
no temeré peligro alguno,
porque tú, Señor, estás conmigo;
tu vara y tu bastón me inspiran confianza.
Me has preparado un banquete
ante los ojos de mis enemigos;
has vertido perfume en mi cabeza,
y has llenado mi copa a rebosar.
Tu bondad y tu amor me acompañan
a lo largo de mis días,
y en tu casa, oh Señor, por siempre viviré. (Salmo 23)

Agradeço a minha querida orientadora Maria del Carmen de la Torre Aranda pelas horas de dedicação ao meu trabalho, pelo esmero, cuidado e organização. Agradeço a paciência que teve comigo, por me guiar com competência e sabedoria. Peço desculpas pelas vezes que não correspondi ao que você esperava.

Fico imensamente grata também a minha banca de qualificação; professora Andrea Versuti e professora Mariana Mastrela-de-Andrade, vocês foram muito generosas e suas contribuições foram fundamentais a este trabalho.

Agradeço aos meus professores do PGLA que contribuíram para ampliar meu conhecimento e fazer de mim uma pessoa melhor. Ao Thiago Presley, da secretaria do PGLA, que sempre me atendeu com muito carinho e atenção.

Agradeço à querida professora Lígia de Assis M. Fontana que participou conosco de uma videoconferência de maneira tão interessada, se colocando sempre à disposição.

Também sou grata a minha querida família pelo apoio de todas as horas. Meu querido marido que nunca me cobrou o tempo que deixei de lhe dedicar durante a pesquisa. A amada filha, pelas horas de ajuda e de sustentação. Só consegui chegar aqui com o apoio de vocês.

Não poderia me esquecer de agradecer imensamente aos meus queridos alunos participantes desta pesquisa e à escola que me deu todo o apoio para sua realização.

E por fim agradeço aos meus amigos e em especial à minha amiga Cristiane, que foi quem me levantou nas horas difíceis e me fez ver que tudo acabaria bem.

Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes.

Paulo Freire

RESUMO

Esta pesquisa busca avaliar as potencialidades das tecnologias no processo de construção da autonomia na aprendizagem do espanhol como língua estrangeira. A justificativa para este estudo está nas mudanças que exigem diferentes formas de ensinar e de aprender, em um contexto em que a tecnologia se apresenta como uma forte aliada para o desenvolvimento da autonomia e do conhecimento do aluno. Para entender de que forma estas mudanças impactaram a sala de aula, busquei explorar as potencialidades das tecnologias no processo de construção da autonomia na aprendizagem do espanhol como língua estrangeira, observando quais estratégias de uso autônomo de tecnologias digitais eram postas em prática pelos alunos. Ainda, observando minha prática, pude refletir sobre o papel de mediador do professor. Esta pesquisa tem como base os estudos sobre autonomia de Holec (1981); Leslie Dickinson, (1987); David Little (1991); Paulo Freire (1996); Phil Benson e Peter Voller (1997); Phil Benson (2001) e Nicolaidis (2007). Já as propostas de uso de tecnologias digitais se apoiam principalmente em Barton e Lee (2015) e em Kenski (2008). O professor no contexto desta pesquisa, é um mediador, alguém que conduz o aluno na aprendizagem autônoma. A visão deste novo papel do professor como mediador entre o aluno e sua aprendizagem está apoiada principalmente nos estudos de Masetto (2013). Esta pesquisa se caracteriza como qualitativa de cunho interpretativista e foi desenvolvida por meio da pesquisa-ação, um tipo de pesquisa que permite uma melhor aproximação da realidade em busca de mudanças na prática (ação) a partir de reflexões teórico-metodológicas (pesquisa) tendo como suporte os estudos de Dionne (2007). Os dados foram gerados em uma escola privada da cidade de Unaí-MG com alunos de espanhol do 1º ao 3º ano do Ensino Médio e foram coletados por meio de questionários, diários e grupo focal. As atividades tiveram como ponto de partida a escolha, pelos alunos, de um tema para debate que trouxesse questões contemporâneas de seu interesse, e realizavam-se de modo síncrono e assíncrono: os alunos postavam e comentavam, em um primeiro momento, um vídeo em espanhol sobre o tema escolhido em um grupo fechado do Facebook, e o debatiam, em um segundo momento, na próxima aula presencial. Os alunos puderam experimentar, com a realização dessas atividades, diferentes redes sociais e aplicativos da Web 2.0 tais como *Flickr*, *Facebook*, *Hangouts* e *YouTube*. Tomando como base as considerações que os alunos fizeram no grupo focal, os resultados mostraram que os recursos digitais explorados contribuíram para a construção de uma aprendizagem mais autônoma do espanhol por oferecerem possibilidades de ir muito além do conhecimento que lhes é oferecido em sala de aula, de buscar a aprendizagem de temas afins e de aplicar esse conhecimento a outros contextos de suas vidas sociais. Esta pesquisa pretende trazer uma contribuição para a reflexão de professores de línguas sobre o seu papel na prática didática em língua estrangeira.

Palavras-chave: Autonomia. Ensino de Língua Espanhola. Tecnologias digitais

RESUMEN

Esta investigación busca evaluar las potencialidades de las tecnologías en el proceso de construcción de la autonomía en el aprendizaje del español como lengua extranjera. La justificación para este estudio está en los cambios que exigen diferentes formas de enseñar y de aprender, en un contexto en que la tecnología se presenta como una fuerte aliada para el desarrollo de la autonomía y del conocimiento del alumno. Para entender cómo estos cambios impactaron el aula, busqué explorar las potencialidades de las tecnologías en el proceso de construcción de la autonomía en el aprendizaje del español como lengua extranjera, observando qué estrategias de uso autónomo de tecnologías digitales eran puestas en práctica por los alumnos. Todavía, observando mi práctica, pude reflexionar sobre el papel de mediador del profesor. Esta investigación tiene como base los estudios sobre autonomía de Holec (1981); Leslie Dickinson, (1987); David Little (1991); Paulo Freire (1996); Phil Benson y Peter Voller (1997); Phil Benson (2001) y Nicolaidis (2007). Las propuestas de uso de tecnologías digitales se apoyan principalmente en Barton y Lee (2015) y en Kenski (2008). El profesor en el contexto de esta investigación, es un mediador, alguien que conduce al alumno en el aprendizaje autónoma. La visión de este nuevo papel del profesor como mediador entre el alumno y su aprendizaje está apoyada principalmente en los estudios de Masetto (2013). Esta investigación se caracteriza como cualitativa de cuño interpretativista y fue desarrollada por medio de la investigación-acción, un tipo de investigación que permite una mejor aproximación de la realidad en busca de cambios en la práctica (acción) a partir de reflexiones teórico-metodológicas (investigación) como soporte los estudios de Dionne (2007). Los datos fueron generados en una escuela privada de la ciudad de Unaí-MG con alumnos de español del 1º al 3º año de la Enseñanza Media y fueron recolectados por medio de cuestionarios, diarios y grupo focal. Las actividades tuvieron como punto de partida la elección, por los alumnos, de un tema para debate que traía cuestiones contemporáneas de su interés, y se realizaban de modo sincrónico y asincrónico: los alumnos postaban y comentaban, en un primer momento, un vídeo en español sobre el tema escogido en un grupo cerrado de Facebook, y lo debatían, en un segundo momento, en la próxima clase presencial. Los alumnos pudieron experimentar, con la realización de estas actividades, diferentes redes sociales y aplicaciones Web 2.0 tales como *Flickr*, *Facebook*, *Hangouts* y *YouTube*. Tomando como base las consideraciones que los alumnos hicieron en el grupo focal, los resultados mostraron que los recursos digitales explorados contribuyeron a la construcción de un aprendizaje más autónomo del español por ofrecer posibilidades de ir mucho más allá del conocimiento que se les ofrece en el aula, de buscar el aprendizaje de temas afines y de aplicar ese conocimiento a otros contextos de sus vidas sociales. Esta investigación pretende traer una contribución a la reflexión de profesores de lenguas sobre su papel en la práctica didáctica en lengua extranjera.

Palabras-clave: Autonomía. Enseñanza de Lengua Española. Tecnologías digitales

ABSTRACT

This research has the main goal evaluate the potential of technologies in the process of building autonomy of the learning Spanish as a foreign language. The justification for this study lies in the changes that require different ways of teaching and learning, in a context in which technology presents itself as a strong ally for the development of student autonomy and knowledge. To understand how these changes had influenced the classroom, I sought to explore the potential of technologies in the process of building autonomy in the learning of Spanish as a foreign language, observing which strategies of autonomous use of digital technologies the students put into practice. Still in the process, observing my practice, was able to reflect about the mediator role of the teacher. This research is based on the studies on autonomy of Holec (1981); Leslie Dickinson, (1987); David Little (1991); Paulo Freire (1996); Phil Benson and Peter Voller (1997); Phil Benson (2001) and Nicolaidis (2007). The proposals for the use of digital technologies rely mainly on Barton and Lee (2015) and on Kenski (2008). The teacher in the context of this research is a mediator, someone who leads the student in autonomous learning. The vision of this new role of the teacher as mediator between the student and his learning is supported mainly in the studies of Masetto (2013). This research is characterized as qualitative of interpretative nature and it was developed through action research, a type of research that allows a better approximation of reality in search of changes in practice (action) from theoretical-methodological reflections (research). As support the studies of Dionne (2007). The data were generated in a private school in the city of Unaí-MG with Spanish students from 1st to 3rd year of high school and were collected through questionnaires, journals and a focus group. The activities had as their starting point the students' choice of a topic for debate that would bring contemporary issues of their interest, and they would be synchronized and asynchronous: the students would post and comment, at first, a video in Spanish on the theme chosen in a closed Facebook group, and debated it, in a second moment, in the next face-to-face class. The students were able to experiment with different social networks and Web 2.0 applications such as *Flickr*, *Facebook*, *Hangouts* and YouTube. Based on the students' considerations in the focus group, the results showed that the digital resources explored contributed to the construction of a more autonomous learning of Spanish because they offer possibilities to go far beyond the knowledge that is offered to them in the classroom, to seek the learning of related subjects and to apply this knowledge to other contexts of their social lives. This research aims to contribute to the reflection of language teachers about their role in foreign language didactic practice.

Keywords: Autonomy. Teaching of Spanish Language. Digital technologies

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 - Perfil dos Alunos Participantes da Pesquisa	68
Quadro 2 - Quadro representativo das aulas presenciais	72
Quadro 3 - Interações online	82
Quadro 4 - Respostas à Pergunta 9 do Questionário Diagnóstico	98
Quadro 5 - Respostas à Pergunta 10 do Questionário Diagnóstico	100
Quadro 6 - Respostas à Pergunta 11 do Questionário Diagnóstico	101
Quadro 7 - Respostas à Pergunta 12 do Questionário Diagnóstico	102
Quadro 8 - Respostas à Pergunta 14 do Questionário Diagnóstico	102
Quadro 9 - Respostas à Pergunta 1 do Questionário Sobre Aprendizagem Autônoma ...	104
Quadro 10 - Respostas à Pergunta 2 do Questionário Sobre Aprendizagem Autônoma ...	105
Quadro 11 - Respostas à Pergunta 3 do Questionário Sobre Aprendizagem Autônoma ...	106
Quadro 12 - Respostas à Pergunta 4 do Questionário Sobre Aprendizagem Autônoma ...	107
Quadro 13 - Respostas à Pergunta 5 do Questionário Sobre Aprendizagem Autônoma ...	108
Quadro 14 - Diário de Itinerância 4	110
Quadro 15 - Dados do Diário de Bordo 6	111
Quadro 16 - Dados do Diário de Bordo 10	112
Quadro 17 - Comentários do Aluno Lorenzo Sobre Potencialidades das Tecnologias/ Dados do Grupo Focal	116
Quadro 18 - Comentários Sobre a Importância das Tecnologias para o Desenvolvimento da Autonomia/Dados do Grupo Focal	116
Quadro 19 - Comentários que indicam a Tomada de Consciência sobre o Desenvolvimento da Autonomia/Dados do Grupo Focal.....	118
Quadro 20 - Despertar da Consciência Crítica/Dados Do Grupo Focal.....	120
Quadro 21 - Capacidade de Ir Além/Dados do Grupo Focal	120
Quadro 22 - Estratégias de uso autônomo de tecnologias digitais/Dados do Grupo Focal	121
Quadro 23 - Mudanças na Forma de Aprender/Dados do Grupo Focal	123

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 - Interface do <i>Flickr</i>	41
FIGURA 02 – Interface do <i>Facebook</i>	43
FIGURA 03 – Interface do <i>YouTube</i>	45
FIGURA 04 – Interface do <i>Hangouts</i>	47

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	Justificativa	18
1.2	Objetivos de pesquisa.....	20
1.2.1	Objetivo Geral	20
1.2.2	Objetivos específicos	20
1.3	Perguntas de pesquisa	20
1.4	Organização da dissertação	21
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	22
2.1	Autonomia na educação.....	22
2.1.1	Buscando entender o termo autonomia.....	22
2.1.2	Desenvolvimento da autonomia na aprendizagem de línguas.....	31
2.1.3	Desafios na introdução da aprendizagem autônoma	33
2.2	Tecnologias	35
2.2.1	Tecnologias digitais em contexto de ensino e aprendizagem de línguas.....	36
2.2.2	Recursos digitais para a aprendizagem de línguas	42
2.2.2.1	<i>FLICKR – Interação por meio de fotos.....</i>	<i>43</i>
2.2.2.2	<i>FACEBOOK – Espaço de Comunicação</i>	<i>45</i>
2.2.2.3	<i>YOUTUBE – Espaço de Aprendizagem por Vídeo</i>	<i>47</i>
2.2.2.4	<i>HANGOUTS – aplicativo de interação entre as pessoas</i>	<i>48</i>
2.3	Mediação.....	50
2.3.1	O professor como mediador pedagógico das novas tecnologias	50
2.3.2	A formação do professor para o contexto tecnológico	53
3	METODOLOGIA DA PESQUISA	56
3.1	Tendências da pesquisa em Linguística Aplicada no Brasil.....	57
3.2	A pesquisa qualitativa	58
3.3	A pesquisa-ação	59
3.4	O princípio ético	62
3.5	Instrumentos para coleta de dados.....	63
3.5.1	Questionários	63
3.5.2	Diário de Itinerância	64
3.5.3	Diário de bordo.....	65
3.5.4	Grupo focal	65
3.6	Definição do local de pesquisa.....	66
3.6.1	Participantes da pesquisa	68

3.7	“O Projeto”.....	69
3.7.1	As Aulas	70
3.7.1.1	<i>Impressões das aulas presenciais</i>	74
3.7.1.2	<i>Interações online</i>	81
4	ANÁLISE DOS DADOS	95
4.1	Triangulação como método de coleta e análise de dados.....	95
4.2	Procedimentos para discussão dos dados.....	96
4.3	Questionários	97
4.3.1	Questionário diagnóstico	97
4.3.2	Questionário de perguntas abertas sobre aprendizagem autônoma	104
4.4	Diários.....	109
4.4.1	Diário de itinerância.....	109
4.4.2	Diário de bordo.....	110
4.5	Análise do grupo focal	113
4.5.1	Categoria de análise 1 - o uso das tecnologias.....	114
4.5.2	Categoria de análise 2 - Tomada de consciência sobre o desenvolvimento da aprendizagem autônoma	118
4.5.3	Categoria de análise 3 – aprendizagem do espanhol como Língua estrangeira	122
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
5.1	Retomada das perguntas de pesquisa.....	127
5.2	Retomada dos objetivos da pesquisa.....	131
5.3	Sugestões para Novas Pesquisas	132
	REFERÊNCIAS	134
	APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE	139
	APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO	140
	APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO SOBRE APRENDIZAGEM AUTÔNOMA	142
	APÊNDICE E - TRANSCRIÇÃO GRUPO FOCAL	143

1 INTRODUÇÃO

É por meio da linguagem que as pessoas se comunicam, trocam informações e perpetuam os conhecimentos e a cultura. Por isso a linguagem é vista como uma prática social que permite que as pessoas se organizem socialmente e construam significados. A linguagem de um povo reflete sua forma de vida, a cultura na qual estão inseridos e a forma como interpretam o mundo. Sendo assim de tamanha importância, é interessante haver cada vez mais estudos sobre o processo em que se dá a aprendizagem de uma língua, materna ou estrangeira.

Há uma preocupação com as novas formas de ensinar e as tendências apontam para a necessidade de um aluno mais autônomo, que seja capaz de buscar conhecimento também fora da sala de aula, que possa desenvolver suas habilidades sociais e linguísticas e que ocupe o centro do processo como protagonista da aprendizagem.

Cada vez mais aumenta o interesse pela autonomia no contexto educacional e isso não é diferente quando o foco é aprendizagem de línguas. Assim, vários conceitos de autonomia são propostos ao longo dos anos, em busca de fatores que identifiquem o aprendiz como autônomo e de estratégias promotoras da aprendizagem autônoma. Nesse sentido, no referencial teórico, apresento algumas concepções de autonomia no intuito de aprofundar o tema de forma a entender melhor como se dá o desenvolvimento da autonomia em contexto de sala de aula.

Dão base para este trabalho as definições do conceito de autonomia: Holec (1981); Leslie Dickinson, (1987); David Little (1991); Paulo Freire (1996); Phil Benson e Peter Voller (1997); Phil Benson (2001) e Nicolaidis (2007).

Finch (2002) afirma que as mudanças que aconteceram no século XX nas várias áreas do conhecimento, aqui se ressaltam os estudos sobre metodologias de aprendizagem de línguas, e a necessidade de integração das novas tecnologias, motivaram esse interesse. Para o autor o mais importante é aprender como aprender e o uso que se faz do desenvolvimento tecnológico para a melhoria da educação.

Segundo o autor, historicamente, o conceito de autonomia relacionado à educação começou na educação de adultos na Europa e foi influenciado por diferentes fatores como a busca de direitos das minorias, a evolução das tecnologias

que promoviam situações de autoacesso, a internacionalização depois da Segunda Guerra Mundial, e as necessidades de se aprender novas línguas, entre outros.

Holec (1981), no final da década de 1960, inicia seus estudos em uma época em que a tendência humanística suscitou muitas investigações. Para o autor, o aprendiz é autônomo quando se torna responsável pela própria aprendizagem. Essa habilidade não é inata; em geral, é desenvolvida nos meios formais de aprendizagem.

Uma outra visão de autonomia é a de Dickinson (1987) que defende o termo autoinstrução. Segundo ele, esse termo é mais específico do que autonomia, e justifica ser uma alternativa prática para resolver problemas do aprendiz como falta de tempo para frequentar as aulas, distância de onde as aulas são ministradas, ou o fato de os cursos não serem compatíveis com os objetivos dos alunos. O autor acredita que por meio da autoinstrução é possível atingir várias metas educacionais, dentre elas, o desenvolvimento da autonomia.

Será discutida também a visão de Little (1991) sobre autonomia como uma experiência de aprendizagem em interação com os outros, que se apresenta na forma como o aprendiz aprende e como transfere o que foi aprendido para outros contextos. O autor, para evitar equívocos quanto à definição do termo autonomia, indica o que para ele não é autonomia.

Também o pensamento de Paulo Freire contribui muito para a ideologia implícita no tema da autonomia e seus estudos são basilares para pesquisas sobre esse tema. Em seu livro *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*, Paulo Freire (1996) socializa sua visão de educação crítica como aquela que busca a libertação dos indivíduos, que auxilia na luta pelos seus direitos como cidadãos e que defende uma sociedade mais justa e democrática.

Esse autor defende ainda a educação dos estudantes e professores para que desenvolvam uma compreensão crítica consciente de sua relação com o mundo. Sobre os saberes necessários ao professor, insiste em que “ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar situações para que o conhecimento aconteça” (FREIRE, 1996, p.12). O autor entende a prática educativa como um exercício constante da produção e do desenvolvimento da autonomia de educadores e educandos. Embora não defina autonomia, pode-se inferir que o termo para ele está ligado ao conceito de liberdade do aprendiz em construir e reconstruir o que lhe foi ensinado.

Outras abordagens, voltadas ao ensino de línguas, surgiram nos anos 80 e 90 que, segundo Benson e Voller (1997), incluíram a autonomia e a independência entre os objetivos de uma aprendizagem centrada no aluno. Assim, novos trabalhos sobre a autonomia do aluno começam a ganhar forma, e o debate sobre autonomia na educação se torna o foco no ensino de línguas, ainda que não houvesse consenso para o termo autonomia. É o caso de Benson (2001), que apresenta diferentes versões ou formas de autonomia – as versões “técnica”, “psicológica” e “política”, para descrever a autonomia no campo da aprendizagem de línguas.

Dentre elas, a versão política é a que mais se afina com os objetivos desta pesquisa, uma vez que vê a aprendizagem como um processo de engajamento com o contexto social e implica em possibilidade de ação política e mudança social. Tal versão também sinaliza para práticas que diminuem as diferenças sociais, e nesse sentido, a tecnologia representa a possibilidade de acesso de todos ao conhecimento.

Ainda, os estudos de Nicolaidis (2007) sobre o desenvolvimento da autonomia na aprendizagem de línguas enriqueceram esta pesquisa, serviram de base para a análise dos dados e ainda como norte para observar o desenvolvimento da autonomia dos alunos. A autora se baseia nas três versões de autonomia propostas por Benson (1997), como vimos acima, no autogerenciamento de Rubin (2001) e no conceito de autonomia proposto por Holec (1981) para sugerir oito aspectos que podem apontar para o desenvolvimento da autonomia.

Outro eixo levantado nesta pesquisa é o da tecnologia como propiciadora da aprendizagem de línguas e do desenvolvimento da autonomia. A evolução tecnológica mudou o cotidiano das pessoas em ritmo acelerado. Hoje, ao buscarmos uma receita culinária, já não recorremos aos livros antigos de receitas, as pessoas quando têm dúvidas já não pesquisam as coleções consagradas do passado e as crianças, desde pequenas, já começam a se familiarizar com a internet. Os telefones que antes serviam apenas para fazer chamadas, hoje têm funções antes inimagináveis, como a possibilidade de chamadas de vídeo, função de localização do usuário, entre outras.

No contexto escolar, Kenski (2013) acrescenta que os tempos mudaram e que exigem novas propostas pedagógicas que não se baseiem em reter informações em si, mas novas posturas que nos conduzam a reflexões sobre como consumir informações de maneira seletiva, a discutir propostas que convergem a princípios

educacionais no sentido de aumentar as possibilidades de transpor os limites físicos e temporais das salas de aula. É preciso também assumir, como diz a autora, que não podemos saber tudo, mas que, com o que sabemos podemos contribuir para que todos possam aprender de forma colaborativa.

Com respeito às mudanças na forma de se obter informações, Kenski (2013) afirma que no passado a pessoa era definida por sua “bagagem intelectual” e o objetivo era incorporar o máximo de conhecimento e informações durante o processo de escolarização. Dos professores e da escola emanavam os conhecimentos que preparariam os alunos para atuarem no mundo. Hoje, segundo a autora, não é mais a pessoa que busca a informação, mas a informação é que está em toda parte, e chega das mais variadas fontes, como rádios, jornais, celulares, televisores e pelas redes digitais. Já não se faz necessário saber tudo, nem ter um acervo pessoal de informações, uma vez que o conhecimento está armazenado no ciberespaço, na internet e pode ser compartilhado entre todos. O importante é que as pessoas atualizem frequentemente seus conhecimentos e suas competências.

Com a internet aumentaram as possibilidades de acesso à informação e de comunicação, de recursos variados como filmes, vídeos, imagens que tanto se encontram ao alcance dos alunos quanto dos professores e podem servir como material de ensino e aprendizagem. As novas formas de comunicação e de criação de sentidos nos levam a pensar em novas demandas para a formação cidadã, pessoal e profissional, advindas de mudanças maiores na forma de organização das sociedades contemporâneas.

A incorporação das tecnologias no ensino de línguas, de acordo com Carini, Macagnan e Kurtz (2008) é uma questão muito relevante na atualidade. Os autores afirmam que não se pode ignorar o potencial e o alcance dos artefatos digitais, nem a sedução que eles causam em crianças, jovens e adultos, pois a informatização já está presente no cotidiano das pessoas.

Todas as mudanças decorrentes da tecnologia sinalizam para transformações necessárias também no contexto educacional. O papel do professor passa a ser o de facilitador no processo de aprendizagem e no desenvolvimento da autonomia de seus alunos. O aprendiz se torna autônomo, co-construtor de sua aprendizagem e não somente um espectador do conhecimento. Ou seja, a aprendizagem se dá em

processo interacional em que alunos e professores trabalham juntos na construção de novos conhecimentos e habilidades.

Ao tornar-se o mediador entre o aluno e o conhecimento, o professor desempenha, na interpretação de Masetto (2013), um papel de ponte, não uma ponte estática, mas rolante, que colabora para que o aluno atinja seus objetivos. Nesse papel mediador, ele motiva o aluno a buscar informações, a discuti-las, a debatê-las com os colegas de forma que ele próprio passe de mero receptor da informação ao papel de construtor de sua própria aprendizagem, como pondera Mota-Roth (2010) sobre as possibilidades trazidas pela comunicação mediada por computador aos processos de ensino e aprendizagem. Ao agir sobre a construção do próprio conhecimento, este se torna significativo e traz para os alunos novas compreensões de sua realidade social e de formas de intervir sobre ela. No mesmo sentido, Masetto (2013) argumenta que as tecnologias propiciam diferentes formas de interação entre alunos e professores para enriquecer juntos seus conhecimentos. Para compreender essa nova forma de ensinar, é necessário que o professor repense sua prática e construa novos saberes a partir de uma formação continuada voltada para os desafios de ensinar no século XXI.

O quadro metodológico desta pesquisa a descreve como uma pesquisa qualitativa interpretativista em Linguística Aplicada, cujo foco é compreender como se dá o desenvolvimento da autonomia na aprendizagem de língua espanhola mediada pelas tecnologias.

Moita-Lopes, em 1996, já afirmava que a pesquisa-ação era uma forte tendência para as pesquisas realizadas pelo professor-pesquisador em que o professor se torna o pesquisador da própria prática. Hoje, esse tipo de pesquisa segue sendo uma opção adequada para se investigar o que acontece na sala de aula, porque o professor assume uma posição privilegiada de pesquisador inserido naquele contexto. Para Dionne (2007), este tipo de pesquisa é uma abordagem que busca aproximar a teoria e a prática na tentativa de compreender melhor a realidade e as possibilidades de mudanças de uma situação inserida no cotidiano de pesquisador e pesquisados, que também intervêm na tomada de decisões sobre o processo.

Escolhi este método por acreditar que por estar inserida no contexto da pesquisa posso ter melhor percepção do processo. Coloco-me, assim, de acordo com

Moita-Lopes (1996) quando ressalta o quanto é esclarecedor para o processo de ensino e aprendizagem o que acontece na sala de aula entre o aluno e o professor. O procedimento de pesquisa-ação usado neste estudo é o proposto por Dionne (2007), que recorre ao esquema de ciclo em quatro fases: identificação da situação, projeção de ações, realização de atividades, e avaliação de resultados.

Os instrumentos de coleta de dados me proporcionaram executar essas quatro fases. O questionário diagnóstico me permitiu conhecer melhor os alunos, suas preferências com relação à aprendizagem e como entendem os temas utilizados para a pesquisa. O questionário sobre aprendizagem autônoma possibilitou a projeção das ações, as discussões sobre como deveriam acontecer os encontros, e a reflexão sobre as estratégias que usaríamos em busca da autonomia e ainda, sobre as concepções dos estudantes sobre o termo autonomia.

A realização das atividades foi documentada nos diários de bordo e de itinerância, que revelam tanto as minhas impressões quanto as dos alunos acerca de cada atividade.

Para fazer uma avaliação dos resultados das atividades e para que os alunos também pudessem fazer uma autoavaliação de sua participação no processo de aprendizagem proposto, foi realizado um grupo focal. Nele, os alunos avaliaram o próprio desenvolvimento na língua alvo, a construção da aprendizagem autônoma e o uso das tecnologias. De minha parte, pude avaliar minha prática como professora-pesquisadora e como mediadora do conhecimento.

Para a coleta e análise dos dados optei pelo método da triangulação, uma forma de combinação de diferentes fontes de dados e me apoiei nos estudos de Minayo (2010). Para isso, inicialmente apresentei a descrição dos dados dos questionários e dos diários e, com o grupo focal, construí a síntese das interpretações dos dados coletados. Para a triangulação foram usadas três categorias de análises que serviram como eixos temáticos ao longo da pesquisa: o uso das tecnologias, tomada de consciência sobre o desenvolvimento da aprendizagem autônoma e aprendizagem do espanhol como língua estrangeira.

1.1 Justificativa

A motivação para esta pesquisa está em minha inquietação por ver as potencialidades das tecnologias e mídias digitais tão distantes da sala de aula. Alunos que usam as tecnologias diariamente, mas desconhecem as infinitas oportunidades de informações relevantes ao conhecimento que elas representam. Assim, pensei em como poderia exercer o papel de mediadora entre os alunos e a construção de conhecimento e de habilidades em língua espanhola no contexto educacional em que atuo.

Incomoda-me ver alunos ainda cativos de um sistema que não os vê como sujeitos da própria aprendizagem. Por esse motivo, vislumbro uma escola em que os alunos sejam os protagonistas e o professor seja o mediador, não um controlador da aprendizagem, e um sistema político educacional que leve em conta todos esses fatores. Não desejo preparar alunos para o mercado de trabalho, mas para serem cidadãos do mundo que exerçam autonomia sobre suas ações nas diferentes esferas da atividade humana em que est(ar)ão inseridos.

Com relação à autonomia percebo que está nos discursos, mas não no fazer pedagógico. Por isso, nesta pesquisa apresento visões diferentes de autonomia que me permitem experimentar a aprendizagem autônoma em sala de aula e, na prática, conhecer os resultados tanto para os alunos como para mim como professora-pesquisadora.

A escolha do tema desta pesquisa foi, ainda, motivada pelas leituras que fiz durante as aulas de mestrado, dentre as quais cito a pesquisa de doutorado de Nicolaidis¹ pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (2003), com o título *A busca da aprendizagem autônoma de língua estrangeira em contexto acadêmico*, em que analisa o processo de desenvolvimento da autonomia de alunos em um centro de autoacesso da Universidade Católica de Pelotas RS.

¹ Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/3995/000406519.pdf?sequence=1> – Acesso em 20/08/2016

Outra pesquisa motivadora foi a tese de doutorado *A Espiral da Espiral de Aprendizagem: o processo de compreensão do papel das tecnologias de informação e comunicação na educação*, de Valente² pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP (2005), em que analisa e discute o processo de compreensão do papel das tecnologias na educação e, mais especificamente na construção do conhecimento.

Outro trabalho também importante para esta pesquisa foi a tese de doutorado de Lima³ com o título *Ensino de línguas mediado por computador: um estudo das propostas de atividades online para o ensino da compreensão e produção oral em ensino da compreensão e produção oral em língua inglesa* pela Universidade Federal do Ceará - UFC (2012), em que desenvolve um estudo sobre as propostas de atividades online em língua estrangeira mediada por computador.

Dentre tantos outros trabalhos que serviram como inspiração, destaco ainda a dissertação de mestrado de Barros⁴ com o tema *O ambiente virtual como um espaço para a autonomia na aprendizagem de línguas*, pela UnB em 2011. Neste trabalho a autora investigou as potencialidades dos ambientes virtuais para a aprendizagem da língua inglesa.

Enriquecida por esses estudos, a presente pesquisa foi realizada no programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Brasília, na linha de pesquisa Processos Formativos de Professores e Aprendizes de Línguas. O estudo foi conduzido em uma escola de ensino privado da cidade de Unaí-MG, no período de 04/08/2016 a 28/8/2017.

² Disponível em:

http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/284458/1/Valente_JoseArmando_LD.pdf Acesso em 23/09/2016

³ Disponível em: <http://docente.ifrn.edu.br/samuellima/ensino-de-linguas-mediado-por-computador> - Acesso em: 22/10/2016

⁴ Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/8981/2/2011_JuliaMariaAntunesBarros.pdf - Acesso em 15/12/2016

Neste capítulo introdutório apresentei a trajetória da pesquisa, as contribuições teóricas que a fundamentaram, bem como as mudanças contemporâneas que justificam a busca pela autonomia no ensino de línguas mediado pelas tecnologias.

Na próxima seção explicito os objetivos desta pesquisa, as questões norteadoras deste estudo e a organização da dissertação.

1.2 Objetivos de pesquisa

1.2.1 Objetivo Geral

- Avaliar as potencialidades das tecnologias no processo de construção da autonomia na aprendizagem do espanhol como língua estrangeira.

1.2.2 Objetivos específicos

- Identificar as estratégias de uso autônomo de tecnologias digitais desenvolvidas pelos próprios alunos na aprendizagem do espanhol como língua estrangeira;
- Explorar com os alunos as potencialidades das tecnologias digitais na construção da autonomia em aprendizagem da língua espanhola;
- Refletir sobre prática de professores de línguas como mediadores em uma experiência de aprendizagem autônoma.

1.3 Perguntas de pesquisa

- Que estratégias de uso autônomo de tecnologias digitais podem ser facilitadoras na aprendizagem do espanhol como língua estrangeira?
- Quais potencialidades das tecnologias digitais podem ser relacionadas ao desenvolvimento da autonomia na aprendizagem da língua espanhola?
- Qual é o papel do professor mediador na criação de um ambiente favorecedor do desenvolvimento da autonomia na aprendizagem de línguas?

1.4 Organização da dissertação

Esta pesquisa está dividida em 5 capítulos que estão assim apresentados:

No primeiro capítulo, exponho minhas inquietações que serviram de motivação para a escolha do tema, a problematização da pesquisa, meus objetivos e questões de pesquisa.

No segundo capítulo apresento o quadro teórico que me permitiu a interpretação dos dados gerados pelos instrumentos de coleta. O quadro teórico foi dividido por eixos temáticos: autonomia na educação, tecnologia e mediação.

No terceiro capítulo, são apresentados os pressupostos da pesquisa qualitativa, as etapas metodológicas da pesquisa-ação, os instrumentos para a coleta de dados, contexto da pesquisa e a descrição dos dados.

No quarto capítulo comento os dados dos questionários e dos diários, triangulados com a análise dos dados vindos do grupo focal, e os analiso a partir de três categorias de análise: uso das tecnologias, tomada de consciência sobre o desenvolvimento da aprendizagem autônoma, e aprendizagem do espanhol como língua estrangeira.

No quinto capítulo faço minhas considerações finais, retomo as perguntas de pesquisa e os objetivos e deixo sugestões para novas pesquisas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para fundamentar esta pesquisa, trago contribuições de diferentes autores que tratam dos três eixos desta pesquisa: autonomia na aprendizagem de línguas, uso de tecnologias na aprendizagem de línguas e desenvolvimento da autonomia, e a mediação que envolve todo o processo de construção do conhecimento.

2.1 Autonomia na educação

Como vimos, os tempos atuais pedem novas formas de atuar na educação. Para uma construção significativa do conhecimento é preciso formar alunos autônomos, despertar neles o senso crítico para que possam contribuir de maneira positiva na sociedade em que vivem.

A educação libertadora sugerida por Paulo Freire incentiva a formação de sujeitos curiosos, capazes de refletir sobre sua formação e sobre o mundo a sua volta. Neste cenário a escola deve ser um espaço democrático, de respeito, de compreensão, tolerância, em que o professor medeia a aprendizagem, respeita as individualidades e incentiva o desenvolvimento da autonomia.

Neste capítulo, apresento algumas contribuições teóricas buscando entender o termo autonomia, os aspectos que podem indicar o desenvolvimento da autonomia na aprendizagem de línguas propostas por Christine Nicolaidis e os desafios na introdução da aprendizagem autônoma.

2.1.1 Buscando entender o termo autonomia

Conceituar autonomia não é tarefa fácil e durante décadas vários autores procuraram dar forma a esse conceito. Por isso, para entender os percursos do termo autonomia, neste trabalho, busco fontes teóricas que facilitam a sua compreensão. Dão base para este trabalho as definições de autonomia as obras *Autonomy in Language Learning* de Henry Holec (1981); *Self-instruction in Language Learning* de Leslie Dickinson, (1987); *Learner Autonomy: definitions, Issues and Problems* de David Litta (1991); *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa* de Paulo Freire (1996); *Autonomy and Independence in Language Learning*

de Phil Benson e Peter Voller (1997); *Teaching and Researching Autonomy in Language Learning* de Phil Benson (2001).

Esses autores foram selecionados por serem referências em trabalhos sobre autonomia nas últimas décadas e suas definições têm em comum a noção de que se trata de um direito, uma capacidade inerente ao indivíduo e são apresentadas ora em sentido mais amplo, ora mais específico, como é o caso do campo de aprendizagem de uma língua estrangeira, objeto deste trabalho.

Holec (1981, p.3) é o primeiro teórico a apresentar uma definição seminal para autonomia no contexto de ensino de línguas e a define como sendo: "A capacidade de encarregar-se de sua própria aprendizagem"⁵. Essa visão outorga ao aluno a responsabilidade por todas as decisões relativas à aprendizagem, como determinação dos objetivos, conteúdos, métodos e técnicas a serem utilizadas e avaliação do conhecimento adquirido.

Porém Paiva (2006) considera a definição de Holec um tanto ingênua alegando que não consegue imaginar alguém responsável pela própria aprendizagem sem levar em conta outros fatores que também intervêm no processo de aprendizagem. Em contexto real de sala de aula, é possível ver que os alunos ainda não estão prontos para assumirem o controle total de sua aprendizagem e, talvez esse não seja o objetivo. Outro fator de discussão é que essa definição parece não levar em consideração a participação do professor nesse processo.

Também é lacuna dessa visão o fato de Holec não deixar claro de que forma essa autonomia, conceituada por ele, deve ser implantada na educação e, mais especificamente, na aprendizagem de uma língua estrangeira e também por não mencionar o papel do professor, dá a entender que é do aluno a inteira responsabilidade pelo seu conhecimento.

Mas esse conceito representa um aspecto social importante para que o indivíduo possa se tornar apto para a vida em comunidade. E tem servido como ponto de partida para estudiosos do conceito de autonomia em áreas específicas da aprendizagem.

⁵ Expressão original em inglês: "The ability to take charge of one's own learning"

Dickinson (1994) é outro autor que contribui para o entendimento do termo autonomia e sobre o papel do professor. Ela afirma que este deve encorajar a independência do aluno, convencê-lo de que ele é capaz de altos níveis de independência, expô-lo a situações de autonomia bem-sucedidas, além de dar a ele oportunidade de desenvolver a própria independência por meio de estratégias de aprendizagem.

Antes de apresentar uma proposta de conceituação, Dickinson (1994) apresenta algumas contradefinições de autonomia em relação à aprendizagem como a de que autonomia não é uma questão de colocar o aprendiz em isolamento, numa alusão de que o espaço físico seja determinante para a autonomia; também não é uma ameaça aos professores, pois a eles cabem novas funções, como estimular e apoiar a aprendizagem dos alunos.

Holec via a autonomia como uma capacidade, e a autonomização como uma forma de adquirir as capacidades necessárias para realizar a autodireção. Dickinson amplia essa capacidade ao incluir a atitude do aluno em relação ao aprendido, que pode acontecer tanto na sala de aula como em centros de aprendizagem de acesso próprio.

Outro teórico importante é David Little (1991) que em seu livro *Learner Autonomy: Definitions, Issues and Problems* busca ampliar a proposta de Holec de maneira mais específica para o ensino-aprendizagem de LE. Ele começa desvelando interpretações equivocadas do termo e, como Dickinson, deixa claro que autonomia não é sinônimo de autoinstrução e, quanto ao papel do professor, afirma que é preciso que ele deixe de ser o controlador da aprendizagem.

Little (1991, p.4) vai além em sua definição ao afirmar que “autonomia é a capacidade de planejar, monitorar e avaliar as atividades de aprendizagem, e, necessariamente, abrange tanto o conteúdo quanto o processo de aprendizagem”.

A visão do homem como ser social aparece em Little (1991, p.3), quando afirma que isolamento não é sinônimo de autonomia e sugere a participação de um professor quando afirma que autonomia não é sinônimo de autoinstrução:

Esta suposição tem duas fontes principais. A primeira é a crença de que os alunos autônomos tornam o professor redundante, o que está intimamente relacionado ao nosso primeiro equívoco. A segunda fonte é a crença de que

qualquer intervenção por parte do professor pode destruir qualquer autonomia que os alunos conseguiram atingir.⁶

O autor ressalta ainda que autonomia não é um novo método de ensino, mas defende que é improvável que os alunos se tornem autônomos sem o encorajamento dos professores.

A visão de Little é mais clara que a de Holec com relação ao papel do professor. Little defende a ideia de que provavelmente os alunos não se tornem autônomos sem o incentivo do professor, mas ele enfatiza a necessidade de redefinição do papel deste professor, como aquele que cria os meios e as condições para o desenvolvimento da autonomia.

As ideias dos dois autores são muito semelhantes quanto à autonomia na educação, como sendo uma habilidade marcada pela independência, pela formação social do indivíduo e pela interação. Holec (1981) amplia defendendo que a educação, institucionalizada ou não, é um processo interativo e social e acredita que nossa capacidade de autoinstrução também se desenvolve a partir de experiência de aprendizagem em interação com os outros.

Little teve um papel importante na implementação de práticas pedagógicas na promoção da autonomia e dentre elas está a disseminação dos centros de autoacesso. Segundo Nicolaidis (2003) os centros de autoacesso são a evolução dos chamados “Laboratórios de Línguas” muito divulgados nos anos 60 e que tinham como aporte a abordagem behaviorista que defendia que o aluno aprendia pela fixação de estruturas e formação de novos hábitos. Tinha como objetivo a fluência muito próxima à do falante nativo, não visava a comunicação e havia a crença de que o trabalho de autoinstrução por si só conduziria à autonomia.

Na visão de Little o aluno autônomo é aquele que participa ativamente do seu processo de aprendizagem, assumindo a responsabilidade e traçando seus objetivos, procura sanar suas dúvidas, propõe soluções e busca aplicar o conteúdo aprendido em outras áreas do seu conhecimento. A autonomia aparece no modo como se

⁶ Esta e as demais traduções do inglês presentes neste trabalho são de minha total responsabilidade.

aprende e pelo modo como o aluno transfere o que aprendeu para outros contextos de aprendizagem.

Paiva (2006) acredita que as definições de Little e de Dickinson podem ser aplicadas muito efetivamente sem as restrições de um contexto educacional formal em que o aprendiz tem a liberdade de escolher o que quer aprender, onde e quando, mas chama de utópico o conceito de que o aprendiz autônomo é capaz de assumir totalmente o controle de sua aprendizagem e de tomar as decisões concernentes a ela para poder implementá-las. A autora afirma que de modo geral os alunos de Língua estrangeira se valem de algum material produzido por alguém para tomar decisões sobre sua aprendizagem.

No Brasil, na década de 60, no campo da educação, havia uma corrente que defendia o papel social do indivíduo. A obra de Paulo Freire (1996) *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* contribui para a reflexão, pois traz saberes fundamentais em favor da autonomia do educando⁷. O autor começa o capítulo “Não há docência sem discência” fazendo uma metáfora da prática de ensino com a atividade de cozinhar que inclui saberes sobre o uso do fogão, como acendê-lo, como lidar com a chama ou evitar incêndios, harmonizar os temperos e preparar uma saborosa comida. Segundo o autor, tal como na aprendizagem, é a prática que vai preparando o novato e é na prática que o aprendiz vai adquirindo seus saberes, assim como é na prática que alguém se torna um bom cozinheiro.

Na visão de Paulo Freire não podemos aceitar que no processo de ensino e aprendizagem haja sujeito formador em relação ao sujeito objeto, ou aquele que é paciente, que recebe conhecimentos e conteúdos acumulados pelo sujeito do saber que tem a obrigação de transferi-los ao sujeito em formação. Paulo Freire (1996), sobre o processo de formação, afirma que:

É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao for-mar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. (Freire, 1996, p. 12)

⁷ Neste trabalho os termos alunos, aprendizes, aprendentes, educandos são considerados sinônimos. Eles foram usados, muitas vezes, repetindo a escolha do autor para o termo.

Essa visão deixa claro que o professor não é o detentor dos saberes e que pode também aprender com os alunos, por isso, o autor defende a busca do conhecimento pela interação. Nas palavras de Freire (1996, p. 12) “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.”

O autor é avesso “à educação bancária” em que o conteúdo do conhecimento é transferido ao educando sem que este faça parte do processo ao qual foi sujeitado. Segundo Paulo Freire essa atitude deforma a força criadora do aprender, destrói a criatividade do educando e a capacidade de arriscar-se e aventurar-se.

Os ideais de Paulo Freire incluem despertar nos alunos a consciência crítica sobre sua aprendizagem para que se tornem sujeitos ativos no processo de aprendizagem. Para ele:

Faz parte das condições em que aprender criticamente é possível a pressuposição por parte dos educandos de que o educador já teve ou continua tendo experiência da produção de certos saberes e que estes não podem a eles, os educandos, ser simplesmente transferidos. Pelo contrário, nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. (Freire, 1996, p. 13)

Sobre o papel do professor, Paulo Freire diz que é preciso que ele seja crítico e não um memorizador, um repetidor cadenciado de frases e ideias inertes e nada desafiadoras. É o professor quem vai deixar transparecer aos educandos a beleza que é estar no mundo, como seres históricos, com a capacidade de conhecer e intervir em seu curso. É ele quem vai criar as possibilidades para que os alunos possam produzir e construir seu próprio conhecimento.

Outra contribuição para o conceito de autonomia, em contexto mais específico de ensino e aprendizagem de línguas, é a de Phil Benson e Peter Voller que em 1997 publicam *Autonomy and Independence in Language Learning* e retomam a definição de Holec, mas observam que no ensino e aprendizagem de línguas esse termo tem sido usado para diferentes situações em que o aprendiz está exercendo sua autonomia em aprendizagem de LE:

Para situações em que os alunos estudam por sua própria iniciativa;
 Para um conjunto de habilidades que podem ser aprendidas e aplicadas na aprendizagem autodirigida;
 Para uma capacidade inata que é suprimida pela educação institucional;
 Para o exercício da responsabilidade dos aprendentes para sua própria aprendizagem;

Pelo direito dos alunos de determinar a direção de sua própria aprendizagem.
(BENSON E VOLLER, 1997, p. 1-2)

Relacionar autonomia às situações de aprendizagem vai ao encontro das ideias de Little que afirmava que não existe autonomia, mas autonomies, ou seja, situações diversas em que são evidentes as habilidades de gerenciamento da própria aprendizagem.

Phil Benson (2001), em seu livro *Teaching and Researching Autonomy*, retoma a definição de Holec: "A habilidade para assumir o controle da própria aprendizagem ". Prevalendo a ideia de que a autonomia está ligada ao controle sobre a aprendizagem. Benson ressalta que a autonomia pode ter diferentes formas para indivíduos diferentes e pode variar dependendo do contexto e do momento. O autor define autonomia como sendo:

a capacidade de assumir o controle da própria aprendizagem, em grande parte porque a construção do "controle" parece ser mais aberta à investigação do que as construções de "carga" ou "responsabilidade". Supõe-se que não é necessário nem desejável definir a autonomia com mais precisão do que isso, porque o controle sobre a aprendizagem pode assumir uma variedade de formas em relação aos diferentes níveis do processo de aprendizagem. Em outras palavras, é aceito que a autonomia é uma capacidade multidimensional que terá diferentes formas para diferentes indivíduos, e mesmo para o mesmo indivíduo em contextos diferentes ou em momentos diferentes (Benson, 2001, p.47).

Com o intuito de entender melhor a autonomia, o autor destaca três níveis de independência sobre os quais o aprendiz autônomo de LE pode exercer o controle. Estes níveis consistem em que o aluno decida livremente sobre o conteúdo da aprendizagem, que controle as situações de aprendizagem e que faça uso de certas capacidades de interação com outros sujeitos que façam parte do processo.

Benson critica a pouca discussão que tem havido no sentido de definir a autonomia no campo teórico da aprendizagem de línguas e propõe a existências de três versões para aprendizagem autônoma na aprendizagem de línguas: a técnica, a psicológica e a política, que se relacionam respectivamente com três importantes abordagens do conhecimento; o Positivismo, o Construtivismo e a Teoria Crítica⁸.

⁸ Segundo Moura Filho (2009, p. 260), no Positivismo, a linguagem é uma representação direta da realidade objetiva, no Construtivismo, o conhecimento é visto como construção de significados e para

A versão técnica é entendida pelo autor como sendo aquela aprendida fora de uma instituição de ensino e sem a interferência do professor, e o aluno é considerado autônomo quando assume o controle de sua aprendizagem. A preocupação é em equipar o aprendiz com técnicas e habilidades para gerir o seu processo de aprendizagem.

Na versão psicológica a autonomia é vista como capacidade, habilidade para ter responsabilidade pelo próprio processo de aprendizagem. O foco está no processo de desenvolvimento interno e na construção interna das atitudes e habilidades.

A terceira visão proposta por Benson (1997) é a versão política na qual a autonomia é vista como uma combinação entre o aprendizado individual e o aprendizado institucional que fazem parte do processo de aprendizagem. A versão política focaliza a participação do aluno nos processos e conteúdo da aprendizagem. Nessa versão, em consonância com a pedagogia crítica⁹, o aluno deve ser despertado para o seu papel social, interferindo no processo sócio-histórico e tornando-se corresponsável pelas mudanças em seu ambiente.

Nesta visão, a língua não é mais vista como uma ferramenta de comunicação, como supunham as abordagens de autonomia dos anos 1980 e 1990, mas como uma prática social, alinhando-se à proposta de que é por meio dela que o aluno se torna agente de sua aprendizagem e de seu contexto sócio-histórico.

Assumindo se identificar mais com a versão política por permitir diferentes tipos de engajamento, Benson e Voller (1997) relacionam várias situações nas quais a autonomia pode ser promovida em diferentes níveis de engajamento político como:

1. Interação autêntica com a língua-alvo e seus/suas falantes;
2. Trabalho cooperativo em grupo e tomada de decisões coletivas;
3. Participação em tarefas com resultados não definidos;
4. Aprendizado sobre a língua-alvo e sobre o contexto social dela;
5. Exploração de objetivos de aprendizagem sob os pontos de vista crítico e social;
6. Criticidade quanto a tarefas e materiais de aprendizagem;
7. Produção de tarefas e materiais pelo(a)s aprendizes;

a Teoria Crítica, a aprendizagem é um processo de engajamento no contexto social, que acarreta possibilidades de ação política e de mudança societária.

⁹ Princípios difundidos, em especial nos anos 70, por Paulo freire, cujo discurso prega que “quer como leitores, quer como escritores, no compasso da pedagogia crítica os alunos são imaginados/idealizados como sujeitos de sua prática, como agentes históricos da transformação da sociedade em que vivem numa sociedade mais justa, mais igualitária. (Cox e Assis-Peterson 2001:16)

8. Controle sobre o gerenciamento da aprendizagem
9. Controle sobre o conteúdo da aprendizagem;
10. Controle dos recursos;
11. Discussão e crítica das normas da língua-alvo. (BENSON E VOLLER, 1997, p. 33)

Apesar de ter proposto a divisão da autonomia em três categorias, Benson (1997) nos fala que é possível desfrutar de cada uma delas e que a maioria dos processos de aprendizagem autônoma envolve combinações diferentes das três categorias. Mas chama a atenção para o fato de que a autonomia como um conceito político levado para a Linguística Aplicada é uma noção muito flexível e facilmente adaptada a diferentes abordagens.

Percebo que todas essas definições levam em consideração algum aspecto significativo da autonomia na aprendizagem e os contextos variam entre ambientes formais ou de autoinstrução, algumas têm o aprendiz como foco, outras, ressaltam as circunstâncias de aprendizagem ou até mesmo os fatores intrínsecos ou extrínsecos, mas o momento atual exige uma visão mais abrangente do que seja autonomia. Por isso, embasada em conhecimentos empíricos do contexto de sala de aula, faço algumas observações relevantes para o contexto da pesquisa.

Minha primeira observação é que na aprendizagem formal de línguas o alcance da autonomia do aluno está vinculado a sua capacidade em expressar-se na língua de aprendizagem. É na autonomia como comunicador, na interação com os outros que atingimos o aspecto social da língua.

A meu ver, outra questão que exige novos olhares sobre o tema autonomia é a internet, uma ferramenta importante no processo de aprendizagem de língua estrangeira. Para que seja usada efetivamente, é necessário propiciar ao aluno a habilidade para se adaptar às tecnologias digitais e de circular por ambientes virtuais. O aluno autônomo deve ser capaz de buscar o conhecimento, de maneira consciente e ativa.

E por fim, entendo que a metáfora de que o aluno deve colocar a “mão na massa”, se aplica perfeitamente quando o assunto é autonomia. Alunos autônomos são mais motivados e o sucesso na aprendizagem tende a ampliar a motivação, portanto é preciso despertar no aluno o prazer pelo conhecimento, que ele possa

participar das escolhas temáticas, deixar claro seus objetivos e participar ativamente do processo de planejamento, desenvolvimento e avaliação.

Entendo assim, que autonomia não é sinônimo de autossuficiência, ou de tomada de decisões sem depender de ninguém, como definem alguns alunos quando perguntado a eles o que entendem por autonomia. Ao contrário, é no trabalho em grupo, na interação professor-aluno e aluno-aluno que o conhecimento é construído. Tampouco é sinônimo de isolamento do aluno. O professor tem um papel importante na construção do saber, os novos tempos exigem que ele seja um mediador, alguém que incentiva a construção solidária do conhecimento.

Portanto, uma definição de autonomia na contemporaneidade deve atentar para o desenvolvimento linguístico na língua-alvo, para a habilidade em usar as tecnologias digitais, pela interação e pela mediação do professor. O ideal é que o conceito esteja relacionado à capacidade para aprender, para aprender a aprender, por meio de práticas capazes de levar o aluno a fazer escolhas responsáveis sobre sua aprendizagem.

Nesta seção fiz uma exploração dos estudos de autores relevantes sobre autonomia e todos foram importantes, sobretudo a versão política de autonomia proposta por Benson (1997) que defende a língua como prática social, que coloca o aluno como o gestor do seu processo de aprendizagem, consciente de seu papel social e agente transformador do espaço em que vive.

Na próxima seção, para compreender o processo de desenvolvimento da autonomia na aprendizagem de línguas, apresento os oito aspectos propostos por Nicolaidis (2007) que contribuíram, nesta pesquisa, para a interpretação e compreensão dos dados coletados.

2.1.2 Desenvolvimento da autonomia na aprendizagem de línguas

Levando em conta as perspectivas técnica, psicológica e política propostas por Benson (1997), as estratégias metacognitivas para o autogerenciamento da aprendizagem sugeridas por Rubin (2001) e o conceito de autonomia de Holec (1981) como a capacidade de o aprendiz encarregar-se de sua própria aprendizagem, Nicolaidis (2007) identifica oito aspectos a serem analisados para observar o desenvolvimento da autonomia em contextos de aprendizagem. São eles:

1- Capacidade de definir suas metas no curso: é importante que o aluno conheça os objetivos e metas e saiba aonde quer chegar para desenvolver a sua autonomia.

Acredito que no começo os alunos fiquem tímidos na escolha das atividades, mas depois, despertados pela curiosidade e mais dispostos a ir além dos conhecimentos que recebem em sala de aula, possam se tornar mais cientes da importância de serem os protagonistas de sua aprendizagem.

2- Concepção de seu papel de aprendiz: segundo Nicolaides (2003), no sistema educacional atual, o aluno tem pouca ou nenhuma oportunidade para expressar como entende seu papel na aprendizagem:

Não lhe é esclarecido que há mais de uma forma de aprender, ou seja, não apenas aquele ensino centrado no professor, em que esse é o “dono do conhecimento” e ao aluno cabe o papel de “absorver esse conhecimento”, mas que há uma outra forma de aprendizado na qual ele passa a ser responsável por sua própria aprendizagem. (Nicolaides, 2003, p.86)

3- Caminhos traçados para buscarem suas metas: A autora considera relevante analisar como os alunos buscam atingir suas metas, para poder traçar os seus perfis e ainda poder refletir sobre as diferentes maneiras de aprender.

4- Capacidade de identificarem suas dificuldades como aprendizes: para a autora, é importante analisar a capacidade do aprendiz em detectar seus problemas e dificuldades ao aprender uma língua estrangeira. E muitas vezes são essas dificuldades que os impedem de desenvolver a autonomia e de continuarem tendo uma atitude passiva diante do conhecimento.

5- Capacidade de buscarem soluções para suas dificuldades e problemas: Na maneira como buscam identificar seus problemas na aprendizagem e em como encontram soluções para essas dificuldades, segundo Rubin (2001) é possível perceber características de autonomia.

6- Capacidade de se autoavaliarem: depois de verificado se o aprendiz é capaz de identificar suas dificuldades, a autora diz que é importante que ele procure soluções possíveis, outra etapa a ser analisada é a sua capacidade de se autoavaliar. De acordo com Rubin (2001), essa capacidade é uma das características do aluno que sabe se autogerenciar, o que o torna um aprendiz mais autônomo.

7- Suas opções ao buscarem seu conhecimento, sozinhos, em pares ou em grupos: baseada na versão política de autonomia de Benson (1996), a autora defende que a aprendizagem autônoma tem influência sobre o meio em que o aprendiz está inserido. E uma das formas pelas quais o aprendiz se adapta ao ambiente de aprendizagem é sua escolha na forma de aprender, sozinho, em pares ou em grupos.

8- Capacidade de exercer autonomia como aprendizes nas oportunidades oferecidas pelo contexto: segundo a autora, muitas vezes o aprendiz possui um perfil autônomo, mas não existe um espaço para que ele exerça essa autonomia. Por isso é importante dar oportunidades para que o aluno exponha o que pensa sobre a existência ou não de oportunidades. Esse aspecto enfatiza a versão política de autonomia proposta por Benson (1996), porque analisa como o aprendiz lida com as oportunidades ou com a falta delas para exercer um papel mais ativo em sua aprendizagem.

2.1.3 Desafios na introdução da aprendizagem autônoma

O processo de colocar em prática a autonomia é muito complexo e resistente a inovações (LEFFA, 2003). Dentre as dificuldades na introdução de uma aprendizagem autônoma está a cultura de sala de aula centrada no professor e que não atribui ao aluno a responsabilidade pela busca do seu conhecimento. Essa atitude contraria o conceito de Holec (1981) de que autonomia é a “habilidade de encarregar-se de sua própria aprendizagem” e a de Dickinson (1994) que concebe a autonomia como sendo “uma questão de atitude para a aprendizagem”.

Segundo Weininger (2008), na “construção social de conhecimentos” há um deslocamento do foco da intenção de aprender a língua-alvo para atividades que exigem habilidades linguísticas e assim os alunos, quando aprendem em situações de uso, aprendem mais do que durante seus esforços conscientes para aprender a língua.

Porém, Leffa (2003) ressalta que nas situações em que a língua estrangeira apenas é falada dentro da sala de aula, poucos vão adquirir conhecimento funcional da língua, no máximo conseguirão dar orientações a turistas estrangeiros, com frases decoradas ou ler algum texto de seu interesse. A preocupação maior do aluno, na maioria das vezes, é apenas tirar nota para passar para a série seguinte.

Leffa vê na autonomia uma forma de vencer algumas dessas dificuldades tanto para o aluno como para o professor. E sobre isso acrescenta:

os pouquíssimos alunos que conheci pessoalmente e que foram capazes de adquirir um conhecimento funcional da língua estrangeira, foram alunos autônomos, alunos que por conta própria foram muito além do que lhes foi exigido na sala de aula. Isso me leva a pensar que, excetuados os casos de imersão, só é possível aprender uma língua estrangeira se o aluno for autônomo. Se não for assim, ele vai ficar apenas no que é dado na sala de aula, e isso não basta para adquirir o domínio de uma língua. (Leffa, 2003, p.8)

Anteriormente, Paiva (2006) havia ressaltado a dificuldade de o aluno ser autônomo sem a ajuda de pelo menos um material de apoio e na citação acima Leffa condiciona a aprendizagem de uma língua estrangeira à autonomia do aluno. Concordo que a autonomia seja importante para a aprendizagem de uma língua estrangeira, mas também que para desenvolvê-la o aluno precisa de ajuda, sobretudo nos níveis mais elementares, e foi apoiada nessa necessidade que resolvi, com minha mediação, ajudá-los a desenvolver a autonomia.

Leffa (2003) reconhece o valor da autonomia para a aprendizagem de uma língua, mas ressalta que para que ela aconteça é preciso mudanças no papel do professor e do aluno. Sobre o modelo de aula autônoma Leffa ressalta:

Na aula autônoma, o professor precisa aprender que ele deixa de ser a autoridade máxima, tanto em termos de controle como em termos de conhecimento. Não é mais o dono do saber, que tipicamente só faz as perguntas que ele mesmo sabe responder. Na aula autônoma qualquer pergunta pode aparecer e o professor obviamente não tem a obrigação de saber todas as respostas. Seu papel é realmente o de facilitador da aprendizagem, ajudando o aluno a desenvolver sua autoconfiança, a se tornar ainda mais autônomo e ficar menos dependente dele, professor. (Leffa, 2003, p. 10-11)

O autor polemiza quando afirma que o ensino formal não tem condições de ensinar tudo que o aluno precisa saber e que a escola muitas vezes tolhe a aprendizagem dos seus alunos. Para ele a aprendizagem que realmente interessa é aquela que não é reprodução daquilo que já existe, é mais criativa, e isso só é possível com autonomia. Ele acrescenta, sem ressalvas, que o aluno deve saber mais que o professor, pois uma geração deve ir mais além que a anterior, caso contrário não haverá evolução e a evolução é a essência do ser humano.

Mas como encorajá-los a aceitar a responsabilidade por sua própria aprendizagem? O que fazer para promover aprendizagem autônoma? O que fazer

para que o aprendiz seja capaz de refletir criticamente sobre seu desenvolvimento? Na próxima seção será apresentada a tecnologia como meio para o desenvolvimento da autonomia, as diferentes abordagens de usos da tecnologia e algumas propostas de introdução de tecnologias digitais.

2.2 Tecnologias

A história é marcada pelo avanço tecnológico. Segundo Kenski (2008), a evolução social do homem está relacionada com as tecnologias desenvolvidas e usadas em cada época. Nas idades da pedra, do ferro e do ouro, por exemplo, foram criadas novas tecnologias para a exploração desses recursos. E assim, os avanços da humanidade são marcados por tecnologias cada vez mais sofisticadas.

Para a autora, a evolução tecnológica não altera somente o uso de equipamentos e produtos, mas também transformam o comportamento individual e do grupo social. Ela acrescenta que a cultura do homem mediado pelas tecnologias vai transformando sua maneira de pensar, sentir e agir, suas formas de adquirir conhecimento e de se comunicar.

Barton e Lee (2015) afirmam que as inovações promovidas pelas tecnologias podem mudar a vida de maneira acelerada, incluindo as atividades cotidianas, as práticas laborais e o mundo da aprendizagem.

Segundo Kenski (1999), a tecnologia faz parte do cotidiano das pessoas em todos os contextos e pouco a pouco e a vida contemporânea está mudando em muitos aspectos que acabam refletindo também na linguagem e nas práticas comunicativas.

Vemos, hoje, sinais de uma sociedade completamente transformada pelas novas tecnologias de informação e comunicação. Essas grandes transformações geradas pelas tecnologias impuseram, segundo Kenski (1999), novas formas de ensinar e de aprender, trazendo com isso a necessidade de aprendizagem constante e de adaptação às inovações. Segundo a autora, as tecnologias transformaram o modo como representamos o tempo e o espaço e ainda, invadiram nossa vida trazendo novas necessidades e exigências, e também grandes desafios para a escola na atualidade.

Embora o contexto atual seja o de um mundo voltado para as tecnologias digitais, há ainda um distanciamento da escola quanto à modalidade interativa de aprendizagem. Silva (2014) ressalta que a escola ainda não se deu conta da urgência da interatividade em sala de aula. Ele afirma que a escola ainda está muito preocupada com a transmissão de conhecimento, enquanto os alunos se apresentam como novos espectadores muito menos passivos, os professores ainda insistem na transmissão linear do conhecimento.

Para o autor, as novas tecnologias comunicacionais representam um desafio aos professores para que se atentem às novas formas de apropriação do conhecimento. Pois com as novas possibilidades interativas, o aluno aprende manipulando os recursos digitais e tem à sua disposição imagens, sons e textos. Nesse processo de interação a comunicação sai do paradigma da transmissão para a comunicação interativa.

Para esses autores, o aluno, acostumado com as tecnologias digitais fora da escola, já não se adapta ao sistema passivo de recepção de informações. Ele precisa viver a experiência e para isso as tecnologias digitais oferecem novos campos e novas possibilidades de busca, criação e recriação de informações que, segundo Silva (2014), se forem utilizadas de modo interativo, podem potencializar ações que resultam em conhecimento.

Kenski (2008, p. 27) afirma que todas as alterações que surgem da “banalização do uso e do acesso das tecnologias eletrônicas de comunicação e informação” afetam as instituições e as camadas sociais. A autora afirma ainda que, os saberes, os comportamentos e as informações se alteram com extrema velocidade e essas alterações também refletem sobre as formas de pensar e fazer educação. Para a autora, é necessário abrir-se para novas formas de ensinar e aprender mediadas pela atualidade tecnológica.

2.2.1 Tecnologias digitais em contexto de ensino e aprendizagem de línguas

Segundo Kitao e Kitao (2012) (apud Martins e Moreira, 2012) a história do ensino de línguas estrangeiras balança como um pêndulo conforme os professores buscam por diferentes soluções para melhores maneiras de ensinar uma língua

estrangeira. Assim, novas teorias vão surgindo ao longo do tempo e dando lugar a outras consideradas ideais para os diferentes contextos.

Os estudos de ensino de línguas buscam entender as diferentes teorias de ensino e aprendizagem ao longo do tempo. A tecnologia aparece no momento como fundamental para o desenvolvimento da aprendizagem de línguas e tem um campo específico de estudos.

A área específica para estudar as aplicações do computador no ensino e aprendizagem de línguas é o Campo CALL – Computer- Assisted Language Learning. Martins e Moreira (2012) esclarecem que estes estudos são, especificamente, quanto à relação existente entre a tecnologia e o ensino de línguas. Segundo os autores é importante ressaltar que o uso da tecnologia em sala de aula não é algo novo, pois se levarmos em conta que o giz e o quadro-negro sejam tecnologias, ela faz parte do cenário educacional há várias décadas.

Para que se entendam os caminhos pelo qual passou esse campo, é necessário fazer um panorama de seu uso. Nos anos de 1960 a 1970, os primeiros computadores começam a funcionar em laboratórios de línguas. A partir de 1980 – surgem os computadores pessoais e os estudos que associam a tecnologia com ensino de língua passam a ter uma denominação: CALL (Computer Assisted Language Learning) e desde então esse campo de estudos tem sido objeto de pesquisadores.

No Brasil, as pesquisas sobre CALL apenas ganham corpo a partir de 1998, principalmente devido ao fato de a pesquisas internacionais estarem escritas, na maioria das vezes, em inglês, o que dificultou, de início, a divulgação da área para professores de outras línguas (Martins; Moreira, 2012). Mas, ao longo do tempo, um conjunto de tecnologias vão sendo incorporadas à prática social e ganhando novos significados, enquanto surgem diferentes teorias de ensino e aprendizagem. Warschauer (1996) destaca três visões sobre a tecnologia no ensino de línguas: o enfoque determinista, o instrumentalista e a teoria crítica.

No enfoque determinista, segundo o autor, há uma insistência em provar que o computador realmente funciona no ensino. As pesquisas deterministas, embasadas

em uma visão comportamentalista da aprendizagem, apresentam o computador como uma máquina poderosa que pode trazer resultados determinados.

Já as pesquisas com enfoque instrumentalista tiram o foco da máquina, que passa a ser vista apenas como uma ferramenta. De acordo com Warschauer (1996) essas pesquisas minimizam a capacidade da tecnologia de potencializar a aprendizagem de línguas. Os alunos e o ensino de línguas são vistos como se as tecnologias não os pudessem afetar. Nesta visão a tecnologia é neutra, ou seja, é vista como uma ferramenta que serve aos objetivos dos seus usuários e não tem valor por si só.

Traçando um paralelo entre os dois enfoques, Warschauer (1996) afirma que ambos têm suas limitações. Segundo o autor, tanto a teoria determinista como a teoria instrumentalista apresentam uma atitude de “pegar ou largar” para com a tecnologia, como se nada pudesse ser feito e a sociedade devesse submeter a ela passivamente. O autor sugere que as pesquisas sobre tecnologias no ensino de línguas sejam guiadas por uma terceira teoria: a teoria crítica.

A teoria crítica não vê a tecnologia nem como determinista, nem como neutra, mas preserva o melhor de ambas, ou seja, há o pensamento de que a visão técnica e a visão social não sejam dissociativas. Usando essa teoria em uma sala de aula, haveria a preocupação de que o aluno aprendesse a usar o computador como ferramenta e ainda buscaria seu conhecimento de forma a atingir seus objetivos.

Pensando assim, pode-se acrescentar que para introduzir as tecnologias nas escolas não basta criar laboratórios de informática, mas que alunos e professores estejam preparados para produzir conhecimentos e usá-los para seu desenvolvimento e do ambiente onde vivem.

A evolução no ensino de línguas mediado pelas tecnologias dá origem a novas abordagens¹⁰ com ênfase nas teorias de aprendizagem. Soares-Vieira (2015) propõe em sua pesquisa de doutorado abordagens de ensino por meio de integração de

¹⁰ Soares-Vieira (2015) usa o termo abordagem e o compreende como metodologias adotadas pelo docente. Por isso empresto-o da autora também com esse sentido.

recursos tecnológicos em contexto das escolas, a saber: apropriação, complementação, produção e interação.

Abordagem de apropriação tem o objetivo pedagógico de manusear a tecnologia, pois às vezes o professor ou o aluno não dominam a ferramenta. Pode acontecer, segundo a autora, de o professor não ter o conhecimento pedagógico ao integrar uma nova ferramenta tecnológica, também o professor pode perceber que o aluno não tem o conhecimento técnico sobre o recurso integrado. Nos dois casos, a necessidade de exploração e o preparo do uso das tecnologias como recurso na preparação de uma aula de língua é evidente.

Em ambientes em que alunos e professores tenham acesso contínuo à internet é possível que esses problemas sejam menores, diferentemente de algumas escolas que embora tenham um laboratório, os alunos não possuem computador em suas casas e a internet pode ser de difícil acesso.

A autora acrescenta que muitas vezes a falta de conhecimento pedagógico aparece quando o professor procura ensinar a tecnologia sem objetivos pré-estabelecidos. É o caso de proposta de atividade de digitação, ou o simples fato de navegar em várias páginas da internet como se a proposta fosse apenas o manuseio da tecnologia usada. Esse comportamento revela insegurança muitas vezes por falta de conhecimento pedagógico para inserir a tecnologia e também conhecimento técnico para o manuseio da ferramenta. Porém pode acontecer de o despreparo ser do aluno que ainda não possui as habilidades técnicas necessárias para seu desenvolvimento pedagógico.

De qualquer forma é importante ver que o professor está tentando fazer diferente, ele já reflete sobre sua prática e busca mudanças.

Pode acontecer também de o professor adotar a abordagem de apropriação adotando metodologias de uso da internet, como por exemplo, ao procurar textos na internet e distribuir cópias aos alunos, apresentar tópicos de gramática da língua em projeto multimídia, mas depois pedir que copiem nos cadernos, optar por adotar tecnologias como quadro-negro, caderno, livro e outros, e poucas vezes escolhe mediar o ensino pela tecnologia de maneira inovadora. O que destaca a necessidade de formação do professor para as tecnologias, seja por meio de cursos de capacitação em formação continuada ou alteração nos currículos de cursos de licenciatura.

Por outro lado, na abordagem de complementação, o objetivo pedagógico é o de complementar ou revisar o conteúdo. O enfoque deixa de ser o manuseio do recurso tecnológico e o professor tem mais preocupação com o conteúdo curricular, se preocupa em preparar uma aula menos expositiva e cansativa para torná-la mais agradável ao aluno. Ao invés de usar o quadro-negro, material impresso opta pelas novas tecnologias integradas à escola, como computador e internet.

Na prática essa complementação pode ir muito além do “manuseio do recurso tecnológico, mas práticas autônomas de pesquisas e apresentações aos colegas podem atender ao objetivo de revisão do conteúdo.

Sobre a abordagem de produção, o objetivo é de produzir conhecimento e Soares-Vieira (2015) explica que essa abordagem se configura no papel do professor como um orientador do processo educativo e que este usa a tecnologia de forma que o aluno assuma papel mais ativo na proposta didática. Nesta pesquisa o trabalho de orientação do processo educativo evolui para um processo de mediação, mais colaborativo e descentralizado.

A autora sugere uma possível aula com recursos tecnológicos, em que os professores introduzem o conteúdo curricular por meio de pesquisa na web de um tema da língua-alvo. Os alunos, após a pesquisa, selecionam conteúdos relevantes e são orientados a montar uma pasta no computador para organizar esse conteúdo. Na sequência, os alunos são orientados a produzir slides de apresentação em *PowerPoint*. Essas apresentações, então, serão socializadas com os colegas podendo também ser publicadas em ambientes virtuais como blogs ou *wikis*. É possível perceber que nessa abordagem o aluno é o protagonista, ele tem a responsabilidade de criar, e parece muito mais motivado e interessado por suas produções.

Nessa abordagem, a interação segundo Soares-Vieira (2015) se dá entre o computador e o aluno, no uso de ferramentas como Word, Movie Maker, PowerPoint e outros ambientes tecnológicos como blogs, Youtube; e entre aluno e aluno nos trabalhos coletivos. Nela, o professor incentiva a criatividade se posicionando como mediador do processo de aprendizagem.

Abordagem de interação, como o nome diz, tem como objetivo a interação. Nessa abordagem o professor passa a utilizar a web com muito mais frequência e

reconhece ser esse um recurso ideal para a promoção coletiva do conhecimento. Os professores geralmente propõem atividades de discussão sobre tópicos da língua-alvo em ambientes virtuais, usando ambientes da web 2.0¹¹, como *Facebook*, *Blogs*, *Whatsapp* e outros sites educativos.

Como atividades centradas nessa abordagem podemos citar a construção de histórias em quadrinhos em ambientes virtuais como o *Toondoo*¹², onde após cadastro é possível construir textos na língua-alvo.¹³ O professor também propõe discussões em redes sociais como *Facebook* e ainda estimula a interação com alunos de outros países. A interação então que se dá entre aluno e conteúdo, antes mediada por livros passa a acontecer em ambientes virtuais.

O conhecimento dessas abordagens pode ser muito relevante para o desenvolvimento dos professores que estão empenhados em introduzir a tecnologia para dinamizar seus conteúdos curriculares, principalmente, por se veem pressionados pelas mudanças trazidas pelas tecnologias em todos os contextos, assim como no educacional. Também porque acredita-se ser um processo em que o computador e as tecnologias digitais cada vez mais fazem parte do cotidiano escolar como recursos indispensáveis ao conhecimento.

Mas não é somente munir as escolas com computadores que muitas vezes, ficam no laboratório em desuso. É preciso modificações nas grades dos cursos de licenciatura, capacitação dos professores; adicionalmente é preciso mais abertura e apoio da equipe gestora da educação para a introdução das tecnologias digitais nas escolas, mas como transformar essas abordagens em práticas pedagógicas? Como introduzir as tecnologias digitais em contexto de sala de aula? A próxima seção traz algumas propostas de uso das tecnologias digitais para a aprendizagem de línguas.

¹¹ Web 2.0 – Barton e Lee (2015, p. 22) descrevem como sendo um ambiente onde os usuários podem “criar e publicar seu conteúdo online”, participar e colaborar nas comunidades de redes sociais, além de poder comentar postagem de outros usuários.

¹² Toondoo é um editor de histórias em quadrinhos. Disponível em: www.toondoo.com/. Acesso em 12/03/2017.

¹³ A autora trata especificamente da língua inglesa, mas aqui está generalizado, pois essa pesquisa se insere no contexto de língua espanhola.

2.2.2 Recursos digitais para a aprendizagem de línguas

A internet realmente chegou como uma avalanche e mudou a maneira de viver das pessoas e suas relações com os outros. Hoje as pessoas se perguntam como era a vida antes desse advento. Aumentaram as formas de comunicação e as trocas de experiências com pessoas falantes ou estudantes da língua-alvo aumentaram as práticas de interação escrita ou oral no idioma.

Por meio da rede mundial de computadores é possível falar em tempo real com pessoas de todo o mundo, fazer cursos à distância, trabalhar e se relacionar com pessoas de outras partes do mundo. Tornou-se possível aprender com os outros, interagir sem se preocupar com a hora e o lugar.

As tecnologias digitais hoje fazem parte da vida das pessoas em todos os aspectos: na interação social, no trabalho, no estudo e até mesmo em suas atividades cotidianas. Diminuíram as distâncias, aumentaram os espaços de acesso à aprendizagem e como não poderia ser diferente, a internet atingiu diretamente o sistema educacional; a escola se viu obrigada a atender às exigências de um mundo onde a tecnologia parece onipresente e ubíqua em todas as relações - e todas essas mudanças se refletem no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, donde surge a necessidade de conhecer e adaptar-se à tecnologia.

A maioria das escolas possui, hoje em dia, um laboratório com computadores que possuem acesso à internet, tendo ainda por vezes um projetor multimídia; muitas escolas possuem ainda material multimídia integrado e algumas escolas (principalmente as privadas) possuem plataformas digitais que poderiam explorar estes recursos de maneiras interessantes para os alunos, que embora tenham familiaridade com as tecnologias, precisam de orientação para os conteúdos de seu interesse no mar de informações disponível na internet.

Por isso apresento na próxima seção, algumas possibilidades de aprendizagem de língua usando plataformas da *web 2.0* como o *Flickr*, um site em que as pessoas podem comentar e publicar fotos; o Facebook, um site com várias possibilidades de interação; o *Youtube*, um site que permite a visualização e postagem de vídeos; e o *Hangouts* que funciona como uma plataforma de conversas online. Essas tecnologias

digitais foram experimentadas com os alunos como recursos para a aprendizagem da língua espanhola.

2.2.2.1 *FLICKR* – Interação por meio de fotos

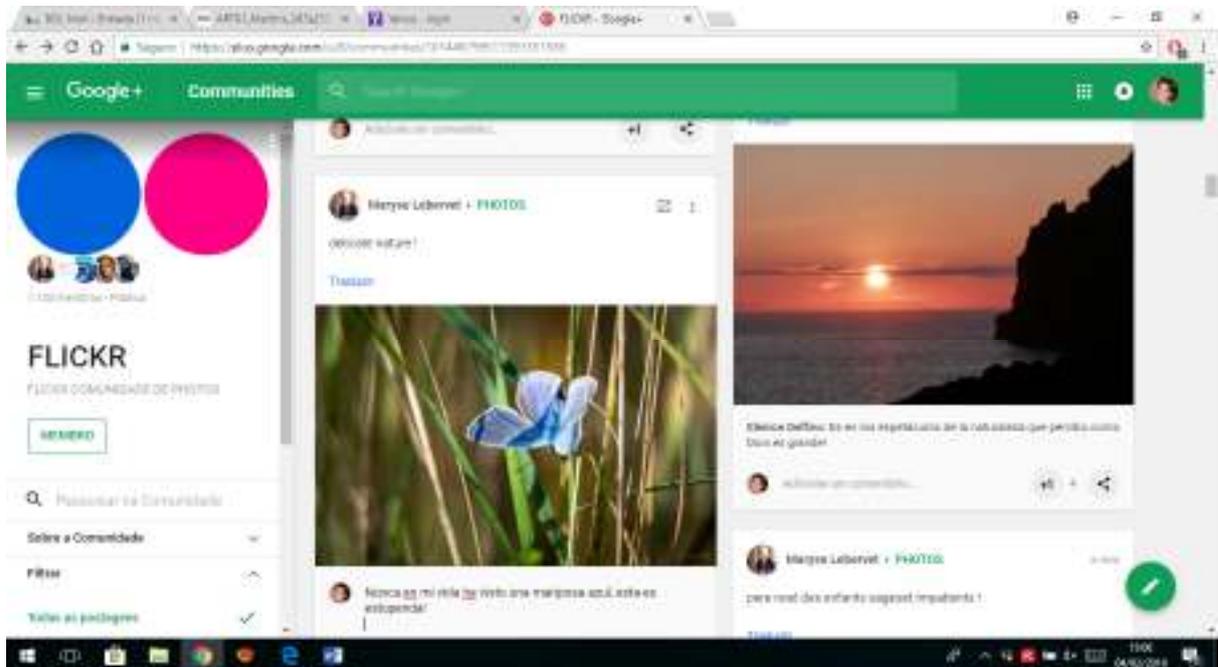


Figura 1 – Interface do *Flickr*¹⁴

Para Barton e Lee (2015) os espaços online são capazes de produzir aprendizagem de todos os tipos e em especial, o de línguas, foco deste trabalho. O espaço online muda as formas como as pessoas aprendem e também funciona como favorecedor de aprendizagem. Nesse contexto o *Flickr* surge como possibilidade de aprendizagem, inclusive de uma nova língua estrangeira.

Flickr, segundo esses autores, é um site popular usado principalmente para compartilhamento de fotos. Foi lançado em 2004 e já tinha mais de 50 milhões de usuários ativos em 2011. É um espaço público que proporciona a interação entre a foto postada e os comentários escritos sobre elas. Essa escrita pode ser o título, descrições, *tags* (palavras-chave) e comentários.

¹⁴ Link para acesso: <https://www.flickr.com/>

Ao tecer comentários sobre um projeto usando essa ferramenta, Barton e Lee (2015) lembram que as legendas são descrições de diferentes tamanhos que oferecem informações sobre a imagem e a relação da pessoa com esta imagem.

Os perfis são considerados por esses autores como o espaço de escrita mais interessante do *Flickr*. Nesse espaço as pessoas fazem comentários abaixo das fotos e geralmente tecem comentários avaliativos, alguns comentários sobre como a foto foi tirada, o que a pessoa estava fazendo no momento etc. Quando outras pessoas respondem aos comentários pode se desenvolver uma conversa interativa entre o fotógrafo e seus contatos, tornando-se um espaço para socialização e amizades.

Os propósitos para o uso do *Flickr* segundo Barton e Lee (2015) podem variar entre aprender a fotografar, aprender sobre si mesmo, e sobre a vida. Para muitos alunos o uso desta ferramenta é uma oportunidade de novas descobertas, tanto sobre o funcionamento do site como para a prática da escrita e o desenvolvimento de uma relação mais íntima com as mídias visuais e audiovisuais.

A combinação de linguagem escrita (multilíngue) e imagens pode gerar espaços ideais de aprendizagem interativa e colaborativa, construtos primordiais para a aprendizagem transformadora. E uma vez que as pessoas aprendem pela interação, o professor de línguas tem nesse site a oportunidade de oferecer aos seus alunos um espaço de diversidade linguística em que o aprendizado pode ser divertido, desafiador, interativo e colaborativo.

Em sala de aula de espanhol, como veremos adiante, foi possível explorar essa ferramenta dando oportunidade a que os alunos pudessem interagir com os textos dos colegas, explorar fotos com legendas nesse idioma, usando o site como um espaço de interação e conhecimento de mundo e da língua.

2.2.2.2 FACEBOOK – Espaço de Comunicação



Figura 2 – Interface do *Facebook*¹⁵

O *Facebook* é um site de rede social, lançado em 2004 nos Estados Unidos como facilitador da comunicação entre os alunos da Universidade de Harvard que se espalhou pelo mundo e em 2012 segundo Barton e Lee (2015) já havia mais de 900 milhões de usuários pelo mundo. E em junho de 2017 atingiu a marca de dois bilhões de usuários.¹⁶

Este *site* representa uma nova maneira de estabelecer relações e tem funções diferenciadas como divulgação de produtos, notícias, compartilhamento de fotos, de textos, de vídeos entre outras. Como plataforma interativa permite interações de formas síncronas e assíncronas, além de possibilitar a aprendizagem colaborativa e a construção coletiva de saberes.

O *Facebook*, segundo Barton e Lee (2015) é um bom representante da cultura de convergência. Pois os usuários podem se conectar a sites externos, apertando o

¹⁵ Link para acesso: <https://www.facebook.com>

¹⁶ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/tec/2017/06/1896428-facebook-atinge-marca-de-2-bilhoes-de-usuarios-anuncia-zuckerberg.shtml>. Acesso em 09/01/2018

botão “curtir”. Imediatamente será criada uma conexão com os recursos online disponíveis.

Como rede social interativa significa um espaço para se aprender como aprender, uma forma de conviver virtualmente em um processo interativo comunicacional. Constitui um espaço de construção social do conhecimento.

Como recurso pedagógico, no *Facebook*, o professor pode criar um grupo com uma turma e nesse grupo postar material de apoio, trabalhar as dificuldades, agendar provas, usar a função chat para tirar dúvidas e criar diferentes metodologias para incentivar e motivar o estudante no seu processo de aprendizagem.

Silva (2013, apud ARAÚJO e LEFFA, 2016) usou o *Facebook* como ambiente virtual de aprendizagem para ministrar aulas de inglês a estudantes de Letras com o objetivo de que usassem os recursos disponíveis na *internet* para produções orais e escritas e em seguida disponibilizassem os resultados em um grupo do *Facebook* criado para esse fim. Ao final a experiência foi considerada por todos como positiva e significou uma transposição de barreiras do tempo e do espaço da sala de aula na busca pelo conhecimento.

Segundo Paiva, (2016) as interações humanas se intensificaram com o surgimento das tecnologias digitais na criação de comunidades virtuais. Primeiro surgiram as comunidades do Orkut que foi instinto em 2014 quando seus participantes migraram para o *Facebook* que, além de ser uma rede social, se serve a objetivos educativos e é essa área objeto de várias pesquisas.

Para a autora, a missão do *Facebook* é dar às pessoas oportunidade de compartilhar, de conectar-se com o mundo, de interagir com amigos e familiares e de atualizar-se sobre o que está acontecendo com eles e com o resto do mundo.

Na prática de sala de aula de espanhol, ambiente desta pesquisa, foi possível aliar esse site aos objetivos educativos dando oportunidade a que os alunos pudessem compartilhar sua opinião com outros colegas, discutir temas gerados em sala de aula, postar vídeos que depois foram comentados em sala de aula, enfim, criar um ambiente de interação e aprendizagem. Os alunos postaram e comentaram vídeos e interagiram com os colegas acerca dos temas escolhidos por eles no grupo criado para esse fim.

2.2.2.3 YOUTUBE – Espaço de Aprendizagem por Vídeo



Figura 3 – Interface do YouTube.¹⁷

Um outro *site* que merece destaque para uso em sala de aula é o *Youtube*, um espaço para compartilhamento de vídeo. O *Youtube* surgiu em 2005 e logo ganhou grande popularidade. Além de ser um *site* de rede social, permite uma relação entre os produtores dos vídeos e seus usuários. Barton e Lee (2015).

Segundo Barton e Lee (2015) é comum que os usuários do *Youtube* usem o espaço de comentários como uma plataforma para debates, discussões críticas sobre os vídeos e as temáticas suscitadas nos debates e por ser um site de alcance global o mesmo atrai usuários falantes das mais diferentes línguas. Assim, muitos usuários aproveitam a possibilidade de compartilhamento de vídeos para propagarem a língua que falam. Por isso este site de compartilhamento de vídeos, segundo os autores, também oferece possibilidade de aprendizagem de uma língua estrangeira.

Para Barton e Lee (2015) embora seja um site de vídeo, se presta muito bem como um rico espaço de escrita, por isso muito importante para o contexto

¹⁷ Link para acesso: <https://www.youtube.com>

educacional. Os professores podem aproveitar para explorar as legendas, anotações e comentários como espaço inclusive de interação entre os alunos.

São grandes as possibilidades de esse site oferecer oportunidade de aprendizagem em segunda língua, servindo como fonte de material didático para o professor e de conhecimento e repertório linguístico para aprendizes de línguas. Oliveira (2013) ressalta outros aspectos positivos da internet para o aprimoramento do ensino e da aprendizagem de uma língua estrangeira:

Na Internet, os alunos têm oportunidades de interagir com usuários do mundo todo no idioma estrangeiro por meio de aplicativos de comunicação de texto, voz e vídeo. Uma participação mais equilibrada e igualitária, melhora da complexidade sintática e lexical na produção linguística, redução da ansiedade, desenvolvimento da competência sociolinguística e pragmática, motivação impulsionada e desenvolvimento da autonomia discente são alguns dos benefícios apontados. (OLIVEIRA, 2013, p.)

Percebe-se que incorporação de tecnologias para o ensino de línguas pode influenciar positivamente para a interação entre o aluno e a aprendizagem, além de propiciar a autonomia. O professor deve aproveitar esse espaço para incentivar a participação criativa dos alunos em espaços que favoreçam o desenvolvimento das habilidades linguística, a comunicação e a construção coletiva do conhecimento.

2.2.2.4 HANGOUTS – aplicativo de interação entre as pessoas

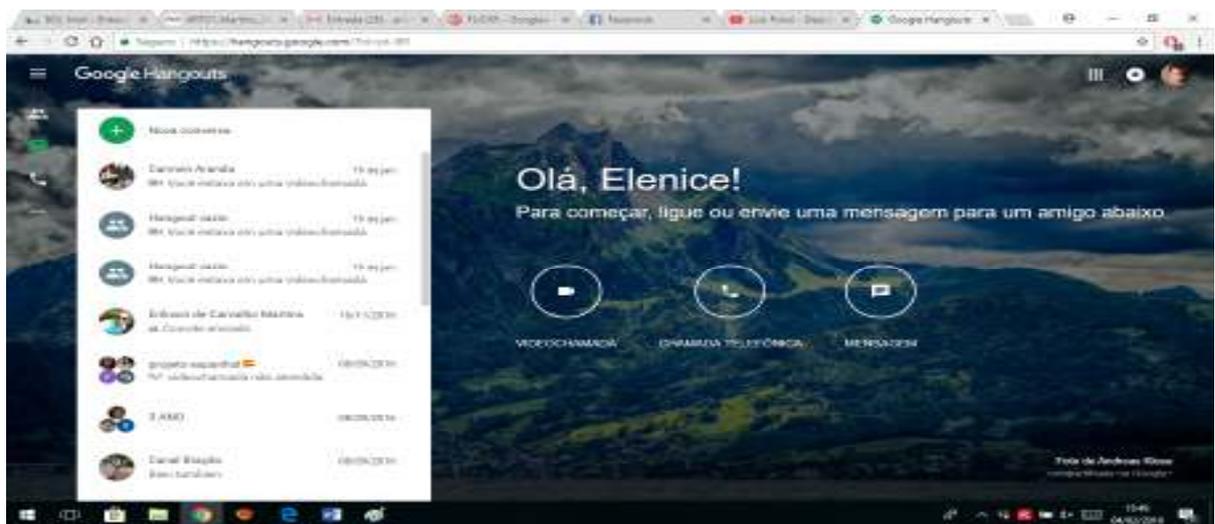


Figura 4 – Interface inicial do *Hangouts*¹⁸

¹⁸ Link para acesso: <https://hangouts.google.com>

O *Hangouts* é um serviço gratuito de videoconferência com áudio e vídeo para os usuários do Google+. Embora já existisse ferramentas de videoconferência com áudio e vídeo, o grande diferencial do *Hangouts* está na facilidade de utilização e na gratuidade do serviço. Quando o usuário inicia um *Hangouts*, seus amigos, limitados em até 25 convidados, recebem uma notificação e os que estiverem online recebem um aviso por meio de mensagem instantânea.¹⁹

Nesse sentido, o *Hangouts* pode promover interações entre as pessoas, inclusive alunos que estão aprendendo uma língua estrangeira, incentivando o conhecimento, a socialização de produções e a aprendizagem da língua por meio de interações.

Também no *Hangouts* é possível fazer videoconferências, um serviço multimídia que permite a interação entre pessoas usando áudio e vídeo. Além de oferecer a oportunidade de interagir com pessoas ao redor do mundo independente de suas localizações geográficas.

Essas plataformas virtuais foram escolhidas para esta pesquisa, por servirem como espaços para interações, discussões críticas, intercâmbios culturais, dar oportunidade para que os alunos possam se expressar na língua e por proporcionarem a exploração dos recursos tecnológicos disponíveis para serem integrados à sala de aula.

Como o exposto acima, várias são as possibilidades de se trabalhar com tecnologia buscando a aprendizagem de uma língua estrangeira. Mas é importante que os professores estejam preparados para essa nova realidade, que conheçam os novos recursos tecnológicos e possam refletir sobre sua prática como mediador da aprendizagem.

A próxima seção mostra o papel do professor como mediador das novas tecnologias, e o seu perfil para a nova sociedade do conhecimento.

¹⁹ Fonte: /www.tecmundo.com.br/google-/11365-google-como-usar-o-hangout-para-fazer-videoconferencia.htm. Acesso em 10/01/2018

2.3 Mediação

A mediação pedagógica, exercida pelo professor, tem o objetivo de ampliar o conhecimento dos alunos para que eles possam intervir de modo crítico no meio em que vivem, por meio da interação com os outros. Essa interação mediada pelo professor pode contribuir para a formação de um aluno mais autônomo, ativo e engajado com sua aprendizagem.

2.3.1 O professor como mediador pedagógico das novas tecnologias

Na atualidade, a discussão sobre o uso ou não das tecnologias na educação perdeu o sentido, pois essa integração é hoje uma realidade, mesmo que aconteça ainda de forma um pouco tímida. E assim, é importante que os professores estejam preparados para essa nova realidade, que conheçam os novos recursos tecnológicos em função de um processo de aprendizagem mais contextualizado com a realidade dos alunos. Nesse cenário mudam-se os conceitos de como se aprende, do papel do aluno, do papel do professor e de sua relação com o uso das tecnologias.

As mudanças no paradigma educacional fazem com que o professor busque novas maneiras de ensinar e se torne mais consciente de seu papel, agora não de controlador, mas de mediador da aprendizagem e sobre essa mediação, Tébar (2011, p. 143) afirma que

O mediador é insubstituível: nenhuma máquina pode subrepujá-lo, pois a relação humana, afetiva, motivadora, intencional e transcendente faz de seu trabalho uma tarefa social de primeira grandeza, de apoio à genuína tarefa dos pais. Sua disponibilidade e proximidade aos diferentes ritmos dos educandos e sua capacidade para conhecer os processos de aprendizagem dos alunos determinam um novo papel, mais próximo, mais organizador e orientador das aprendizagens, especialista em estratégias e contribuições didáticas, a fim de preparar cada aluno para ser um mediador-vicário de seus próprios processos.

Masetto (2013) acrescenta que o novo conceito de aprender envolve o próprio aprendiz na busca de adquirir conhecimento. O professor assume também uma nova atitude e passa a ser o mediador entre o aluno e sua aprendizagem, e as tecnologias funcionam como recursos mais modernos usados na busca de informação, conhecimentos, experiências ou técnicas.

Já Palloff, Pratt e Pratt (2004, apud MASETTO, 2013) chamam a atenção para alguns aspectos relevantes dessa mediação pedagógica em ambientes virtuais, como

o fato de que o professor deve ter em conta que nem todos os alunos estão familiarizados com as ferramentas básicas do computador e da internet, que ele deve estimular a interação entre os colegas e rechaçar individualismos, pois essa mediação pode contribuir para a participação de todos de forma colaborativa e responsável.

Ken Bain (2007, apud MASETTO, 2013) amplia a reflexão quando acrescenta que a mediação deve corresponder às expectativas de desenvolvimento dos alunos. Por isso, o professor deve propor aos alunos temas com base na realidade deles, deve ajudá-los com as tecnologias para que possam se desenvolver também fora da sala de aula. Além de propiciarem o desenvolvimento de habilidades para que os alunos possam interagir com alunos de outras escolas e, aqui se acrescenta, os espaços virtuais.

O uso das tecnologias digitais na educação traz à tona a discussão sobre a mediação. Pois com a possibilidade de entrar em contato com as informações, com pesquisas e produções científicas de todas as partes do mundo, surgem novas formas de buscar o conhecimento que permitem que o aluno possa ampliar esse conhecimento fora da sala de aula. E o professor é o mediador pedagógico desse processo de busca pelo conhecimento.

Buscando definir mediação, Masetto (2013, p. 151) descreve o papel do professor como o de uma ponte entre o aprendiz e sua aprendizagem:

Por mediação pedagógica entendemos a atitude, o comportamento, do professor que se coloca como facilitador, incentivador ou motivador da aprendizagem, que se apresenta com a disposição de ser uma ponte entre o aprendiz e sua aprendizagem não uma ponte estática, mas uma ponte 'rolante', que ativamente colabora para que o aprendiz chegue aos seus objetivos. É a forma de apresentar e tratar um conteúdo ou tema que ajuda o aprendiz a coletar informações, relacioná-las, organizá-las, manipulá-las, discuti-las e debatê-las com seus colegas, com o professor e com outras pessoas (interaprendizagem), até chegar a produzir um conhecimento que seja significativo para ele, conhecimento que se incorpore ao seu mundo intelectual e vivencial, e que o ajude a compreender sua realidade humana e social, e mesmo a interferir nela.

Mas segundo o autor, essa mudança não é muito fácil para nós professores, pois estamos acostumados e seguros com o papel tradicional de comunicar e transmitir o que sabemos bem.

Para Ken Bain (2007, apud Masetto, 2011) algumas atitudes concretizam o exercício da mediação do professor são; ajudar os alunos na formação de ideias; a

pensarem sobre a informação e orientá-los quanto a sua pertinência e relevância; ensiná-los a navegar em meio a tantas informações disponíveis; ajudá-los a construir critérios sobre o que é informação relevante ou não; além de levá-los a desenvolver habilidades de intercambiar com outras pessoas.

Também o aluno deve estar consciente de seu novo papel e, sobre isso, Masetto (2006, p. 141) afirma que ele assume o “papel de aprendiz ativo e participante (não mais passivo e repetidor), de sujeito de ações que o levam a aprender e a mudar seu comportamento. Essas ações, ele as realiza sozinho (autoaprendizagem), com o professor e com os seus colegas (interaprendizagem)”. O autor defende que essas interações entre professor-aluno e aluno-aluno, despertam o sentido de co-responsabilidade no processo de aprendizagem.

No processo de aprendizagem também, segundo o mesmo autor, há mudanças na forma de usar a tecnologia. Não se trata apenas de planejar aulas com recursos audiovisuais na transmissão do conhecimento, ou de substituir o quadro-negro por aulas em Power Point com o uso de um projetor multimídia. Mas escolher aquelas que fortaleçam o papel de sujeito da aprendizagem do aluno e o de mediador, incentivador e orientador do professor nos mais diversos ambientes de aprendizagem.

A ênfase no processo de aprendizagem exige práticas pedagógicas que incentivem a interação entre alunos e professores que promovam a produção do conhecimento, que despertem habilidades humanas importantes, como trabalhar em equipe, pesquisar, fazer apresentações de trabalhos, por exemplo. Devem ainda, variar de forma a atender aos diferentes perfis de aprendizagem, uma vez que nem todos aprendem do mesmo modo e ao mesmo tempo.

Sobre o uso das tecnologias digitais, como internet, hipermídia, multimídia e outros recursos digitais, o autor afirma que podem contribuir significativamente para que o processo de aprendizagem seja mais eficiente seja de forma presencial ou virtual.

Mota-Roth (2010) reitera que na interação mediada por computador, as interações contribuem para a mudança na forma de participação do aluno na sala de aula, passando de receptor da informação para construtor do próprio conhecimento.

Masetto (2013) ratifica que as tecnologias colaboram na interação entre e alunos e professores para que possam dialogar, pesquisar, se comunicar mesmo à distância, que possam explorar juntos os recursos de imagem, som e movimentos simultâneos com a máxima velocidade na busca por informações em tempo real e ainda enriquecerem seus conhecimentos com contatos mútuos.

Segundo o autor, as tecnologias digitais devem ser usadas para valorizar a autoaprendizagem, para incentivar a formação permanente, seja de informações básicas ou de novas informações. Elas devem também ser usadas para a interaprendizagem, ou seja, a aprendizagem como fruto das interações entre as pessoas.

Para que o professor seja um mediador pedagógico ele deve, segundo Masetto (2006), desenvolver algumas atitudes como estar mais voltado para a aprendizagem do aluno, tendo-o no centro do processo, estabelecer uma relação de confiança e empatia com os alunos, desenvolver um sentimento de co-responsabilidade no planejamento das atividades, sua realização e avaliação, criar um clima de mútuo respeito entre os participantes, dando ênfase em estratégias cooperativas de aprendizagem.

Percebe-se, assim, a importância da mediação pedagógica, que coloca o aluno como centro do processo, fortalece-o como protagonista de seu conhecimento, desenvolvendo nele as habilidades necessárias para trabalhar com tecnologias em contexto de aprendizagem de língua, em sala de aula e fora dela. Que seja preparado para os desafios de um mundo marcado pelas tecnologias.

De forma relevante, essa é a oportunidade de o professor repensar a sua prática, construir novos saberes, bem como de se capacitar para os desafios das tecnologias digitais.

2.3.2 A formação do professor para o contexto tecnológico

As tecnologias digitais fazem surgir um novo perfil do professor como um profissional crítico, criativo e disposto a aprender novas formas de construir o conhecimento com o aluno e de ajudá-lo no desenvolvimento de novas competências de aprendizagem.

Com relação às mudanças atuais, Kenski (2012, p. 30) afirma que “as velozes transformações tecnológicas da atualidade impõem novos ritmos e dimensões à tarefa de ensinar e aprender. É preciso estar em permanente estado de aprendizagem e de adaptação ao novo”.

Segundo Lévy (2001), precisamos olhar o mundo de hoje com os olhos do mundo de amanhã e não com os de ontem. E para que isso aconteça é preciso romper as barreiras e se aventurar num mundo em revolução.

Paulo Freire enriquece essa discussão ao afirmar que “na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”. (Freire, 1996, p. 43).

Para Nóvoa (1995, p. 25), “(...) a formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas) mas, sim, através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal”. A contribuição de Kenski (2013, p. 13) sobre formação de professores na nova cultura é que:

as especificidades dessa nova cultura digital colocam-se como desafios para a formação de professores e para a sua atuação profissional. Como formar professores para os novos cursos e para os novos perfis de formação e ação que a sociedade exige? Como agir pedagogicamente em todos os níveis e todas as áreas do saber para desenvolver cursos que sejam adequados a essa nova realidade? Como ensinar e aprender conteúdos em constante movimento de atualização?

Nessa mesma direção, a formação para as novas tecnologias na área de educação é apontada por Perrenoud (2000) como sendo uma das competências necessárias para ensinar na atualidade. Para o autor os softwares são ferramentas úteis na educação, mas exigem que o professor seja criterioso e seletivo e também crítico para poder utilizar esses instrumentos de maneira profissional e se refere ao uso das tecnologias como uma das competências para se ensinar na atualidade.

Segundo Mercado (1998), a formação do professor para este novo contexto exige mudanças na forma de conceber o trabalho docente, flexibilização dos currículos, socialização do acesso à informação e produção de conhecimento para todos, mudança no modos de conceber o processo de aprender e de acessar e adquirir conhecimento, nova configuração que integre novos espaços de

conhecimentos e que estes não estejam centrados somente no professor, que sejam desenvolvidos processos interativos na perspectiva de um trabalho cooperativo, dentre outros.

O autor acrescenta que o professor na nova sociedade se torna mediador do educando em sua busca por aprendizagens, juntos, eles estudam, pesquisam, debatem, produzem conhecimento e desenvolvem habilidades e atitudes em um espaço que se torna ambiente de aprendizagem, usando novos recursos tecnológicos propiciando a interação aluno-aluno e aluno-professor na realização de seus objetivos.

Portanto espera-se que o professor esteja consciente de seu papel no processo de ensino e aprendizagem, utilizando as capacidades das tecnologias digitais de forma a renovar sua prática pedagógica e a contribuir para que o aluno se torne um sujeito mais autônomo e ativo na construção do seu conhecimento em língua estrangeira e nas demais áreas do conhecimento.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Várias são as possibilidades de métodos usados em uma pesquisa qualitativa. Os métodos aqui utilizados têm o foco na autonomia de aprendizes de língua e buscam a geração de dados que revelem como se dá o desenvolvimento da autonomia na aprendizagem da língua espanhola como língua estrangeira mediada pelas tecnologias.

Neste capítulo, abordo, primeiramente, as tendências das pesquisas em Linguística Aplicada no Brasil, ressaltando a pesquisa feita na sala de aula, muitas vezes pelo próprio professor na posição de pesquisador. Apresento os conceitos da pesquisa qualitativa como aquela em que o pesquisador está mais próximo do que é estudado, enfatizando que a realidade é construída socialmente e que se apresenta como um campo de investigação de práticas interpretativistas.

Na sequência, apresento a metodologia da pesquisa-ação, retida para este estudo por ser um método muito utilizado em Ciências Sociais. Trata-se de uma abordagem em que os pesquisadores buscam identificar necessidades de mudanças e soluções para lacunas encontradas no contexto social em que atuam – neste caso, o da sala de aula, por meio da aproximação entre a pesquisa e a ação.

A condução da pesquisa deve preservar certos princípios éticos. Por isso, foram destacados fatores como preservação da identidade, consentimento informado e reciprocidade como medidas de proteção da relação entre a pesquisadora, os participantes e a instituição.

No tópico seguinte, apresento os instrumentos de coletas de dados e descrevo cada um deles. Nesta pesquisa, foram escolhidos para a coleta de registros o questionário diagnóstico, para identificar a situação inicial da pesquisa e a visão dos alunos sobre os eixos temáticos que seriam desenvolvidos, o questionário sobre aprendizagem autônoma, o diário de itinerância, que registra as impressões do pesquisador, o diário de bordo que registra a impressão dos alunos sobre as aulas, e o grupo focal, uma forma interativa de coleta de dados.

3.1 Tendências da pesquisa em Linguística Aplicada no Brasil

Em análise feita em 1996 sobre as pesquisas realizadas na área de ensino de línguas no Brasil, Moita-Lopes ressaltava que uma nova abordagem de pesquisa, feita “na” sala de aula e muitas vezes conduzidas pelo próprio professor, no papel de professor-pesquisador, começava a tomar o lugar de pesquisas tradicionalmente feitas “para” a sala de aula. Embora estas não sejam o foco do presente estudo, vale a pena compreendermos o caminho que a pesquisa na área da linguística aplicada vem tomando desde então.

No quadro das abordagens tradicionais, temos a primeira delas que o autor classificou como investigação teórico-especulativa, um tipo de pesquisa que estabelece implicações de como proceder em sala de aula. Nesse modelo, a sala de aula é desconsiderada como alvo da pesquisa e a complexidade do ato de ensinar/aprender línguas são ignoradas, uma vez que os pesquisadores não levam em consideração o fato de que aprender e ensinar línguas é mais complexo do que a descrição de um fato linguístico. Nessa tradição, o autor acrescenta que há uma noção de certeza do que deve ser feito em sala de aula, mas professores e alunos sequer são considerados. Outro tipo de tradição de pesquisa na área de ensino e aprendizagem de línguas é aquela baseada na investigação do produto de aprendizagem de línguas. Ou seja, estuda-se a causa e o efeito de uma abordagem de ensino baseando-se no desempenho dos alunos ou do produto da aprendizagem.

O autor ressalta que nesses dois tipos de pesquisas, marcadas tradicionalmente, o processo de ensino e aprendizagem fica distante do alcance do pesquisador, ou seja, em um há sugestões para a sala de aula e em outro há a investigação dessas sugestões com foco no resultado da aprendizagem sem que seja considerado o processo de ensinar e aprender línguas. Portanto, considera-se que esse tipo de pesquisa na área de ensino/aprendizagem de línguas é orientado para a sala de aula.

Um contraponto a essa tradição viria com a tendência da pesquisa na área apontando para uma evidência do foco no processo de ensinar e aprender línguas, ou seja, para a pesquisa realizada na sala de aula. Dentro desta tendência, o autor apresenta dois tipos básicos de pesquisa: a pesquisa-diagnóstico e a pesquisa de intervenção. A primeira delas centra-se na investigação do processo de ensinar e

aprender em sala de aula, com a possibilidade de estudar os mais variados aspectos da sala de aula, como por exemplo, a interação entre aluno e professor e com os recursos e materiais de aula empregados. Já a pesquisa de intervenção tem o foco na possibilidade de modificar uma situação de sala de aula.

Estes dois tipos de pesquisa estão ancorados em abordagens qualitativas, pois se baseiam na observação da sala de aula. O que pode diferenciá-las é o modo de realizar a observação e a análise e interpretação dos dados.

O autor acrescenta que dentro dessa tendência de pesquisa em sala de aula tem existido uma preocupação quanto à natureza da interação na sala de aula, considerada um espaço de aprendizagem. Por isso o interesse de minha pesquisa em estudar os processos sociointeracionais como geradores da construção do conhecimento. Segundo Moita-Lopes, o que ocorre entre o aluno e o professor na sala de aula pode ser esclarecedor para o processo de ensino/aprendizagem. O conhecimento é um “processo para o qual colaboram aqueles envolvidos na prática da sala de aula, ou seja, compartilha-se aqui da ideia de que o conhecimento é uma construção social” (MOITA-LOPES, 1996, p. 95-96). Para o autor, é a interação entre aluno e professor que vai levar à construção do conhecimento compartilhado em sala de aula.

Os estudos de Moita-Lopes são basilares para minha pesquisa, pois nela busco compreender o processo de ensino e aprendizagem na interação, tendo como base o princípio de que o conhecimento seja resultado de processos sociais. É na interação da sala de aula e fora dela, com o uso das tecnologias digitais, que busco interpretar o desenvolvimento do processo de autonomia dos alunos e a aprendizagem da língua espanhola.

3.2 A pesquisa qualitativa

A pesquisa qualitativa está mais relacionada com levantamento de dados sobre comportamentos, impressões e expectativas dos indivíduos de um determinado grupo muitas vezes com o intuito de indicar o caminho para uma tomada de decisão certa de uma questão-problema. Moura Filho (2010 p. 8) define pesquisa qualitativa como “aquela que enfatiza a realidade socialmente construída, a íntima relação entre o

pesquisador e o que é estudado, além das restrições circunstanciais que moldam a pesquisa”.

Segundo *Flick* (2009, p. 20) “a mudança social acelerada e a conseqüente diversificação das esferas de vida fazem com que, cada vez mais, os pesquisadores sociais enfrentem novos contextos e perspectivas sociais”. Dessa forma a pesquisa tem buscado cada vez mais estratégias indutivas, em vez de buscar as teorias e testá-las, as teorias tem surgido a partir de estudos empíricos. Pois segundo autor, o foco dos estudos para os pesquisadores qualitativos está no conhecimento e na prática dos participantes.

Denzin e Lincoln (2006) definem a pesquisa qualitativa como sendo um campo de investigação de práticas interpretativistas. Assim esclarecem:

A pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais interpretativistas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, inclusive as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes. (Denzin e Lincoln 2006, p. 17)

Para melhor compreender o aspecto interpretativista desta pesquisa, é importante apresentar a comparação, estabelecida por Moita-Lopes, entre a pesquisa objetivista e a interpretativista:

Na visão positivista, as variáveis do mundo social são passíveis de padronização, podendo, portanto, ser tratadas estatisticamente para gerar generalizações. Já na visão interpretativista, os múltiplos significados que constituem as realidades só são passíveis de interpretação. É o fator qualitativo, e, particular, que interessa (MOITA-LOPES, 1994, P. 332).

A pesquisa qualitativa, segundo os autores, tem como objetivo principal interpretar o fenômeno que observa. Suas hipóteses são construídas a partir das observações e quem observa e interpreta (o pesquisador) exerce sua influência e é influenciado pelo fenômeno pesquisado.

3.3 A pesquisa-ação

Este trabalho se descreve como uma pesquisa-ação, um tipo de pesquisa engajada, em oposição à pesquisa tradicional. A pesquisa ação surgiu da necessidade de superar a lacuna entre teoria e prática. Uma das características deste tipo de pesquisa é que através dela procura-se intervir na prática de modo inovador no decorrer do próprio processo de pesquisa.

A pesquisa-ação é uma metodologia muito utilizada em projetos de pesquisa educacional, pois os pesquisadores podem promover ações, identificar os resultados e identificar transformações necessárias dentro da própria escola.

A pesquisa-ação também é tida como grande contribuição para a tomada de decisão em uma ação planejada. Dionne (2007, p. 68) a define como sendo:

A pesquisa-ação é principalmente uma modalidade de intervenção coletiva, inspirada nas técnicas de tomada de decisão, que associa atores e pesquisadores em procedimentos conjuntos de ação com vista a melhorar uma situação precisa, avaliada com base em conhecimentos sistemáticos de seu estado inicial e apreciada com base em uma formulação compartilhada de objetivos de mudança.

Segundo Dionne (2007), a pesquisa ação tem sido adotada principalmente em áreas de humanas, como educação ou serviço social e também em áreas técnicas como engenharia de produção, ergonomia, gestão ambiental entre outros projetos de intervenção de diferentes naturezas.

A pesquisa-ação segundo o mesmo autor, é uma abordagem que visa o desenvolvimento que pode ser social, socioeconômico e cultural em favor de alguém. Essa abordagem do desenvolvimento pela pesquisa-ação é uma tentativa de compreender melhor as realidades procurando manter-se a um só tempo no campo da reflexão e da ação. Para Dionne (2007, p. 23), “[...] o objetivo primeiro da pesquisa-ação é mudar uma dada situação particular levando em consideração a totalidade concreta tal como é vivida.”

Portanto, o que caracteriza a pesquisa-ação é essa aproximação entre a pesquisa e a ação, entre a teoria e prática em busca de conhecimento e de mudanças de uma situação. Para este trabalho foi adotado o procedimento de pesquisa-ação proposto por Dionne (2007), que recorre ao esquema de ciclo em quatro fases: 1. Identificação da situação 2. Projetação de ações 3. Realização de atividades 4. Avaliação de resultados.

Figura 5 –Fases da pesquisa-ação proposta por Dionne (2007)



Fonte: autoria própria

Segundo o autor, a primeira fase trata da identificação, do conhecimento da situação tendo em vista uma situação que deve ser mudada. A segunda é a fase da preparação de proposta de ações, é a formulação de um plano de ação, já que as situações problemáticas foram identificadas na primeira fase. A terceira é a fase da intervenção propriamente dita, considerada pelo autor como uma das mais importantes fases da pesquisa-ação, pois torna possível a modificação da situação inicial. E por último a quarta fase que está centrada na avaliação do procedimento. É importante, segundo Dionne, difundir os resultados para possíveis acompanhamentos na pesquisa e para que se possa dar continuidade à experiência.

Esta pesquisa seguiu as fases propostas por Dionne (2007). Na primeira fase da pesquisa-ação foi feito um questionário diagnóstico para verificar as percepções que os alunos traziam sobre autonomia, sobre aprendizagem de línguas e tecnologias. Na segunda fase, os alunos preencheram um questionário sobre aprendizagem autônoma em que sugeriam atividades que pudessem proporcionar autonomia. Na terceira fase, foram planejadas e aplicadas as aulas e, na quarta fase, chamada de avaliação dos resultados, foi feito um grupo focal em que os alunos avaliaram os resultados das aulas.

A adoção da pesquisa-ação, no contexto de sala de aula no ensino de línguas, justifica-se pelo fato de esse tipo de pesquisa representar uma estratégia para o

desenvolvimento de professores e pesquisadores que têm em vista melhorar sua prática, ao mesmo tempo em que aprimoram o conhecimento dos alunos. Este tipo de pesquisa proporciona ainda um processo de reflexão-ação-reflexão que busca promover as mudanças necessárias na cultura escolar na qual o professor se torna pesquisador e o aluno participa dessa mudança de maneira democrática e significativa.

3.4 O princípio ético

A pesquisa, muitas vezes, proporciona um contato muito próximo entre o pesquisador, os participantes da pesquisa e a instituição. Mas o princípio ético deve ser preservado para que se possa proteger as informações, os valores, a identidade e assim evitar conflitos desnecessários.

Punch (1994 apud DENZIN; LINCOLN, 2006) defende que o trabalho de pesquisa é um ofício exigente, pois lida continuamente com múltiplas negociações e com dilemas éticos. Segundo o autor é preciso que os sujeitos da pesquisa sejam informados de que estão sendo pesquisados, saibam e compreendam a natureza da pesquisa de que são partícipes e assinem um termo de consentimento informado. Nesta pesquisa esse termo tem o nome de “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” e o modelo original usado encontra-se nos anexos deste.

Fetterman (1998) ressalta também que as preocupações que o pesquisador deve ter para lidar com os dilemas éticos na pesquisa: a primeira é com relação à permissão para realizar a pesquisa. É necessário informar com detalhes os objetivos da pesquisa e também solicitar autorização para fotos, imagens, audiograções preferencialmente de forma escrita.

Nesta pesquisa, houve uma grande preocupação em esclarecer aos participantes com relação aos objetivos e ao que planejava estudar, buscando sempre ser honesta com eles, como defende Fetterman (1998).

Também é importante a confiança, pois para o sucesso da pesquisa o vínculo de credibilidade é indispensável. E para garantir a preservação da identidade dos alunos, optei por deixar que os alunos escolhessem um nome em espanhol como pseudônimo, como sugere Fetterman (1998). Confirmando a importância da ética na pesquisa, Celani afirma que “a preocupação do pesquisador deve ser sempre a de

evitar danos e prejuízos a todos os participantes a todo custo, salvaguardando direitos, interesses e suscetibilidades” (CELANI, 2005, p. 110).

O princípio da reciprocidade é outro fator que interfere no resultado da pesquisa. Como retribuição pela atenção dispensada pretendo apresentar aos participantes e à escola os resultados da pesquisa.

E por último, Fetterman (1998) fala da busca pela qualidade na realização do trabalho de campo como uma atitude ética e condena atitudes como forjar dados e quaisquer comportamentos repreensíveis e não-profissionais durante a pesquisa.

Este estudo dos princípios éticos serviu para orientar todos os passos da execução da pesquisa, garantindo a proteção das informações, da identidade, dos valores e dos princípios confiança, da honestidade e da reciprocidade.

3.5 Instrumentos para coleta de dados

Chega o momento em que o pesquisador deve escolher, de forma consciente, a forma de coletar os dados da pesquisa. Nesta pesquisa, a coleta de registros foi feita por meio de questionário diagnóstico, questionário sobre aprendizagem autônoma, diário de itinerância, diário de bordo e grupo focal.

3.5.1 Questionários

Segundo Gil (1999, p.128) o questionário pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”

Gil (1999) ressalta a importância do questionário para a busca de diversos aspectos da realidade e de respostas sobre fatos, comportamentos, atitudes, entres outros. O autor ressalta, no entanto, os cuidados que deve ter o pesquisador no momento da formulações das perguntas: estas devem ser elaboradas de maneira clara, levando em conta o nível de informação do interrogado. Também deve haver o cuidado para que as perguntas não deem margem a dupla interpretação, que não induzam a uma resposta e que se refiram a uma única ideia de cada vez.

Em um primeiro momento, foi feito um questionário diagnóstico, que pode ser visto no apêndice 2, para conhecer o perfil dos alunos e seu conhecimento em espanhol, como usam as tecnologias digitais e como veem a autonomia. Esse questionário se refere à fase de identificação da situação a ser mudada como prevê o primeiro passo da pesquisa-ação de acordo com Dionne (2007).

O questionário é formado por questões de perguntas fechadas e abertas com o objetivo de gerar dados para se atingir os objetivos do projeto. Embora nem todos os projetos de pesquisa o utilizem, ele é um instrumento muito importante de coleta de dados. Em se tratando de pesquisa-ação o questionário diagnóstico foi escolhido no intuito de compreender melhor a situação inicial, para que se pudesse planejar as intervenções que dariam início ao processo de mudança necessárias.

A primeira parte do questionário serviu para a identificação do aluno e apresentou 4 perguntas fechadas. A segunda parte trata da utilização da internet e está composta de 3 perguntas fechadas. A terceira parte está composta de três perguntas, uma fechada e duas abertas e aborda a aprendizagem de língua estrangeira. Na última parte constam 4 perguntas, três fechadas e uma aberta, todas tratando do tema da autonomia.

Nesse sentido, o questionário inicial ou diagnóstico foi aplicado para conhecer melhor o perfil dos alunos, seus costumes com relação ao uso da internet, além de suas representações sobre os temas da aprendizagem de línguas e da autonomia, pilares desse projeto.

Também foi feito um questionário de perguntas abertas sobre aprendizagem autônoma que tinha a pretensão de conhecer melhor as representações dos alunos com relação a uma aprendizagem em que eles tivessem um papel mais ativo e protagonista. As respostas a esse questionário serviram de dados para a triangulação no grupo focal.

3.5.2 Diário de Itinerância

O diário de itinerância é um registro das impressões do pesquisador, uma análise subjetiva das ocorrências das sessões ministradas. Segundo Barbier (2007, p. 133) “é um bloco de apontamentos no qual cada um anota o que sente, o que pensa, o que medita, o que poetiza, o que retém de uma teoria, de uma conversa, o que

constrói para dar sentido à sua vida”. Segundo Barbier (2007, p. 134) “o diário de itinerância tem caráter íntimo, mas é publicável; nele poderão ser anotados os acontecimentos e os sentimentos relativos aos acontecimentos”.

Esse instrumento foi muito importante, pois pôde trazer informações relevantes para o processo e para o resultado da pesquisa. Pude muitas vezes pensar sobre meu papel de mediadora do conhecimento, sobre a realidade de uso das tecnologias em sala de aula e as novas formas de promover a aprendizagem de uma língua estrangeira. Também busquei refletir sobre a minha visão de autonomia como professora e a importância das pesquisas em sala de aula.

3.5.3 Diário de bordo

De acordo com Barbier (2007), o diário de bordo é um instrumento subjetivo das impressões dos participantes da pesquisa (neste trabalho, alunos de espanhol). O uso desse instrumento se justifica na possibilidade de colher as impressões dos alunos sobre a aula, a temática abordada, o processo de aprendizagem e ainda possibilitar a autoavaliação e a avaliação da pesquisadora.

As impressões dos alunos foram expressas em interações na sala de aula e em um grupo de Facebook em que os alunos postavam vídeos temáticos em espanhol e trocavam suas impressões sobre os temas das aulas e sobre o desenvolvimento da aprendizagem. Seus comentários foram muito importantes para o planejamento de ações, ou seja, planejamento das aulas, que era sempre feito em conjunto. Esse planejamento é uma das fases prevista na pesquisa-ação.

3.5.4 Grupo focal

O grupo focal, antes chamado de “discussão em grupo” é uma forma interativa de coleta de dados. Morgan (1997) define grupos focais como sendo uma técnica de coleta de dados por meio das interações em grupo para discussão de tópicos sugeridos pelo pesquisador. Nesta técnica de coleta de dados o entrevistador é um facilitador do processo de discussão.

De acordo com Putcha e Potter (2004), nos grupos focais o moderador deve criar um clima liberal e informal de forma a deixar os participantes à vontade para contribuírem com suas opiniões, sem permitir que eles fiquem à deriva.

Uma das limitações desse método, segundo Morgan (1997), é sobre como documentar dos dados de forma a identificar os interlocutores individualmente e diferenciá-los entre os diversos enunciados paralelos. A solução encontrada nesta pesquisa foi além de usar um aplicativo de gravação do celular, usar uma filmadora para identificar os participantes.

Para a realização do grupo focal, nesta pesquisa, foi criado um roteiro que foi entregue no começo da discussão para que os participantes pudessem conhecer a pauta que nortearia o grupo focal. As falas dos participantes foram gravadas em aparelho de celular com programa de gravação de voz e também os participantes foram filmados com a promessa de que assim que as falas fossem transcritas as imagens seriam apagadas. A filmagem aconteceu para que não houvesse dúvida de quem seria o interlocutor na hora da transcrição.

Mas foi feito um termo de consentimento e prometi que descartaria as imagens assim que fossem transcritas. O encontro foi marcado previamente, aconteceu em uma manhã do dia 28/8/2017 e contou com a participação de 12 alunos que participaram de todo o trabalho, uma aluna que entrou na turma este ano, o coordenador pedagógico do colégio, que esteve a par de toda a execução da pesquisa, e eu como mediadora da entrevista. O local foi uma sala de aula do colégio e as cadeiras foram colocadas em círculo.

O grupo focal foi de extrema importância, pois gerou dados relevantes para a pesquisa. Os alunos me surpreenderam com suas respostas quando compartilharam uma reflexão bem mais madura a respeito de sua visão do desenvolvimento da aprendizagem, do conceito de autonomia e da participação deles como alunos ativos e mais críticos nesta pesquisa.

3.6 Definição do local de pesquisa

Este projeto começou a ser aplicado no dia 04/08/2016 e terminou com o grupo focal em 28/08/2017. Ele aconteceu em uma escola privada de nome “Colégio Cenecista Nossa Senhora do Carmo”, uma unidade acadêmica e administrativa de caráter educacional, mantida pela Campanha Nacional de Escolas da Comunidade – CNEC. Esta escola possui alunos desde a educação infantil até o Ensino Superior e está situada na cidade de Unai, noroeste de Minas Gerais.

A pesquisa foi realizada com turmas do 1º ano, do 2º ano e do 3º ano do Ensino Médio. Por questão estrutural as aulas eram realizadas respeitando os anos letivos, no entanto, como muitos não haviam cursado a disciplina antes e o conhecimento da língua entre eles estava em níveis muito próximos, integraram um único grupo para a realização da pesquisa. Por isso as atividades no laboratório multimídia foram replicadas e os alunos, embora em tempos diferentes, participaram das mesmas atividades e, juntos, realizaram as interações do Facebook, a videoconferência com a professora Lígia Monteiro e a entrevista do grupo focal. Podendo ser considerado, assim, um grupo de pesquisa único e multisseriado.

Pelo fato de as aulas serem opcionais, e as turmas serem pequenas, os alunos são agrupados por nível de ensino. Assim, havia uma turma com alunos do 1º A e B, outra com alunos do 2º A e B e outra com alunos do 3º ano A e B. A escolha de fazer a pesquisa com esse grupo se deu por já serem meus alunos, por participarmos da mesma comunidade e vivenciarmos um contexto comum, um dos princípios da pesquisa-ação.

Antes de começar a pesquisa entrei em contato com a direção e pedi autorização para realizar a pesquisa e todos foram muito receptivos. Depois pedi a autorização dos pais e elaborei um termo de responsabilidade dos alunos com a pesquisa.

A escola deu todo o apoio à pesquisa, disponibilizando um laboratório multimídia com todo o suporte necessário em termos de recursos tecnológicos. O coordenador pedagógico tomou conhecimento de todas as etapas e, inclusive, participou do grupo focal ao final do estudo. O apoio da direção, a disponibilização de um laboratório multimídia e alunos dispostos a fazerem parte da pesquisa, me pareceram um espaço ideal para o desenvolvimento da pesquisa com os eixos autonomia, aprendizagem de línguas e tecnologia. Como o espanhol nesta escola é optativo, as vagas foram oferecidas a todos os alunos de 1º ao 3º ano.

As aulas aconteciam todas as tardes de quinta-feira. Apenas o grupo focal foi realizado pela manhã, para que pudesse contar com a presença de todos. O empenho dos alunos foi, sem dúvida, o estímulo para que a pesquisa fosse feita de maneira tão animadora, um ambiente de ajuda mútua, com muito bom humor e entrosamento entre todos os participantes.

3.6.1 Participantes da pesquisa

O grupo de participantes da pesquisa foi formado por três turmas; uma do 1º ano, outra do 2º ano e outra 3º ano do Ensino Médio, conforme especificado anteriormente. No começo totalizavam 18 alunos com idade entre 15 e 17 anos e no final havia 12 alunos e, destes, 6 participaram de todas as fases da pesquisa. Esses alunos cursam comigo a disciplina de espanhol como língua estrangeira de maneira opcional. Eles fazem as disciplinas regulares pela manhã e as aulas de espanhol acontecem às quintas-feiras no período da tarde.

Antes, as aulas aconteciam em salas convencionais, mas para a aplicação da pesquisa foram transferidas para um laboratório multimídia.

Alguns alunos abandonaram as aulas, pois terminaram o 3º ano em 2016, e uma aluna se mudou e ainda houve aqueles que deixaram as aulas por não serem obrigatórias. Em geral são alunos muito motivados para os estudos e com um potencial alto de realização de atividades propostas.

Com exceção de quatro alunas, os demais alunos não tinham experiência com espanhol fora da escola. E como essa escola só oferece espanhol para o Ensino Médio, a maioria começa o primeiro ano sem nenhum conhecimento nessa língua e outros entram já no 2º e 3º anos sem nunca ter estudado espanhol. Esses detalhes aparecem no quadro abaixo sobre o perfil dos alunos:

QUADRO 1– Perfil dos Alunos Participantes da Pesquisa

Nome ²⁰	Idade	Sexo	Série	Anos de estudo do espanhol	Participação na pesquisa
Alicia	15	F	1º ano	1	Todas as fases ²¹
Anita	16	F	2º ano	5	2016/1 -2016/2
Diego	15	M	1º ano	1	2016/1 -2016/2
Dulce	15	F	2º ano	2	Todas as fases
Jade	15	F	1º ano	1	2016/1 -2016/2
Juan	16	M	1º ano	1	Saiu

²⁰ Os nomes usados são fictícios e foram escolhidos pelos alunos.

²¹ A indicação “Todas as fases” corresponde aos períodos 2016/1 – 2016/2 – 2017/1

Julia	15	F	2º ano	5	Se mudou
Lea	15	F	1º ano	1	Saiu
Lorenzo	16	M	3º ano	3	Concluiu 3º ano
Luna	17	F	2º ano	5	Todas as fases
Lupita	15	F	1º ano	1	Todas as fases
Luz	15	F	1º ano	1	2016/1 -2016/2
Nina	17	F	2º ano	2	Todas as fases
Pablo	15	M	1º ano	1	2016/1 -2016/2
Paco	16	M	3º ano	2	Concluiu 3º ano
Pepe	15	M	1º ano	1	Todas as fases
Shakira	15	F	1º ano	4	Todas as fases
Sol	15	F	1º ano	1	2016/1 -2016/2

Fonte: dados da pesquisa

Este quadro possibilita um panorama do perfil dos alunos. Como visto, alguns alunos não participaram de todas as aulas, isso ocorreu porque a disciplina é oferecida em caráter opcional, então os alunos deixam de assistir um semestre, depois retornam, ou, justamente por não ser obrigatório, acabam abandonando as aulas.

Na próxima seção, descrevo o “projeto” e como se desenrolaram as aulas.

3.7 “O Projeto”

Começo explicando porque chamamos a pesquisa por “projeto”. Na escola, quando temos uma atividade que foge aos padrões das aulas expositivas, chamamos de projeto. Por isso, quando pensei em fazer a pesquisa com eles disse que iríamos fazer um projeto de espanhol, e nele iríamos aprender sobre autonomia e teríamos aulas com uso da tecnologia.

O primeiro passo foi mudar da sala de aula para um laboratório com recursos multimídia. Conversamos muito sobre como tudo iria acontecer e percebi que eles ficaram muito motivados e sempre que íamos mencionar a pesquisa usávamos carinhosamente o termo “Projeto”.

Antes eles falavam o projeto da professora, porque sabiam que ele se desenvolvia no contexto de minha pesquisa de mestrado da UnB, depois, no grupo focal, um aluno se referiu ao projeto como “nosso” projeto.

Desde o começo pude perceber uma relação de afetividade entre mim e os alunos. No dia em que iríamos fazer a vídeo conferência, fiquei muito preocupada com receio de que não comparecessem e alguns perceberam e começaram a chamar os outros no grupo do Whatsapp e pedindo para que viessem participar dessa atividade.

Percebi que eles abraçaram esse desafio comigo ao ponto de sentirmos que a responsabilidade era de todos. Aconteceu inclusive de três alunos do 2º ano se oferecerem para participar como monitores nas aulas com os alunos do 1º ano, uma vez que as atividades no laboratório eram realizadas separadamente por turma.

O projeto foi um momento muito significativo, um tempo em que os alunos ganharam seu espaço, em que puderam expressar seus objetivos, o modo como gostariam de aprender e, principalmente, um tempo para descobrirem novas formas de buscar o conhecimento e de enxergarem seu papel de aluno. Para mim, foi um tempo de buscar novas formas de compartilhar o conhecimento e de ressignificar a tarefa de ensinar.

3.7.1 As aulas

Durante a pesquisa, tivemos 12 aulas presenciais e 12 participações online registradas. As aulas presenciais aconteciam separadamente por turmas e para as interações os alunos eram reagrupados em uma turma única. Antes de começá-las, fiz um termo de Consentimento livre e esclarecido explicando os objetivos da pesquisa que foram enviados aos pais para que permitissem a pesquisa com seus filhos.

Pedi a autorização da escola e fiz um acordo de participação com os alunos em que eles tomaram conhecimento da responsabilidade que lhes cabia como participantes da pesquisa.

Comecei as aulas com o questionário diagnóstico para conhecer melhor como entendiam autonomia, como buscavam aprender o espanhol, com que objetivos usavam a tecnologia e o perfil de estudante de cada um.

Para o desenvolvimento das participações online, foi preciso abrir contas em alguns sites e criar grupos em outros. As primeiras aulas serviram a este propósito.

Depois ficou combinado que cada aluno buscaria um tema de seu interesse, colocaria no grupo do Facebook, que ficaria disponível para que os colegas deixassem ali seus comentários e comentassem as postagens dos outros colegas.

Posteriormente, essa temática era trazida para a sala de aula pelo aluno responsável e o tema era apresentado e discutido. Os alunos tinham a liberdade de escolher temas de sua preferência, mas eu também participei e aproveitei para discutir a temática da tecnologia e da autonomia. O fato de essas temáticas serem disponibilizadas no Facebook antes das aulas presenciais contribuiu para a construção da autonomia e para que os alunos se inteirassem do assunto antes das discussões e estas pudessem ser mais aprofundadas.

As aulas sempre começavam com uma ou duas músicas em espanhol da preferência dos alunos, esse era um momento muito esperado por eles. Em seguida passávamos para a temática da aula, que já havia sido disponibilizada no Facebook para comentários. O aluno responsável pelo tema apresentava e propunha uma discussão para que todos pudessem expressar sua opinião. No final, decidíamos quem traria a discussão para a sala na próxima aula.

Os diários de bordo propiciaram-me acompanhar as participações dos alunos, enquanto os diários de itinerância serviram para as descrições da pesquisadora. Os relatórios sobre cada aula serviram para compor os diários de itinerância: neles, eu descrevia como aconteceu a aula e quais foram minhas observações. As propostas e participações online compuseram os diários de bordo.

Tivemos oito encontros registrados em 2016, mas após analisar os dados que já tinha cheguei à conclusão de que deveria retornar em 2017 para a coleta de novos dados, principalmente para que fosse feita a avaliação das aulas e a autoavaliação dos alunos com relação à participação da pesquisa. Tivemos, então, mais duas aulas e o grupo focal. Esclareço que as aulas para a pesquisa aconteceram no laboratório separadamente por turmas e concomitantemente às aulas planejadas para a disciplina do ensino regular de espanhol, por isso ressalto os encontros que foram registrados como parte da pesquisa, uma vez que várias aulas não tinham os mesmos objetivos,

isso explica a falta de sequência entre as datas, conforme veremos adiante no quadro representativo das aulas.

Depois de analisar os dados busquei uma forma de avaliar todo o processo com os alunos e então resolvi fazer um grupo focal. Este foi o último encontro em que realizei coleta de dados, as aulas continuaram seu curso de acordo com o plano da disciplina regular de espanhol. Segue abaixo o quadro com as aulas presenciais e as participações online, as datas em que foram realizadas as coletas, os temas propostos e as atividades a eles relacionadas, os recursos tecnológicos usados, e o objetivo de cada aula.

Quadro 2 Quadro representativo das aulas presenciais²²

Aula Nº	Data	Tema	Recurso tecnológico	Atividade	Objetivo
1	04/8/2016	Início do projeto		Apresentação do projeto e criação de nomes fictícios	Criar situações e ambiente propício para as aulas
2	11/8/2016	Dia de abrir contas e questionário diagnóstico	Gmail, Yahoo, <i>Flickr</i> , <i>Whatsapp</i> , <i>Facebook</i>	Abrir contas no Gmail, no Yahoo, no <i>Flickr</i> , <i>Whatsapp</i> , <i>Facebook</i> /Responder ao questionário diagnóstico	Uso da tecnologia na interação entre os alunos e a aprendizagem de espanhol
3	18/8/2016	Tema em debate	Data show/computador /vídeo do <i>YouTube</i>	Discussão sobre a legalização da maconha	Trazer para a sala discussões sobre o vídeo postado no Facebook
4	25/08/2016	Verificando o conhecimento	<i>Facebook</i>	Testes online de conhecimento na língua espanhola	Observar como resolvem as dificuldades
5	8/9/2016	Testando o Hangouts e criando perfil	<i>Hangouts</i>	Testar o <i>Hangouts</i> e falar um pouco sobre si mesmos	Promover a interação entre os alunos

²² Todas essas aulas foram “replicadas” nas turmas de 1 ano, de 2 ano e de 3 ano.

6	22/9/2016	Comentando fotos no Flickr	<i>Flickr</i>	Visitar o <i>Flickr</i> e postar uma foto com legenda em espanhol	Usar a tecnologia para a aprendizagem do espanhol
7	20/10/2016	Você é uma pessoa autônoma?		Responder questionário sobre aprendizagem autônoma	Refletir sobre a importância da autonomia na aprendizagem.
8	17/11/2016	Videoconferência sobre o uso das tecnologias com Lígia Monteiro	<i>Hangouts</i>	Discutir sobre os usos das tecnologias	Promover a interação com pessoa de conhecimento avançado sobre o tema
9	2/3/2017	Estudando sobre tecnologia	Vídeo <i>Youtube, Facebook</i>	Discutir o vídeo postado no <i>Facebook</i>	Pensar sobre os novos rumos da aprendizagem de línguas com tecnologias
10	9/3/2017	Estudando sobre biodiversidade	<i>Youtube e Facebook</i>	Discutir o vídeo postado no <i>Facebook</i>	Usar a tecnologia para buscar informações relevantes ao conhecimento
11	30/3/2017	Sugestão de sites	<i>Power Point, Tumblr</i>	Conhecer o <i>Tumblr</i> e outros sites em espanhol	Interação e busca de conhecimento com o uso das tecnologias.
12	28/8/2017	Grupo focal	Aplicativo de gravação de voz e filmadora.	Entrevista em grupo	Avaliação da aprendizagem do espanhol, do uso da tecnologia e do desenvolvimento da autonomia

Fonte: dados da pesquisa

A seguir apresento a atividades realizadas e trechos do diário de itinerância onde mostro minhas impressões e meus propósitos em realizá-las.

3.7.1.1 Impressões das aulas presenciais

Aula 1 - 04/8/2016

Início do projeto - Hoje foi o primeiro dia do projeto, recebi a ficha de matrícula, apresentei o projeto, os alunos assinaram o termo de compromisso com o projeto, levaram uma autorização de participação para os pais assinarem. Hoje também eles escolheram um nome espanhol fictício para o projeto. A ideia de criar nomes fictícios teve a intenção de preservar a imagem dos alunos, pois são menores de idade. Eles ficaram muito animados com a ideia de falar com alunos do Uruguai e de fazer uma viagem para esse país já que eu lhes disse que uma pretensão do projeto era promover a interação deles com alunos falantes de espanhol de outro país.

Objetivo da aula: criar situações e ambiente propício para as aulas.

Esse momento foi mais de planejamento e de direcionamento para que pudessemos dar curso à pesquisa.

Aula 2 - 11/08/2016

Dia de abrir contas - Hoje os alunos abriram as contas no Gmail necessárias para entrar no *Hangouts*, no Yahoo para abrir a conta no *Flickr* e criamos o grupo do *Facebook*, no *Whatsapp* para contatos e participação nas atividades. Comentei que estou em contato com a escola no Uruguai, pedi aos alunos para experimentarem deixar seus telefones no idioma espanhol e pedi que assistam ao vídeo do Globo Repórter sobre o Uruguai e comentem algo em espanhol no grupo de *Facebook*, onde vou colocar o *link*. Hoje também fizemos o questionário diagnóstico para conhecer o perfil e a realidade dos alunos.

Eu tive um técnico à minha disposição, mas percebi que estamos conseguindo usar a tecnologia sem essa ajuda, também porque os alunos já têm muita experiência. Exemplo disso é que o grupo de *Whatsapp* foi criado por um aluno.

Me dei conta de que quando formos falar com os alunos do Uruguai será necessário que os alunos tragam seus computadores ou que comprem uma *webcam*, pois no laboratório não existe. Mas apenas um aluno disse que não tem notebook que possa trazer. Vou pensar como resolver.

Objetivo da aula: Começar a usar as tecnologias disponíveis e criar situação de interação entre o alunos e aprendizagem de espanhol.

Estávamos muito eufóricos e queríamos experimentar o máximo de recursos disponíveis da internet em busca do conhecimento. Infelizmente o contato com os alunos do Uruguai não aconteceu embora eu tenha tentado em diversas escolas deste país uma que se interessasse pela pesquisa. Mas todas alegavam que já tinham um planejamento a seguir, ou o período de férias coincidiam com as nossas aulas.

Também queríamos fazer uma viagem a esse país, mas os pais alegaram que ficaria muito caro e o nosso país estava passando por uma crise financeira.

Aula 3 - 18/8/2016

Tema em debate – Ficou combinado que um aluno colocaria um vídeo em espanhol sobre um tema de seu interesse e nesse dia fiquei surpresa, pois havia dito a minha orientadora que eles eram muito imaturos para debater temas mais reflexivos. Este aluno propôs a discussão sobre a legalização da maconha e gerou uma discussão muito interessante. Hoje aprendi que não devo subestimar meus alunos.

Objetivo da aula: Trazer para a sala discussões sobre o vídeo postado no Facebook

Comentário: Hoje aprendi que não devo subestimar os alunos. Eles têm interesse nos mais variados temas e suas discussões contribuem para o crescimento do grupo.

Aula 4 - 25/8/2016

Verificando o conhecimento - Hoje trouxe aos alunos dois testes online para fazer. Os testes foram colocados no grupo do *Facebook* e um deles era para saber o nível em que o aluno estava, o outro era de questões sobre a língua, principalmente expressões idiomáticas. Esse último constava de 20 perguntas. Os alunos fizeram os testes e eu colocava o resultado no quadro, deixei que eles fizessem sem muita interferência. Ao final verificamos quem teve mais acertos e alguns reclamaram por que fizeram sem ajuda do professor, do dicionário, do colega ou do Google tradutor, então eu disse que não disse que não podia buscar ajuda, para verificar como reagiriam. A aula foi muito divertida. Ao final quem tirou menos pontos ficou encarregado de trazer um bolo de bananas e o outro de cenoura com chocolate. Aqui percebo que ainda estou na transição em minha prática, pois o sistema de reforço (premiação ou punição) como resultado da performance são resquícios da teoria behaviorista que não é a teoria na qual pretendo me pautar para este trabalho.

Objetivo da aula: observar como se comportavam com relação dificuldades que iam aparecendo ao longo do processo e como buscariam soluções. Nesta aula percebi que alguns têm a capacidade de solucionar os problemas sem a ajuda do professor. Eu não disse que

poderiam usar o tradutor, por isso alguns não usaram, ou seja ainda esperam os comandos do professor.

Essa aula contribuiu para que os alunos compreendessem que podem ir além, que devem buscar diferentes formas de solucionar as dificuldades que se apresentam. Além disso puderam avaliar seu desenvolvimento na aprendizagem do espanhol.

Aula 6 - 08/09/16

Testando o *Hangouts* e criando perfil- Hoje fizemos testes com o *hangouts* e os alunos que já têm conta tentaram se comunicar com os colegas, mas a conexão de internet não estava funcionando bem, então pedi a eles que testassem em casa e falassem com um colega do grupo, para conhecer melhor a ferramenta. Ficou combinado também que eles iriam fazer um perfil em espanhol para facilitar a apresentação quando fossem se comunicar, possivelmente com alunos falantes de espanhol de outro país.

Objetivo da aula: falar de si mesmo para os outros e conhecer um pouco sobre o tema autonomia.

Essa aula visou ampliar as possibilidades de os alunos desenvolverem habilidades para se comunicar com outros falantes da língua espanhola. Mesmo que não tenha sido explorada de maneira exaustiva, os alunos puderam experimentar um novo veículo de comunicação.

Aula 6 - 22/9/2016

Comentando fotos no *Flickr* - Hoje os alunos foram convidados se inscreverem no *Flickr*. A proposta é que eles deveriam encontrar uma foto com legenda em espanhol e comentá-la também em espanhol. Depois abrimos um grupo restrito onde eles poderiam postar fotos com legenda em espanhol e também poderiam comentar as fotos dos colegas e por segurança pedi que não colocassem fotos no domínio público. Em seguida pedi que eles deixassem suas impressões da aula por meio de comentários no grupo do Facebook em espanhol. Como atividade para a semana, uma aluna ficou de postar um vídeo no grupo do Facebook para que os colegas assistissem e comentassem.

Objetivo da aula: poder usar a tecnologia para a aprendizagem do espanhol e também praticar leitura e escrita do espanhol.

Os alunos usam a internet com diferentes finalidades, por isso essa aula serviu para que pudessem ampliar as formas de se relacionar com os outros, de poderem ter contato com a língua escrita e de participarem de um site que poucos conheciam, mas que tem grande potencialidade para gerar conhecimento.

Aula 7 - 20/10/2016

Você é uma pessoa autônoma? - Com o objetivo de conversar com os alunos sobre o tema da autonomia e traçar com eles possíveis estratégias para melhorar o desempenho em autonomia, foi proposta uma atividade em que os alunos responderam a algumas perguntas que suscitaram as discussões e também propuseram estratégias que foram elencadas para serem executadas durante o desenvolvimento das atividades. Depois de analisadas as respostas os alunos escolheram as melhores sugestões. O objetivo dessa atividade também é fazê-los refletir sobre seu processo de aprendizagem e sobre o conceito e importância da autonomia para a aprendizagem.

O trabalho foi bem interessante, eles contaram episódios em que tiveram autonomia e o que significou para eles. Inclusive escreveram esse relato em espanhol no grupo do *Facebook*. Mas como faltaram muitos alunos, pretendo continuar a atividade na próxima aula com os que faltaram. Essa atividade aparece na análise de dados como entrevista sobre estratégias de autonomia.

Objetivo da aula: fazer com que pensem um pouco a importância da autonomia na aprendizagem deles.

Comentário: Poucos alunos se julgaram autônomos, analisando autonomia por sua ótica, como a capacidade para fazer tudo sozinho. Acredito que quando perceberem que autonomia vai muito além, vão entender a sua importância para o contexto educacional.

Aula 8 - 17/11/2016

Videoconferência²³ com Lígia Monteiro – A aula hoje foi mágica! - Nesse dia tivemos uma videoconferência com a professora Lígia de Assis Monteiro Fontana, pedagoga e especialista em Tecnologia Educacional pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e mestranda no curso Comunicação Educacional e Mídias Digitais pela Universidade Aberta de Portugal em Lisboa. Eu conheci essa professora no site Porvir.com em uma matéria sobre uso de tecnologia em sala de aula. E na videoconferência ela abordou os temas:

Quem sou?

Reportagem do PORVIR,

O que é rede social?

O que são redes sociais digitais ou online?

Para que servem?

Funcionalidades das redes sociais

Conteúdo: informação, conhecimento e veracidade

Redes sociais para o ensino de línguas

Como escolher as redes sociais para estudar?

Exemplo de redes e conteúdos certificados

Sessão bate-papo em que respondeu a perguntas dos alunos sobre temas como *ciberbullying*.²⁴

Objetivo da aula: promover interação com pessoa que tem conhecimento avançado do tema tecnologia.

Comentário: Hoje os alunos puderam aprender sobre a importância de usar a internet de maneira direcionada e responsável. Os alunos foram muito participativos, fizeram muitas perguntas, comentaram a aula no grupo do Facebook específico para o projeto e ainda tiraram uma foto com a professora Lígia.

²³ A videoconferência é uma mídia que possibilita que pessoas de diferentes localidades se encontrem em tempo real em ambiente virtual, para que aconteça a interação entre os participantes em uma comunicação interativa que usa áudio, vídeo, câmera e microfone.

²⁴ Cyberbullying é um tipo de violência praticada contra alguém através da internet ou de outras tecnologias relacionadas. Disponível em: www.significados.com.br - Acessado em 5/4/2017.

Aula 9 - 2/3/2017

Estudando sobre tecnologia – hoje postei um vídeo no Facebook e um aluno colocou no grupo de *Whatsapp* do projeto: Tecnologías para la enseñanza-aprendizaje de lengua extranjera. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=2bk_AzOxFg

O texto foi posto durante a semana para que assistissem antes da aula. Depois de discutirmos os alunos fizeram uma relação das ideias mais importantes, sobre o que de novo aprenderam e sua opinião sobre as ideias do texto. A discussão foi muito rica.

Objetivo da aula: fazer pensar sobre os novos rumos da aprendizagem de língua estrangeira com as tecnologias e trabalhar a compreensão auditiva em espanhol.

Comentário: Eu achei importante que os alunos pudessem estudar um pouco sobre os eixos da pesquisa que inclui autonomia, tecnologia e aprendizagem de língua.

Aula 10 - 9/3/2017

Estudando sobre biodiversidade – ficou combinado que a cada aula um aluno traria um tema para discussão em sala de aula, embasado em um vídeo em espanhol. Hoje o tema foi: América Latina: La Superpotencia de la Biodiversidad Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yTYQAkziG0>.

Também as discussões foram muito interessantes, pedi que a aluna colocasse no grupo do Facebook, uma vez que só havia postado no grupo do *Whatsapp* para que pudessem deixar ali seus comentários.

Objetivo da aula: fazer com que o aluno escolhesse temas de sua preferência, que usasse a tecnologia para buscar informações e que se sentisse responsável em buscar o conhecimento e compartilhá-lo com os colegas.

Comentário: Tenho percebido que os alunos escolhem temas de seu interesse e os temas incluem preocupação com o meio ambiente e com causas sociais. Essas escolhas representam para mim uma manifestação de comportamento politizado.

Aula 11 - 30/3/2017

Sugestão de sites – A aula de hoje, para mim foi surpreendente. Como ficou combinado que a cada aula um aluno traria um tema que envolvesse tecnologia e ensino de língua, a aluna montou uma apresentação em Power Point em que dava dicas de vários sites interessantes de acordo com o interesse de cada um. Os temas variavam entre sites de informações, notícias, destinos, *comics*, aprendizagem de tópicos de gramática do espanhol e ainda nos apresentou o *Tumblr* – um site que funciona como um blog coletivo e mostrou aos alunos como se inscrever, fazer postagem e ainda mostrou um lindo poema que ela mesma criou e postou. Ela quis postar em espanhol, mas não conseguiu uma boa tradução, então uma aluna que tem mais experiência ficou de ajudá-la.

Pude perceber que eles começam a descobrir de que forma podem ser autônomo e como podem adquirir conhecimento usando as tecnologias digitais.

Sugestões de sites:

www.diarioinformacion.com

www.infobae.com/américa

www.espanolsemfronteiras.com.br

www.tripadvisor.com.br

www.soespanhol.com.br

www.espanholitos.tumblr.com

www.olheosmuros.tumblr.com

Objetivo da aula: fazer com que os alunos troquem informações e possam buscar aprendizagem usando as tecnologias digitais.

Quando o professor faz uma proposta de aula, ele o faz por seu ângulo de interesse e julga que esse também seja o interesse do aluno, mas quando o aluno é que propõe, ele se mostra mais ativo e muitas vezes seus interesses coincidem com os interesses dos outros colegas, pois pensam e vivenciam contextos semelhantes. Sinto que foi isso que aconteceu nessa aula.

Aula 12 – Grupo focal – 28/08/2017

Hoje marcamos um encontro fora do horário de aula para fazer um grupo focal. Os alunos foram muito participativos e suas respostas me surpreenderam. Foi feito um roteiro que direcionou as perguntas e entregue a eles um pouco antes de começar a entrevista.

Objetivo da aula: Esse foi um instrumento de coleta de dados que serviu também como avaliação de todo o processo para os alunos e para mim.

O grupo focal foi um momento muito relevante para a pesquisa. Os alunos avaliaram as aulas e também se avaliaram. Eu me surpreendi, não pensei que eles haviam assimilado de maneira tão clara e madura os objetivos e os eixos da pesquisa. O distanciamento entre a última aula em 30/3/2017 e o grupo focal em 28/8/2017 se deveu a que neste tempo eu tinha atividades programadas pela disciplina que fugiam aos propósitos da pesquisa.

Os diários de itinerância foram importantes para que as aulas fossem avaliadas logo em seguida e que ao final eu pudesse ter uma noção global registrada do que foram as aulas. Essas impressões se tornaram documentos valiosos para entender todo processo das aulas.

Também foram importantes os registros dos diários de bordo postados pelos alunos. A seguir apresento os conteúdos e impressões dos alunos deixados no grupo do *Facebook*.

3.7.1.2 Interações online

Essas interações aconteciam semanalmente. Os alunos postavam os vídeos, que geralmente eram buscados no *Youtube*, os colegas eram incentivados a comentar no Facebook e posteriormente o tema era apresentado para discussão em sala de aula. No início os alunos não se sentiam muito seguros se estavam escolhendo temas que seriam do interesse dos colegas e de acordo com o que eu esperava deles. Às vezes eles me mandavam mensagem perguntando se eu aprovava. Mas dei a eles toda liberdade de escolherem e defenderem seu ponto de vista em relação à temática.

Quadro 3– Interações online

Aula N°	Data	Tema	Recurso tecnológico	Interação no Facebook	Objetivo
1	11/8/2016	Conhecendo o Uruguai	Vídeo do <i>Youtube</i> : do Globo Repórter sobre o Uruguai ²⁵ / <i>Facebook</i>	Comentários em espanhol sobre o vídeo/postagem no Facebook	Interação
2	25/8/2016	Tema em debate: Legalização da maconha	Vídeo, <i>Marijuana, legalización</i> ²⁶ - / <i>Facebook</i>	Debate sobre a legalização da maconha/postagem no <i>Facebook</i>	Descobrir a capacidade de reflexão e posicionament o dos alunos
3A	01/9/2016	Verificando o conhecimento	Guia do estudante ²⁷ Folha Uol ²⁸ <i>Facebook</i>	Testes online de nível do espanhol/ postagem no Facebook	Autoavaliação em relação ao nível de espanhol.
3B	01/09/2016	Comentários sobre os testes	Grupo do <i>Facebook</i>	Postar no Facebook seus comentários sobre os testes de conhecimento em espanhol	Autoavaliação das habilidades com a língua
4	06/9/2016	Escola que trabalham com autonomia	Vídeo <i>Youtube</i> ²⁹ :	Discussão sobre o tema da autonomia/ postagem no <i>Facebook</i>	Conhecer escolas que trabalham com autonomia e refletir sobre o tema
5	15/9/2016	¿ Quién soy?	<i>Facebook</i>	Trocar informações pessoais	Interação, saber apresentar-se ao outro
6	22/9/2016	Comentando fotos no <i>Flickr</i>	<i>Flickr, Facebook</i>	Postar e comentar fotos em espanhol	Usar a tecnologia para a aprendizagem do espanhol
7	20/10/2016	Como podemos ser autônomos	<i>Facebook</i>	Definir autonomia	Refletir sobre autonomia

²⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=3CpP-EwguXs>

²⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3CpP-EwguXs>

²⁷ Disponível em: <http://origin.guiadoestudante.abril.com.br/testes-vocacional/qual-seu-nivel-espanho-basico-intermediario-ou-avancado-743461.shtml/>

²⁸ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/teste-20020827.shtml/>

²⁹ Disponível em: <http://g1.globo.com/.../escolas-mais-inovadoras-do-m.../5266711/>

8	30/11/2016	Vídeo conferência sobre tecnologia	<i>Hangouts/Datashow</i>	Discutir sobre os usos da tecnologia na aprendizagem	Interação com pessoa de conhecimento avançado do tema
9	2/3/2017	Estudando sobre tecnologia	Vídeo <i>Youtube</i> : Tecnologías para la enseñanza-aprendizaje de lengua extranjera ³⁰ / <i>Facebook, Whatsapp/Datashow</i>	Discussão sobre o que de novo aprenderam e suas opiniões sobre o texto	Pensar sobre os novos rumos da aprendizagem de língua estrangeira com tecnologias/compreensão auditiva
10	9/3/2017	Estudando sobre biodiversidade	Vídeo <i>Youtube</i> : América Latina: La superpotência de la biodiversidade ³¹ - / <i>Datashow</i>	Discussão sobre o tema da biodiversidade/postagem no <i>Facebook</i>	Escolher temas de sua preferência e compartilhá-lo com os colegas
11	30/3/2017	Busca do conhecimento com tecnologias digitais	<i>Power Point, Facebook, Tumblr</i> e outros sites	Buscar informações usando as tecnologias e compartilhá-las presencialmente e no <i>Facebook</i>	Compartilhar informações

Fonte: dados da pesquisa

A seguir apresento as interações entre os alunos no *Facebook* que compuseram os diários de bordo. Elas são apresentadas de forma intercalada com alguns comentários meus sobre essas interações ou sobre a participação dos alunos nas atividades.

³⁰ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2bk__AzOxFg

³¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yTYQAKziG0>

Interação online 1 – 11/8/2016

Diário de bordo 1 - Conhecendo o Uruguai



Elenice Delfino compartilhou um link.

11 de agosto de 2016

<https://www.youtube.com/watch?v=3CpP-EwguXs>

Miren este video y contesta que cosas les gustarian conocer en Uruguay. Besos



Globo Reporter Uruguay Julio 2013

Globo Reporter Uruguay

YOUTUBE.COM

Pablo

Este video me parecio muy intersante

Curtir · Responder · 18 de agosto de 2016 às 14:06

Pepe

Me gustò mucho la historia , muchos hechos sobre Uruguay , especialmente la parte sobre Punta del Este

Curtir · Responder · 18 de agosto de 2016 às 14:10

Diego

Me gustò el video

Curtir · Responder · 24 de agosto de 2016 às 23:51

Sol

Me gustò el video y me gustaria saber el Uruguay porque muchas cosas enfiarlo

Curtir · Responder · 25 de agosto de 2016 às 14:45

Jade

Me gustò el video, explica y se demuestra perfectamente Uruguay, me llamò mucho la atención los paisajes bellos y Dolce leche se ve delicioso, quiero saber Uruguay. 😊

Curtir · Responder · 28 de agosto de 2016 às 15:04

Dulce

me gustò el video. Muy bellos los paisajes. Quiero visitar este hermoso cenatio

Curtir · Responder · 1 de setembro de 2016 às 14:17

Shakira

Ya habia visto este video y me encantò mucho!!!

Curtir · Responder · 1 de setembro de 2016 às 14:33

Percebo com as falas dos alunos que os comentários ainda estão pouco críticos, ficando apenas no juízo de valor, gostei, gostei muito. Ainda não conseguem iniciar uma discussão em grupo e ficaram apenas no que foi pedido na tarefa, não indo além.

Interação online 2 – 25/08/2016

Diário de bordo 2 - Tema em debate: Legalização da maconha

<https://www.youtube.com/watch?v=pRDk02fvRBI>



👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

Elenice Delfino Qué piensan ustedes sobre el asunto. Un tema muy intresante?
Curtir - Responder - 25 de agosto de 2016 às 12:37

Pepe Muy interesante!
Curtir - Responder - 25 de agosto de 2016 às 12:41

Elenice Delfino congratulaciones, Fernando pela elección del tema, puede ser incluso un tema para enem, que piensas?
Curtir - Responder - 25 de agosto de 2016 às 12:57

Pablo Estoy de acuerdo con la legalización de la marihuana
Curtir - Responder - 25 de agosto de 2016 às 14:10

Alicia No muy de acuerdo con el lanzamiento para el consumo propio , sólo para fines medicinales
Curtir - Responder - 25 de agosto de 2016 às 14:25

Sol Muy enfiar el documental , pero estoy en contra de la legalización
Curtir - Responder - 25 de agosto de 2016 às 14:29

Jade Muy interesante documental, sin embargo estoy en contra de la legalización porque los negativos aumentarían aún más.
Curtir - Responder - 28 de agosto de 2016 às 15:10

Diego No estoy a favor de la legalización de la marihuana también el único punto positivo y el uso de la zona de las drogas , pero creo que podemos encontrar otra solución para el área de la medicina
Curtir - Responder - 1 de selembro de 2016 às 13:34

Dulce Estoy en contra de la legalización de la marihuana por daños a la salud que se causa
Curtir - Responder - 1 de selembro de 2016 às 14:15

Nesta interação, começo a descobrir a capacidade de reflexão dos alunos e a maioria expressou sua opinião e justificou, o que mostra que realmente estudaram o tema, foram além do documentário.

Interação online 3 - 01/9/2016

Diário de bordo 3 - Verificando o conhecimento / Comentários sobre os testes

 **Elenice Delfino** compartilhou um link.
25 de agosto de 2016

vamos a treinar um pouco?

Qual o seu nível de espanhol: básico, intermediário ou avançado?
 Teste - Qual o seu nível de espanhol: básico, intermediário ou avançado?
 GUIADGESTUDANTEABRIL.COM.BR

 Curtir  Comentar  Compartilhar

Shakira Pedi a tradução de duas palavras a professora, no entanto, foi bem tranquilo e de grande aprendizagem. Meu nível foi intermediário.
 Descurtir · Responder ·  1 · 1 de setembro de 2016 às 14:19

Diego o primeiro teste eu gostei de fazer pois tive um resultado de cinquenta por cento de acerto e eu acho que fui razoável com resultado do meu primeiro teste
 Descurtir · Responder ·  1 · 1 de setembro de 2016 às 14:20

Lea fiquei confusa com algumas palavras, acho que tenho que melhorar muito, mas foi muito legal, espero ser melhor no próximo. meu nível foi intermediário.
 Descurtir · Responder ·  1 · 1 de setembro de 2016 às 14:24

Julia Meu resultado foi intermediário, não achei muito difícil de fazer, mas tive algumas dificuldades em conjugar alguns verbos. Farei o outro em casa.
 Descurtir · Responder ·  1 · 1 de setembro de 2016 às 14:42 · Editado

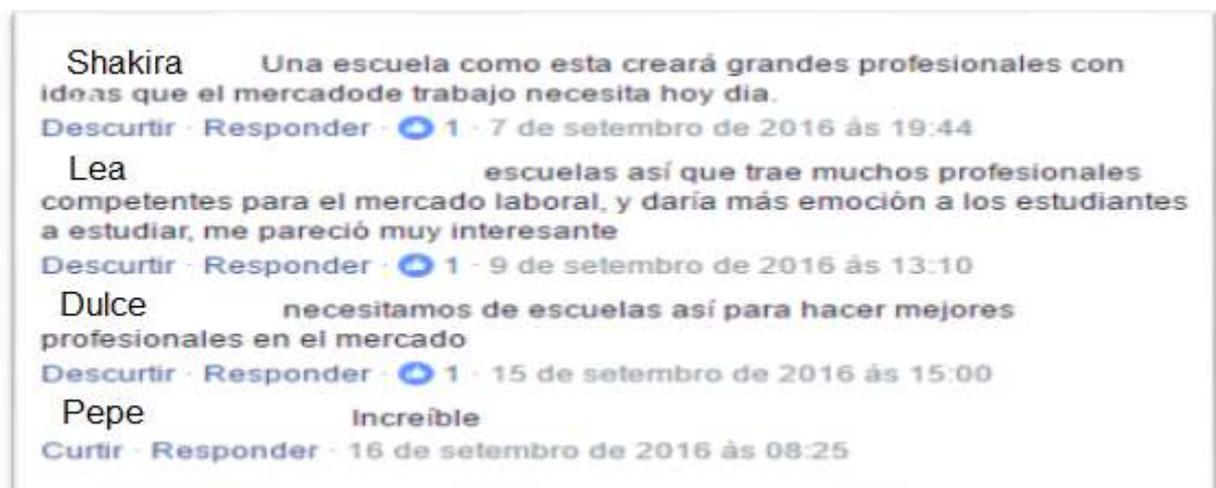
Lorenzo achei um teste muy interesante, principalmente para ver e saber seu nível em espanhol. Não é algo muito complicado mas tem algumas questões mais difícil. no entanto, fiquei com intermediário preciso melhorar em algumas coisinha na língua espanhola mas é uma boa experiência !!! 😊
 Curtir · Responder · 1 de setembro de 2016 às 15:46

Esta interação mostra uma autoavaliação que os alunos fizeram em relação a sua proficiência em espanhol, e como muitos ainda são do 1º ano é normal o grau de dificuldade que apresentaram, mas todos perceberam que precisam de mais esforço na busca do conhecimento na língua espanhola. O interessante foi que eles buscavam

ajuda com aqueles que sabiam mais e foi uma atividade muito colaborativa. Não foi dito que não poderiam pedir ajuda.

Interação online 4 – 08/09/2016

Diário de bordo 4 - Escola que trabalham com autonomia



Infelizmente, nem todos os estudantes participaram desta etapa. Na minha opinião, faltou um pouco de interesse por essa proposta, mas a maioria viu o vídeo e houve uma discussão interessante sobre esse modelo de escola que nos pareceu ainda tão distante da nossa realidade. No entanto, a atividade serviu para analisarem a relação deles com a escola. E muitos comentaram que gostariam de estudar conteúdos mais ligados à área profissional que querem seguir e que gostariam que a escola fosse mais democrática. O que vejo é que eles aproveitam as oportunidades de darem sua opinião.

Interação online 5 – 15/09/2016

Diário de bordo 5 – ¿ Quién soy?



Elenice Delfino

15 de setembro de 2016

...

Ponga aqui por favor informaciones sobre quien eres, que te gusta hacer, qué cosas no te gustan. Esto será para que podamos charlamos un poco con otros amigos.

Luna **Sou una chica morena, alta, delgada. A mi me gusta escuchar una buena musica. Ya a que no me gusta es quedar sin dormir.**

Descurtir · Responder · 1 · 15 de setembro de 2016 às 15:05

Anita **Mi nombre es** **tengo 16 años, me gusta practicar deportes, escuchar música, cantar, salir con mis amigos, ver películas y seriados.**

Descurtir · Responder · 1 · 15 de setembro de 2016 às 15:05

Nina **Mi nombre es** **tengo 17 años me gusta usar el teléfono, salir con mis amigos, dejar.**

Descurtir · Responder · 1 · 15 de setembro de 2016 às 15:06 · Editado

Luna **Tengo el pelo rubio y risado, los ojos claros, soy pequeña y delgada. A mi me gusta cantar, bailar y estudiar, pero no me gusta comer mucho ni escuchar bromas.**

Descurtir · Responder · 1 · 15 de setembro de 2016 às 15:06

Dulce soy una chica morena, delgada. Me gusta escuchar musicas, bailar e no me gusta mentiras
 Descurtir · Responder · 1 - 15 de setembro de 2016 às 15:06

Paco Mi nombre es ' , Tengo 16 años me gusta usar el teéfon, internet i muchas otras cosas
 Descurtir · Responder · 1 - 15 de setembro de 2016 às 15:08

Pablo Estoy tiene 15 años .
 me gusta ir al club
 Descurtir · Responder · 1 - 15 de setembro de 2016 às 15:08

Sol Mi nombre es de 15 años, pelo largo color miel, soy bastante corto, pero me gusta así. Me gusta trastear en citas móviles, salir, escuchar música, viajar, ver series y sonriendo.
 Curtir · Responder · 15 de setembro de 2016 às 15:19

Luz Estoy y tienen 15 años como mucho los animales, peliculas, música, libros, viajes, comida, no les gusta la gente sin educación, y que los animales del abuso

É possível perceber que os alunos queriam aprender a dar informações de si mesmos, para quando fossem interagir com outros falantes do espanhol. Havia no início uma intenção de que eles viessem a se comunicar com alunos de uma escola no Uruguai, mas fiz várias tentativas e contatos e não consegui nenhum diretor deste país com disponibilidade para participar do projeto com os alunos.

Interação online 6 – 22/9/2016

Diário de bordo 6 - Comentando fotos no Flickr

 **Elenice Delfino**
 22 de setembro de 2016

La clase de hoy fue en el Flickr. comentamos fotos en español, creamos un grupo y de tarea vamos a comentar una foto del público o de un compañero de grupo. Qué te pareció esta clase?

Nina Me gustó mucho la clase de hoy , interactuar con fotos en español , y fue muy interesante.
 Descurtir · Responder · 1 · 22 de setembro de 2016 às 14:52

Anita Me gustó mucho la clase, el Flickr es muy interesante y tiene muchas fotos bonitas.
 Descurtir · Responder · 1 · 22 de setembro de 2016 às 14:53

Luna A mi me gusto mucho, hice muchos comentarios en las fotos del Flickr, que son muy bonitas.
 Descurtir · Responder · 1 · 22 de setembro de 2016 às 14:54

Juan Me gustó mucho la clase y nuestra interacción con la tecnología , estoy realmente disfrutando
 Descurtir · Responder · 1 · 22 de setembro de 2016 às 14:54

Dulce Hoy vi muchas imagens muy bellas en el Flickr... Me gusta algunas que comentei que eran muy majestosas
 Descurtir · Responder · 1 · 22 de setembro de 2016 às 14:55

Essa atividade serviu para ver que aqueles que tinham mais conhecimento de tecnologia, sem que lhes fosse pedido, se puseram a ajudar aqueles que não estavam conseguindo abrir a conta no *Flickr*. A ideia de que aprendemos na interação se comprova e os sinais de autonomia começam a aparecer.

Interação online 7 – 20/10/2016

Diário de bordo 7 - Você é uma pessoa autônoma?

Pepe Para mí, la autonomía es tener la responsabilidad y la curiosidad de buscar y adquirir su propio conocimiento.
 Curtir · Responder · 20 de outubro de 2016 às 15:00 · Editado

Alícia La autonomía es de gobernarse por medios propios, a autodeterinar de acuerdo a sus metas y deseos.
 Curtir · Responder · 20 de outubro de 2016 às 14:59

Dulce Para mí, la autonomía és la independendencia para resolver sus problemas, y procurar por su cuenta sus soluciones
 Curtir · Responder · 20 de outubro de 2016 às 15:05

Lorenzo la autonomía y la capacidad de hacer algo por cuenta propia
 Curtir · Responder · 20 de outubro de 2016 às 16:08

Essas respostas mostram alunos muito mais maduros, com conhecimento sobre autonomia bem mais desenvolvido. Sinto que eles se mostram mais comprometidos com o projeto e também que começam a entender as mudanças em seu papel de aprendiz e nas novas concepções da aprendizagem.

Interação online 8 – 30/11/2016

Diário de bordo 8 - Videoconferência com Lígia Monteiro



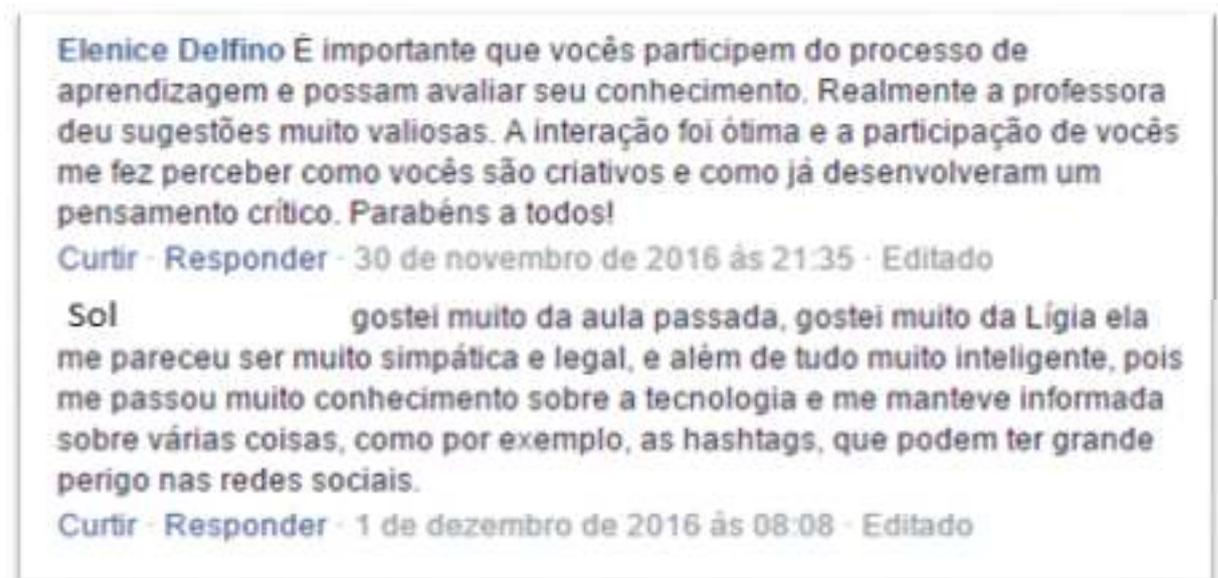
Elenice Delfino
30 de novembro de 2016

Mis amores, tuvimos una clase con la profesora Lígia Monteiro por Hangouts dia 24/11. Podrian comentar algo? besos

Pepe Gostei muito da aula, foi super interativa e tecnológica, foi possível transmitir e adquirir novos conhecimentos através da tecnologia!!!
Curtir · Responder · 30 de novembro de 2016 às 21:01

Jade Simplesmente amei, foi muito dinâmica, e extremamente importante para entendermos tudo que estamos vivendo no dia a dia e atrás de uma telinha.
Curtir · Responder · 30 de novembro de 2016 às 21:06

Alicia A conversa que tivemos com a professora Lígia Monteiro foi maravilhosa, pois ela nos mostrou os benefícios e malefícios das redes sociais, o uso da tecnologia no nosso aprendizado, dentre outros...
Curtir · Responder · 30 de novembro de 2016 às 21:21



Outro eixo desta pesquisa é a tecnologia e tenho interesse em colocar à disposição dos alunos várias formas de usá-la para desenvolver o conhecimento em língua espanhola de forma autônoma. Os alunos se mostram cada dia mais comprometidos e responsáveis e entre nós está crescendo uma afinidade muito benéfica.

Interação online 9 – 02/03/2017

Diário de bordo 9 - Estudando sobre tecnologia



O vídeo foi colocado também no Whatsapp. Percebo que os alunos estão preferindo interações por meio desse aplicativo. Essa interação ocorreu dentro do

laboratório, o vídeo foi mostrado e houve um debate sobre a importância da autonomia para a aprendizagem de línguas.

Interação online 10 – 09/03/2017

Diário de bordo 10 - Estudando sobre biodiversidade

<https://www.youtube.com/watch?v=YY1YQAKZIGU>
Este es el video sugerido por una alumna para esta semana!



América Latina: La Superpotencia de la Biodiversidad
¡¡SUSCRIBETE!! <https://goo.gl/4oi17> - Los equipos de filmación de National Geographic, con financiamiento del Banco Interamericano de ...
YOUTUBE.COM

Alicia El video es muy bueno, la diversidad que tenemos hoy en el mundo es inmenso. Los videos que vemos en clase y en línea terminan ayudando aún más en el conocimiento y el aprendizaje.
Curtir · Responder · 23 de março às 14:49

Elenice Me pareció muy interesante!
Curtir · Responder · 23 de março às 14:51

Shakira Muy muy muy interesante y tiene informaciones importantes para estudiarnos sobre la biodiversidad de América
Curtir · Responder · 23 de março às 22:46

Pepe muy bueno, un video bien producido con bellas imágenes, y varios temas curiosos, es que nos ayudan a expandir nuestro conocimiento
Curtir · Responder · 28 de março às 21:34

Nesta interação, percebo que os alunos se sentem muito bem em poder dar sugestões, emitir suas opiniões, acho que estamos no caminho certo para a construção da autonomia. Vejo também que os temas escolhidos são muito interessantes e mostram a preocupação social dos alunos.

Interação online 11 – 30/03/2017

Diário de bordo 11 – Busca do conhecimento com tecnologias digitais



Trabalho - Espanhol
Apresentação

[Baixar](#) [Carregar revisão](#)

Elenice Delfino A mi me dio ganas de buscar todas las sugerencias. Su trabajo nos muestra que podemos aprender mucho con las tecnologías digitales, incluso una legua extranjera y que se puede buscar conocimiento por su cuenta.
[Curtir](#) - [Responder](#) - 6 de abril às 15:09 - Editado

Alicia Diseño me hace crecer mucho en el idioma español, sobre todo en el habla y la comprensión de los problemas
[Curtir](#) - [Responder](#) - 5 de abril às 16:59

Pepe muy interesante, como dijo la maestra, es una presentación con muchas direcciones para se estudiar, y muy bien hecho
[Curtir](#) - [Responder](#) - 6 de abril às 15:00 - Editado

Pablo Un gran trabajo con buenos consejos de lugares de aprendizaje, juegos, buenos consejos sobre restaurantes y hoteles en lugares hermosos y he estado queriendo ir. Es también buenos sitios de información práctica.
[Curtir](#) - [Responder](#) - 6 de abril às 15:07

Shakira La presentación de Alicia fué muy interesante para los alumnos y también para el proyecto, con sitios de viajes(me gustó mucho), tumbir, comics y informaciones de America.....muy bien!!!!!!!
[Curtir](#) - [Responder](#) - 6 de abril às 15:14

Vejo, nesta interação, que a busca pelo conhecimento é cada vez mais importante para os alunos e é incrível ver que eles começam a se mostrar mais autônomos e conhecedores das formas de buscar esse conhecimento, eles se incentivam uns aos outros e valorizam o trabalho do colega. O que me chamou a atenção nessa atividade é que a aluna buscou um tema que é agradável à faixa etária deles, o que poderia não ser tão adequado se a sugestão tivesse sido minha.

No próximo capítulo apresento os dados dos questionários, dos diários de Bordo e de Itinerância e os dados do grupo focal que foram triangulados com os demais instrumentos.

4 ANÁLISE DOS DADOS

4.1 Triangulação como método de coleta e análise de dados

Depois da coleta de dados é preciso buscar métodos que proporcionem a compreensão e interpretação das informações coletadas nos instrumentos da pesquisa. Para esta pesquisa, o método da triangulação foi escolhido como um procedimento analítico para a coleta e interpretação dos dados qualitativos como uma maneira de entender o processo vivido pelos alunos participantes desta pesquisa.

Flick (2009, p.361) esclarece que a triangulação “é utilizada para designar a combinação de diversos métodos, grupos de estudo, ambientes locais e temporais e perspectivas teóricas distintas para tratar de um fenômeno”.

Serviram como base para esta pesquisa, os estudos de Minayo (2010) e Gomes et al. (2010). Minayo (2010) afirma que o termo triangulação pode ser utilizada em três dimensões diferentes. Na primeira dimensão, a triangulação é feita tomando como base as visões de diferentes informantes, empregando também diferentes técnicas de coleta de dados. É utilizada principalmente quando há a necessidade de se fazer um cruzamento de pontos de vistas de avaliadores de programas, projetos etc.

A triangulação, na segunda dimensão, segundo a autora, pode ser usada para a coleta de dados em que o pesquisador se utiliza de três ou mais instrumentos de coletas, como é o caso desta pesquisa: Questionários, diários e grupo focal.

Na terceira dimensão, segundo Minayo, há o emprego da triangulação para a análise dos dados coletados. A técnica busca a articulação entre os dados teóricos, os dados empíricos e análise de conjuntura, entendida pela autora como o contexto da realidade em que a pesquisa é feita.

A autora divide o processo interpretativo de análise das informações coletadas em três etapas. As fases do primeiro processo interpretativo são: Preparação dos dados, avaliação da qualidade desses dados e elaboração de categorias de análise.

Em um primeiro momento acontece, como preparação, a transcrição dos dados da pesquisa qualitativa depois deve ser feita a avaliação desses dados e a relevância

para os objetivos da pesquisa em uma pré-análise. E na próxima fase é feita a elaboração das categorias de análise dos dados.

No segundo processo interpretativo a autora sugere que seja feita uma leitura aprofundada e exaustiva do material, que a investigação seja ancorada no diálogo com os autores da fundamentação teórica e que também seja feita uma análise de conjuntura direcionada para o objeto do estudo, contextualizando as informações coletadas com o contexto em que as informações foram geradas.

No terceiro e último processo interpretativo, segundo Minayo (apud Gomes et. al., 2010) é feita a construção da síntese das interpretações. Esta síntese é realizada tendo como base o diálogo entre os dados empíricos, os autores que tratam do assunto no referencial teórico e a análise do contexto da pesquisa.

A análise por triangulação possibilitou a leitura da realidade da prática de sala de aula por meio de diferentes olhares, facilitando a compreensão e interpretação dos dados à luz da teoria, da empiria e do contexto em que os dados foram gerados. Além de contribuir para a confiabilidade e o rigor da pesquisa.

4.2 Procedimentos para discussão dos dados

Em se tratando de pesquisa qualitativa, é fundamental o uso de diferentes tipos de instrumentos para a coleta de registros. Nesta pesquisa, a coleta de dados foi realizada por meio de questionário diagnóstico, questionário de perguntas abertas sobre estratégias de autonomia, diário de bordo e diário de itinerância.

A análise foi feita tendo como base o objetivo geral, apresentado no primeiro capítulo, nos seguintes termos: avaliar as potencialidades das tecnologias no processo de construção da autonomia na aprendizagem do espanhol como língua estrangeira. Para alcançar tal objetivo foi preciso, explorar com os alunos as potencialidades das tecnologias digitais na construção da autonomia em aprendizagem da língua espanhola, identificar as estratégias de uso autônomo de tecnologias digitais desenvolvidas pelos próprios alunos na aprendizagem do espanhol como língua estrangeira e, sobretudo, refletir sobre a prática de professores de línguas como mediadores em uma experiência de aprendizagem autônoma.

Apresento a seguir os questionários com alguns comentários, os diários de Itinerância, os diários bordo e a importância desses instrumentos para o desenvolvimento da pesquisa-ação.

Ao final foi feita a triangulação dos dados tomando como base o grupo focal, por julgar que esta fonte me proporcionou dados muito ricos e relevantes para a análise. Para a triangulação usei 3 categorias de análises que estão ancoradas na fundamentação teórica e que ao longo da pesquisa serviram como eixos temáticos. São elas: o uso das tecnologias, tomada de consciência sobre o desenvolvimento da aprendizagem autônoma e aprendizagem do espanhol como língua estrangeira.

4.3 Questionários

Para esta pesquisa foram aplicados dois questionários. O questionário diagnóstico de perguntas abertas e fechadas procurou conhecer melhor o perfil dos alunos, o que eles pensam sobre os eixos tecnologia, aprendizagem de língua e autonomia. O questionário de perguntas abertas sobre aprendizagem autônoma teve por objetivo aprofundar com os alunos o tema da autonomia e suscitar sugestões que pudessem direcionar o planejamento das aulas que dariam origem ao desenvolvimento da pesquisa-ação.

4.3.1 Questionário diagnóstico

Para conhecer o perfil dos alunos e quais eram suas representações quanto ao processo de autonomia, ao uso da internet para a aprendizagem e como veem a aprendizagem de línguas, foi aplicado no dia 11/08/2016 um questionário de perguntas abertas e fechadas (conforme apêndice 2).

As perguntas fechadas do questionário diagnóstico contribuíram para traçar o perfil dos alunos. Dentre os 18 alunos, 12 são do sexo feminino e 6 do sexo masculino. A idade varia entre 15 e 17 anos e são alunos do 1º, 2º e 3º ano do ensino médio, conforme Quadro 1 – perfil dos alunos participantes da pesquisa apresentado no capítulo metodológico.

Quanto ao uso que fazem da internet, as respostas ao questionário diagnóstico mostraram que a maioria tem computador em casa e o principal meio de acesso à

internet é o celular. Como visto, a maioria dos alunos tem acesso à internet tanto na escola como em casa, o que facilitou o trabalho de pesquisa.

Esses alunos listam como principais razões para o uso da internet a busca por informações importantes e notícias de seus interesses, o uso das redes sociais e realização das atividades escolares. Mas ficou clara, ao longo da pesquisa, a necessidade de levá-los a conhecer as potencialidades das tecnologias digitais para ampliar seus conhecimentos e para que pudessem melhorar os conhecimentos de como aprender a aprender.

A maioria desses alunos concorda em que o uso das tecnologias digitais em sala de aula pode contribuir para tornar a aprendizagem mais significativa para eles. Mas Barton e Lee (2015) asseguram que as tecnologias, por si sós, não causam mudanças automaticamente em nossa vida, é importante saber o que as pessoas fazem, como elas mobilizam recursos para dar sentido às suas atividades.

Quanto à aprendizagem do espanhol como língua estrangeira, como motivos que os estimulam, os mais citados foram os motivos escolares, os profissionais e os culturais. E realmente, no grupo focal, realizado na fase final da pesquisa, alguns falaram da importância de se saírem bem no vestibular, mas também dos aspectos culturais e pessoais na aprendizagem da língua espanhola.

A pergunta 9 contribuiu para conhecer a visão dos alunos sobre a importância de se aprender uma língua estrangeira:

Quadro 4– Respostas à Pergunta 9 do Questionário Diagnóstico

Legenda: ■ Aprendizagem para ampliação do conhecimento
■ Aprendizagem visando uma futura atuação profissional

9. Você acredita que a aprendizagem de língua pode contribuir para ampliar seus conhecimentos? De que maneira?	
Alicia	Sim, pois terei conhecimento de outras culturas
Anita	Sim, ao conhecer novas línguas, posso me interessar mais por culturas diferentes e assim aprender mais
Diego	Sim, no mercado de trabalho
Dulce	Faz com que a compreensão de diversas áreas seja mais nítida

Jade	Sim, para se fazer um futuro intercâmbio
Juan	Não, estudo para ter mais chances no vestibular
Leia	Sim, no mercado de trabalho, quando for procurar emprego e em viagens
Lorenzo	Sim, amplia o conhecimento e abre portas no mercado de trabalho
Luna	Sim, pois aprendo a linguagem de outra cultura e posso me comunicar com as pessoas dessa cultura
Lupita	Sim, pois posso fazer atividades de outras línguas sem muita dificuldade, posso interagir com outras pessoas em línguas diferentes, entre outras
Luz	Sim, com isto nós podemos conseguir mais empregos
Nina	Sim, pois com outras línguas posso aprender coisas novas
Pablo	Sim, é bom conhecer uma língua diferente da que se fala
Paco	Sim, aprendendo outras línguas você terá mais liberdade para viajar, aprender sobre outros países, culturas, ampliando seus conhecimentos
Pepe	Sim, o contato direto com pessoas de outras línguas pode ajudar muito na aprendizagem de outras línguas
Shakira	Sim, pois posso manter contato com pessoas de outros países, ler artigos, notícias, documentários e vídeos em outra língua e contribui nas provas escolares

Fonte: Dados da pesquisa

Pode-se perceber que os alunos afirmam positivamente quanto à contribuição da aprendizagem de línguas para o conhecimento, as justificativas variaram entre aprendizagem para ampliação do conhecimento (marcado em amarelo) e aprendizagem visando uma futura atuação profissional (marcado em verde). Quanto ao conhecimento, os alunos têm claro que ele pode trazer as mudanças em suas vidas. Na abordagem sociocultural, Freire (1996) deixa claro que o conhecimento é inacabado, contínuo e por isso está em constante aprendizado. Segundo Moita-Lopes a importância da linguagem não está nas coisas ou nas pessoas, mas acontece na relação entre as pessoas, usar a linguagem é construir significado.

A pergunta 10 teve o objetivo de saber se os alunos buscam o conhecimento também fora da sala de aula. E ao perguntar como o fazem, o objetivo é conhecer as estratégias de aprendizagem autônoma usadas pelos alunos. O quadro abaixo esclarece:

Quadro 5 – Respostas à Pergunta 10 do Questionário Diagnóstico

10. Você estuda línguas fora do contexto escolar? Como?	
Alicia	Sim, através de aplicativos baixados no celular por exemplo, o Duolingo
Anita	Sim, faço cursos de inglês e espanhol e aprendo bastante escutando músicas internacionais
Diego	Sim, quando me comunico com amigos estrangeiros nas redes sociais
Dulce	Parcialmente, quando prefiro assistir séries e filmes com legenda em espanhol
Jade	Sim, praticando exercícios
Juan	não
Leia	Sim, quando entro em redes sociais, aplicativos que ajudam no aprendizado
Lorenzo	Sim, com jogos e séries
Luna	Sim, estudo em minha casa outras línguas, comunico com meus tios que moram no exterior e converso com minha irmã que aprende a mesma língua que eu
Lupita	Sim, assistindo séries, filmes, assim posso melhorar meu vocabulário de língua estrangeira
Luz	não
Nina	não
Pablo	Sim, com aulas particulares
Paco	Sim, estudo em escola de idiomas
Pepe	Sim, ouvindo músicas
Shakira	Sim, antes de começar as aulas de espanhol na escola, eu já havia feito classes particulares e estudava com minha irmã em casa

Fonte: Dados da pesquisa

Sabemos que as aulas de 50 minutos uma vez por semana, como é o caso dessa turma, é muito pouco para o desenvolvimento do conhecimento do idioma, por isso as tecnologias digitais podem ser aliadas no processo de aprendizagem por possibilitar que os alunos também possam continuar esse processo fora da sala de aula. No quadro acima, é possível ver que alguns alunos já buscam as tecnologias para irem além da aprendizagem em sala de aula e possível perceber também que a maioria busca alguma estratégia de ampliação da aprendizagem. Barton e Lee (2015) afirmam que cada vez mais as pessoas aprendem de maneiras novas e diferentes e

que os espaços online são importantes locais de aprendizagem de todos os tipos, e em especial, de línguas.

As perguntas 11, 12 e 13 e 14 serviram para conhecer como os alunos preferem buscar o conhecimento, a visão deles de autonomia, se eles se viam como autônomos ou não.

A questão 11 buscou saber dos alunos qual era a sua forma preferida de buscar conhecimentos se sozinho, em grupo ou com o professor. É importante que o aluno reflita sobre seu processo de aprendizagem, como ele aprende melhor e o quadro abaixo evidencia as respostas:

Quadro 6- Respostas à Pergunta 11 do Questionário Diagnóstico

11. Qual é a sua forma preferida de buscar conhecimentos?	
Anita, Lorenzo, Luna, Luz, Pepe e Shakira	Prefiro estudar sozinha/o, sem ajuda.
Diego e Nina	Prefiro estudar em grupo, com meus colegas.
Alicia, Dulce, Jade, Juan, Leia, Lupita, Pablo, Paco	Prefiro estudar com a ajuda de alguém, com o professor, por exemplo.

Fonte: Dados da pesquisa

Pode-se perceber muitos alunos ainda têm o professor como o detentor do saber e muitas vezes como única fonte para o conhecimento. Mas estudar sozinho, nem sempre é sinônimo de autonomia. De acordo com Soares-Vieira (2015) o ideal é que o professor seja um orientador do processo educativo e que o uso da tecnologia sirva para que o aluno assuma um papel mais ativo na proposta didática.

Benson (1996) afirma que dependendo da situação, o aprendiz adquire conhecimento de forma individual ou em grupo, e Rubin (2001), acrescenta que o mais importante é que o aluno esteja consciente de seu estilo de aprendizagem, de que forma ele aprende melhor, se sozinho ou não, podendo optar por trabalhar de uma forma ou de outra, como lhe seja mais adequado.

O objetivo da questão 12 foi compreender como eles veem o processo de autonomia na sala de aula e, por ordem de maior número de escolha de alternativas e pelo número de alunos que as escolheram, temos:

Quadro 7- Respostas à Pergunta 12 do Questionário Diagnóstico

12. Para você, autonomia em sala de aula é: (pode marcar mais de uma alternativa)		
1	Ter atitude diante da aprendizagem	10
2	Trabalho cooperativo em grupo e tomada de decisões coletivas	9
3	Assumir a responsabilidade por minha aprendizagem	9
4	Procurar no livro ou na internet aquilo que não sei	8
5	Depender menos da professora e mais de mim	6
6	Ter controle sobre minha própria aprendizagem.	4
7	É fazer tudo sozinho	0
8	É perguntar aos colegas antes de perguntar para o professor	0

Fonte: dados da pesquisa

Essas perguntas foram feitas antes de desenvolver o tema em sala de aula, o que pode indicar que os alunos já possuem algumas representações do que seja autonomia.

A questão 13 (Você se considera um aprendiz autônomo? A () sim; B () não; C () às vezes) buscou fazer com que os alunos refletissem sobre seu papel de aluno e seu estágio de desenvolvimento da autonomia. E dos 16 respondentes, apenas Lorenzo e Luna se julgam autônomos, os outros afirmam que somente às vezes se sentem autônomos.

A última pergunta, a de nº 14, investigou como os alunos imaginavam que seria a aprendizagem de línguas de maneira autônoma e as respostas revelam como pensam:

Quadro 8- Respostas à Pergunta 14 do Questionário Diagnóstico

14. Como você imagina a aprendizagem de línguas de forma autônoma?	
Alicia	Dividindo uns com os outros suas dúvidas e tentar resolvê-las
Anita	Existem muitas ferramentas que podem ser utilizadas para isso, então acho que é possível

Diego	Ver filmes estrangeiros, ler revistas em outras línguas etc.
Dulce	Com mais pesquisas individuais e mais curiosidade por parte do aluno
Jade	Através do estudo individual
Juan	Aprender na prática em um país que não seja o meu
Leia	Difícil, por não poder tirar minhas dúvidas
Lorenzo	Imagino algo difícil, mas ao mesmo tempo basilar para o crescimento do indivíduo
Luna	É ter maior capacidade de reflexão sobre o aprendido , um conhecimento crítico e saber buscar questionar o que não sei .
Lupita	Com muito esforço e dedicação, cada aluno procurando o seu desempenho na aprendizagem de línguas
Luz	É estudar todos os dias, pesquisar tudo, correr atrás de tudo
Nina	Navegando na internet vendo vídeos, reportagens
Pablo	Iria ser muito difícil sem a ajuda de alguém
Paco	Ter responsabilidade pelo próprio conhecimento
Pepe	É procurar aprender o que precisa sozinho apenas com suas ferramentas de informações
Shakira	É ter vontade e atitude de aprendê-la e não depender exclusivamente de amigos, professores, e sim ir atrás do que se anseia

Fonte: Dados da pesquisa

Ao ver o quadro é possível perceber pelas expressões em destaque que há diferentes visões sobre o que seja autonomia e que alguns alunos já saem do conceito de que ser autônomo é sinal de aprender sozinho. Como defende Little (1991), que vê o homem como ser social e afirma que o isolamento não é sinônimo de autonomia.

Outros já entenderam que podem ser autônomos, tendo a responsabilidade pela aprendizagem, buscando estudar também fora da sala de aula. E também na visão de Little o aluno autônomo é aquele que participa de forma ativa do seu processo de aprendizagem, assume a responsabilidade e traça seus próprios objetivos, propõe soluções e busca ampliar seus conhecimentos.

Pelas respostas dos alunos foi possível perceber suas representações a respeito da autonomia e do uso da tecnologia na aprendizagem de línguas, além de conhecer melhor o perfil dos alunos e de que maneira buscam o conhecimento.

Esta seção não teve a pretensão de fazer uma análise exaustiva dos dados, mas as respostas apresentadas serviram como dados para a triangulação no grupo focal.

4.3.2 Questionário de perguntas abertas sobre aprendizagem autônoma

Para aprender uma língua estrangeira os alunos buscam diferentes estratégias que os façam aprender mais e melhor. E na busca de saber que concepção eles fazem de uma aprendizagem autônoma e que estratégias usam para aprender melhor, foi feito um questionário com perguntas abertas. Este questionário consta no apêndice 3 e foi realizado no dia 20/10/2016, após quase três meses do início da pesquisa.

No período entre o início da pesquisa até a realização deste questionário realizamos algumas discussões sobre temas de interesse que os alunos traziam, como por exemplo a legalização da maconha, atividades de autoavaliação com relação aos conhecimentos do espanhol e discussões sobre autonomia embasadas por um vídeo que mostrava escolas que aderiram à aprendizagem autônoma.

A primeira pergunta procurou saber como os alunos entendiam a autonomia e as respostas estão no quadro abaixo:

Quadro 9– Respostas à Pergunta 1 do Questionário Sobre Aprendizagem Autônoma

1. Explique com suas palavras o que é autonomia	
Anita	Ser capaz de fazer coisas por conta própria sem depender de pessoas sempre
Dulce	É quando resolvemos nossas dúvidas e problemas por nós mesmos, correndo atrás para solucioná-los da maneira desejada
Julia	É a autossuficiência e a capacidade de fazer algo
Lorenzo	É ser autossuficiente, não dependendo de ninguém para nada
Luna	É a capacidade individual de ir atrás do conhecimento através de diversos meios
Luz	É alguém que não depende de outra pessoa
Nina	É uma pessoa que não precisa de ninguém para tomar decisões para você

Pablo	É uma coisa que faz por si mesmo, é a capacidade de fazer algo sozinho
Paco	Significa ser independente, tomar as próprias decisões
Pepe	É ter responsabilidade de buscar e adquirir seu próprio conhecimento
Shakira	É ser independente, podendo contar com a ajuda de terceiros, no entanto, estando à frente de seus próprios anseios

Fonte: Dados da pesquisa

Alguns conceitos de autonomia indicados pelos alunos veem a autonomia como sinônimo de isolamento e autossuficiência. Outros veem a autonomia como capacidade para ir além, para buscar o conhecimento seja em grupo ou individualmente.

Como podemos ver os conceitos são diferentes, mas representam a maneira como pensavam os alunos antes que os conceitos sobre autonomia fossem discutidos em sala de aula e eles pudessem entender que a autonomia pode ser a combinação entre o aprendizado individual e o social como afirma Benson (1997). Mas como podemos ver houve várias definições que se aproximaram das definições do nosso quadro teórico: como o conceito de responsabilidade proposto por Little (1991); a capacidade de se encarregar da própria aprendizagem proposto por Holec (1981); participar ativamente do seu processo de aprendizagem sugerido por Little (1991) e o conceito de independência proposto por Dickinson (1994).

No próximo item foi pedido aos alunos que descrevessem uma situação em que eles se sentiram autônomos. E o quadro abaixo traz as respostas:

Quadro 10 – Respostas à Pergunta 2 do Questionário Sobre Aprendizagem Autônoma

2. Conte uma situação em que você se sentiu uma pessoa autônoma	
Anita	Quando me formei no inglês e comecei o curso de espanhol, por conseguir falar 3 línguas diferentes
Dulce	Quando completei o álbum dos Rebeldes aos 7 anos, desde aquela época tive muito contato com o espanhol e aprendi coisas que levo até hoje

Julia	Quando meus pais viajaram para fora do país e tive que lidar com problemas que surgiram na minha casa
Lorenzo	Quando preparo almoço e jantar, busco meu irmão na escola, e quando aprendo uma matéria por conta própria
Luna	No momento em que busco atualidades no computador, vendo vídeo aulas na internet
Luz	Quando eu aprendi a conversar com a senhora em espanhol e aprendi a fazer lasanha
Nina	Quando cozinho sozinha, ando de bicicleta, de carro sem ajuda de alguém
Pablo	Quando não sei algo e faço minhas próprias pesquisas sem pedir ajuda ou esperar alguém para fazer
Paco	Em viagens
Pepe	Quando comecei a estudar de verdade, sozinho em casa
Shakira	Duas vezes em que fui líder de trabalhos de sala ou da igreja

Fonte: Dados da pesquisa

Como se pode ver, a maioria das respostas não estão relacionadas nem ao uso da língua, nem ao gerenciamento da aprendizagem. Isso porque a pergunta não era específica para o ensino de línguas, uma vez que o objetivo era medir se eles tinham noção de quando estavam ou não sendo autônomos.

A próxima pergunta buscava saber os tipos de atividades mais agradáveis aos alunos dentre escrita, leitura, oralidade e audição, ou algumas delas combinadas. O objetivo foi saber se os alunos tinham consciência de como aprendem melhor e também para mim, como mediadora, que práticas pedagógicas seriam mais bem aceitas.

Quadro 11– Respostas à Pergunta 3 do Questionário Sobre Aprendizagem Autônoma

3. Que tipo de atividades em sala lhe agradam mais? As que envolvem escrita, leitura, oralidade ou audição? Ou algumas dessas combinadas. Explique.	
Anita	Oralidade, pois desenvolve mais a autonomia do aluno ao falar a língua e praticá-la
Dulce	Gosto da combinação de todas

Julia	A leitura e a oralidade, gosto de ler e tenho facilidade em falar em público
Lorenzo	Escrita e oralidade, pois eu gosto de escrever redações e apresentar trabalho
Luna	Atividades envolvendo a audição, creio que assim aprendo mais as matérias
Luz	Combinação de audição e oralidade, pois se pratico fica mais fácil para conversar com pessoas fluentes
Nina	Audição, pois para mim é mais fácil de aprender
Pablo	Escrita e leitura. Na minha opinião são essenciais para o aprendizado do espanhol
Paco	Tudo, porque estou na sala para aprender tudo quanto possível
Pepe	Me agradam a escrita, leitura e audição, (...) assim a matéria não sai mais da minha cabeça, ela armazena de forma incrível!
Shakira	Leitura e oralidade pois assim posso interagir mais com os colegas de turma

Fonte: Dados da pesquisa

Muitos mencionaram audição e oralidade como forma para aprender, principalmente por causa da interação com os outros. Um número menor, afirma conseguir armazenar mais informações com a leitura e a escrita. Moita-Lopes (1994) confirma a importância da construção conjunta da aprendizagem quando defende que é a interação entre os participantes do discurso que leva à construção da aprendizagem.

Quando é perguntado aos alunos o que deveriam mudar para serem mais autônomos as repostas foram as mais diversas. Seguem alguns exemplos:

QUADRO 12

Quadro 12 – Respostas à Pergunta 4 do Questionário sobre Aprendizagem Autônoma

4. O que você deveria mudar para ser mais autônomo?
Adquirir cada vez mais conhecimento, pois isso ajuda no desenvolvimento
Melhorar minha autoconfiança
Fazer as coisas sozinho
Evitar procrastinar quando tenho que estudar, pois perco a possibilidade de engrandecer meu conhecimento
Conseguir mais confiança dos meus pais
Ser menos preguiçosa, ter mais responsabilidade para buscar aquilo que desejo

Ter meu próprio dinheiro e morar sozinho
Resolver meus problemas sozinha, sendo mais independente e autônoma.
Deixar de ser dependente dos pais

Fonte: Dados da pesquisa

Para compor este quadro, selecionei as propostas mais recorrentes, pois a atividade previa sete sugestões por aluno. O significado de autonomia nessas respostas está mais relacionado com independência financeira, e também há a ideia de fazer alguma coisa sozinhos. Mas acredito que ao longo do desenvolvimento das atividades, a visão se amplia para a ideia de autonomia como a possibilidade de ir além, de fazer atividades com protagonismo, em grupo ou individualmente, de forma mediada.

Na quinta questão, foi proposto que os alunos sugerissem atitudes que o grupo poderia tomar como estratégias para melhorar o desempenho da autonomia e da aprendizagem do espanhol. Seguem alguns exemplos:

Quadro 13 – Respostas à Pergunta 5 do Questionário sobre Aprendizagem Autônoma

5. Cite 7 atitudes que o grupo poderia tomar como estratégias para melhorar o desempenho da autonomia. (Em espanhol)
1- Proponer clases con interacción oral con otros estudiantes
2- Cambiar el idioma de películas, series y teléfonos móviles a español
3- Utilizar Internet para el aprendizaje
4- Escuchar más canciones en español y tratar de entenderlas
5- Conocer un poco más sobre las culturas de los países de lengua española
6- Estudiar cuestiones de vestibular
7- Viajar y practicar la lengua
8- Traer actualidades en español
9- Leer artículos en internet en español
10- Ver películas en español
11- Descargar aplicativos en el móvil en español
12- Utilizar el diccionario online
13- Actividades fuera del aula
14- Utilizar música, libros y películas
15- Hacer búsquedas sin que la profesora pida
16- Escribir sin ayuda del diccionario
17- No dejar actividades sin hacer
18- Buscar sitios de acceso en español
19- Utilizar las tecnologías en el aprendizaje
20- Buscar descubrir cosas nuevas
21. Tener curiosidad y responsabilidad en adquirir nuevos conocimientos

Fonte: Dados da pesquisa

Essas foram as sugestões do grupo para a introdução da autonomia nas aulas de espanhol. As que estão destacadas em amarelo foram realizadas. Essa liberdade de escolhas de metas e objetivos dos alunos para que eles tenham controle sobre sua aprendizagem são pontos importantes para Benson (2001). Além disso, o autor ressalta a importância da interação entre os aprendizes durante essas situações de aprendizagem.

Segundo Dionne (2007), essa tomada de decisões, em uma ação previamente planejada, é propiciada pela pesquisa-ação e proporciona ainda a associação dos atores e pesquisadores para buscar mudanças de uma situação inicial, objetivo primeiro da pesquisa-ação.

Este questionário foi importante para conhecer as ideias dos alunos sobre aprendizagem autônoma, importante também para que eles fizessem uma reflexão sobre como aprendem melhor e de que forma a autonomia pode ajudá-los a serem mais ativos e protagonistas do seu conhecimento.

4.4 Diários

Nesta pesquisa serviram de dados dois tipos distintos de diários. O diário de itinerância onde são descritas as impressões da pesquisadora e o diário de bordo em que aparecem as atividades dos alunos e suas impressões, que nesta pesquisa, foram registradas no grupo do Facebook.

4.4.1 Diário de itinerância

O diário de itinerância do apêndice 4 foi importante, nesta pesquisa, como reflexão para minha prática como professora pesquisadora. Nele foram registradas as atividades realizadas e também minha percepção das aulas.

O processo de planejamento das atividades foi baseado no movimento de ação-reflexão-ação, um dos princípios da pesquisa-ação. O diário de itinerância me serviu para adequar minha prática à realidade dos alunos.

A escrita do que acontece em sala de aula permite ao professor uma reflexão mais crítica de sua prática e uma constante avaliação de seus procedimentos pedagógicos.

Após cada aula, eu relatava o que havia acontecido e analisava a aceitação dos alunos e buscava planejar a próxima aula ouvindo suas percepções e sugestões como no exemplo do diário de itinerância 4 do dia 25/8/2016:

Quadro 14– Diário de Itinerância 4

Verificando o conhecimento - Hoje trouxe aos alunos dois testes online para fazer. Os testes foram colocados no grupo do *Facebook* e um deles era para saber o nível em que o aluno estava, o outro era de questões sobre a língua, principalmente expressões idiomáticas. Esse último constava de 20 perguntas. Os alunos fizeram os testes e eu colocava o resultado no quadro, deixei que eles fizessem sem muita interferência. Ao final verificamos quem teve mais acertos e alguns reclamaram por que fizeram sem ajuda do professor, do dicionário, do colega ou do Google tradutor, então eu disse que não disse que não podia buscar ajuda, para verificar como reagiriam. A aula foi muito divertida. Ao final quem tirou menos pontos ficou encarregado de trazer um bolo de bananas e o outro de cenoura com chocolate. Aqui percebo que ainda estou na transição em minha prática, pois o sistema de reforço (premiação ou punição) como resultado da performance são resquícios da teoria behaviorista que não é a teoria na qual pretendo me pautar para este trabalho.

Objetivo da aula: observar como se comportavam com relação às dificuldades que iam aparecendo ao longo do processo e como buscariam soluções.

Nesta aula percebi que alguns tem a capacidade de solucionar os problemas de maneira mais autônoma. Eu não disse que poderiam usar o tradutor, por isso alguns não usaram, ou seja ainda esperam os comandos do professor.

4.4.2 Diário de bordo

O diário de Bordo do apêndice 4 serviu de base para observar o desenvolvimento dos alunos com relação à autonomia, usos da língua espanhola e das tecnologias digitais.

Fiou combinado que a cada semana um aluno ficaria encarregado propor um tema para a discussão. No meio da semana, o aluno incumbido da tarefa, colocava o vídeo do tema escolhido no grupo do *Facebook* e todos podiam comentar. Depois o vídeo era visto pelo grupo em sala de aula e comentado por todos. Ficou decidido que o vídeo deveria ser em espanhol e o tema poderia ser escolhido conforme interesse do aluno.

Para cumprir a pesquisa-ação, era preciso escolher um instrumento que propiciasse o diálogo entre eles e com a professora/pesquisadora, a participação

efetiva dos alunos no processo e ainda que os alunos pudessem expor as suas opiniões e fazer sugestões.

Pude observar nos diários de bordo que os comentários, antes, apenas de juízo de valor, começaram a tomar forma, se tornaram mais maduros e o processo de desenvolvimento da aprendizagem já começava a apresentar mudanças. Podemos observar essas mudanças comparando o Diário de Bordo 6 do dia 22/9/2016 e o Diário de Bordo 10 de 6/4/2017 retirados do grupo do Facebook.

Quadro 15 – Dados do Diário de Bordo 6

	Elenice Delfino 22 de setembro de 2016	
<p>La clase de hoy fue en el Flickr. comentamos fotos en español, creamos un grupo y de tarea vamos a comentar una foto del público o de un compañero de grupo. Qué te pareció esta clase?</p>		
Nina	Me gustó mucho la clase de hoy , interactuar con fotos en español , y fue muy interesante.	Descurtir · Responder ·  1 · 22 de setembro de 2016 às 14:52
Anita	Me gustó mucho la clase, el Flickr es muy interesante y tiene muchas fotos bonitas.	Descurtir · Responder ·  1 · 22 de setembro de 2016 às 14:53
Luna	A mi me gusto mucho, hice muchos comentarios en las fotos del Flickr, que son muy bonitas.	Descurtir · Responder ·  1 · 22 de setembro de 2016 às 14:54
Juan	Me gustó mucho la clase y nuestra interacción con la tecnología , estoy realmente disfrutando	Descurtir · Responder ·  1 · 22 de setembro de 2016 às 14:54
Dulce	Hoy vi muchas imagens muy bellas en el Flickr... Me gusta algunas que comentei que eran muy majestosas	Descurtir · Responder ·  1 · 22 de setembro de 2016 às 14:55

Fonte: Dados da pesquisa

Essa atividade serviu para ver que aqueles que tinham mais conhecimento de tecnologia, sem que lhes fosse pedido, se puseram a ajudar aqueles que não estavam conseguindo abrir a conta no *Flickr*. Essa interação e colaboração, para mim, já significam um bom sinal para o desenvolvimento da autonomia.

Quadro 16– Dados do Diário de Bordo 10

 Trabalho - Espanhol Apresentação Baixar Carregar revisão	
Elenice Delfino	A mí me dio ganas de buscar todas las sugerencias. Su trabajo nos muestra que podemos aprender mucho con las tecnologías digitales, incluso una legua extranjera y que se puede buscar conocimiento por su cuenta. Curtir · Responder · 6 de abril às 15:09 · Editado
Alicia	Diseño me hace crecer mucho en el idioma español, sobre todo en el habla y la comprensión de los problemas Curtir · Responder · 5 de abril às 16:59
Pepe	muy interesante, como dijo la maestra, es una presentación con muchas direcciones para se estudiar, y muy bien hecho Curtir · Responder · 6 de abril às 15:00 · Editado
Pablo	Un gran trabajo con buenos consejos de lugares de aprendizaje, juegos, buenos consejos sobre restaurantes y hoteles en lugares hermosos y he estado queriendo ir. Es también buenos sitios de información práctica. Curtir · Responder · 6 de abril às 15:07
Shakira	La presentación de Alicia fué muy interesante para los alumnos y también para el proyecto, con sitios de viajens(me gustó mucho), tumblr, comics y informaciones de America.....muy bien!!!!!!! Curtir · Responder · 6 de abril às 15:14

Fonte: Dados da pesquisa

Como ficou combinado que a cada aula um aluno traria um tema que envolvesse tecnologia e ensino de língua, a aluna Alicia montou uma apresentação em *Power Point* em que dava dicas de vários sites interessantes de acordo com o interesse de cada um. Os temas variavam entre sites de informações, notícias, destinos, *comics*, aprendizagem de tópicos de gramática do espanhol e ainda nos apresentou o *Tumblr* – um site que funciona como um blog coletivo e mostrou aos alunos como se inscrever, fazer postagem e ainda mostrou um lindo poema que ela mesma criou e postou. Ela quis postar em espanhol, mas não conseguiu uma boa tradução, então uma aluna que tem mais experiência ficou de ajudá-la.

Vejo que a busca pelo conhecimento é cada vez mais importante para os alunos e é possível ver que eles começam a se mostrar mais autônomos e conhecedores das formas de buscar esse conhecimento, eles se incentivam uns aos outros e valorizam o trabalho do colega. O que me chamou a atenção nessa atividade é que a aluna

buscou um tema que é agradável à faixa etária deles, talvez por isso eles se interessaram tanto. Muitas vezes o professor pensa que somente ele pode mostrar o caminho, então percebi que dar autonomia é também dar liberdade.

Ao longo do processo, pude perceber que os alunos foram saindo da passividade, começaram a dar sugestões, se mostravam mais colaborativos com os colegas e muito mais engajados com a pesquisa. Mesmo quando não podiam ir às aulas os alunos justificavam e se mostravam responsáveis com as tarefas incumbidas. Acredito que perderam a noção de que autonomia seja fazer tudo sozinho sem depender de ninguém, pois trabalhavam muito bem tanto individualmente como em grupo e sempre eram colaborativos quando um colega tinha dificuldade. Essas foram minhas impressões coletadas durante o desenvolvimento das aulas.

4.5 Análise do grupo focal

O grupo focal foi um instrumento de coleta de dados fundamental para o resultado da pesquisa, pois foi o momento em que os alunos puderam avaliar o que fizeram, como fizeram e o resultado final, a transformação desvelada em suas falas sobre a nova forma de ver a sala de aula. Para mim, como professora, também foi importante para que eu pudesse sentir de uma forma mais concreta o que antes era apenas um querer fazer diferente. A transcrição me revelou informações bastante relevantes para a investigação do processo de autonomia, da aprendizagem da língua e sobre o uso das tecnologias.

As perguntas que nortearam esta pesquisa serviram como base para a análise dos dados. Cabe aqui retomá-las:

- 1- Que estratégias de aprendizagem de Línguas estrangeiras podem ser facilitadoras do processo de construção da autonomia?
- 2- Quais potencialidades das tecnologias digitais podem ser relacionadas ao desenvolvimento da autonomia na aprendizagem da língua espanhola?
- 3- Qual é o papel do professor mediador na criação de um ambiente favorecedor do desenvolvimento da autonomia na aprendizagem de línguas?

Buscando responder a essas perguntas, foi feita a triangulação dos dados tomando como base o grupo focal. Como mencionado anteriormente, para a análise,

selecionei três categorias que foram apresentadas por eixos temáticos: O uso das tecnologias, tomada de consciência sobre o desenvolvimento da aprendizagem autônoma e aprendizagem do espanhol como língua estrangeira.

Ressalto, porém, que fiz uma análise subjetiva como professora-pesquisadora, e que as observações apresentadas não significam única possibilidade de interpretação e de categoria de análise.

4.5.1 Categoria de análise 1 - o uso das tecnologias

A ideia de que as inovações tecnológicas podem mudar a vida das pessoas e que são responsáveis por grandes transformações do mundo ao longo da história já é recorrente nas discussões sobre mudanças contemporâneas, segundo Barton e Lee (2015). Os autores acrescentam que as mudanças geradas pela tecnologia se conectam com mudanças mais amplas como as práticas comunicativas. Por isso o interesse em tecnologias nas pesquisas da área de linguística aplicada.

Paulo Freire (1996) dá também a sua contribuição sobre a tecnologia:

Nunca fui ingênuo apreciador da tecnologia: não a divinizo, de um lado, nem a diabolizo, de outro. Por isso mesmo sempre estive em paz para lidar com ela. Não tenho dúvida nenhuma do enorme potencial de estímulos e desafios à curiosidade que a tecnologia põe a serviço das crianças e dos adolescentes das classes sociais chamadas favorecidas. (Paulo Freire, 1996, p.34)

Até o ano 2000 havia a ideia de que os adolescentes eram muito hábeis com as tecnologias, segundo Barton e Lee, e eles eram considerados “nativos digitais” (Prensky, 2001) por terem nascido em um mundo cercado pelas tecnologias e as pessoas mais velhas, que viveram a transição do advento da tecnologia eram chamadas de imigrantes digitais.

Essa divisão hoje já não faz mais sentido, pois a tecnologia faz parte da vida da maioria das pessoas independentemente da idade e de outras variáveis.

Ao começar a pesquisa com os adolescentes já sabia, de antemão, que seria uma troca de conhecimentos. Eles apresentaram ter grande experiência com as tecnologias e com a mediação pedagógica puderam experimentar novas formas de buscar o conhecimento.

Soares-Vieira no capítulo teórico propõe, para a integração dos recursos tecnológicos, as abordagens de apropriação, complementação, produção e interação. Verifico que, nesta pesquisa, experimentamos todas as fases.

Quanto à abordagem de apropriação, que tem o foco no manuseio da tecnologia, percebi que mesmo tendo conhecimento técnico, tivemos que explorar os recursos antes e durante a fase de integração dos recursos tecnológicos. Houve uma troca de conhecimento tanto técnico como pedagógico.

A fase de complementação tem como objetivos a complementação ou revisão do conteúdo. Pudemos experimentá-la quando optamos por usar o laboratório com computadores e internet e todos os seus recursos ao invés de seguirmos com o uso da apostila.

Na fase de produção, o objetivo é produzir conhecimento. Segundo Soares-Vieira (2015) o professor, nesta fase, se apresenta como um orientador do processo educativo e busca levar o aluno a assumir um papel mais ativo na proposta didática. Vejo que esse objetivo foi alcançado no processo de mediação em que busquei dar ao aluno mais autonomia para buscar seus objetivos e de ser mais ativo em seu processo de busca do conhecimento de maneira mais colaborativa e descentralizada.

Por último, a fase da interação que é marcada, como o nome diz, pela interação entre o aluno e o computador no uso de ferramentas tecnológicas. Nesta pesquisa, busquei utilizar a web como recurso para a promoção coletiva do conhecimento, como propõe Soares-Vieira (2015). Usamos o *Facebook*, o *Flickr*, o *Youtube* e outros sites educativos. Essa relação dos alunos com a tecnologia aparece nos dados da pesquisa.

Os dados do questionário diagnóstico me permitiram avaliar que embora os alunos tivessem conhecimento das tecnologias, ainda não as usavam para buscar conhecimentos em língua estrangeira. Mas no grupo focal já era possível verificar pela fala do aluno Lorenzo as potencialidades dessas ferramentas para ampliar os conhecimentos e para direcioná-las para uma nova forma de aprender.

Quadro 17– Comentários do Aluno Lorenzo sobre Potencialidades das Tecnologias – Dados do Grupo Focal

Lorenzo	Eu gostaria de falar que nossa turma teve os dois tipos de aula, e tinha coisas no quadro, a gente aprendia o alfabeto, as regras gramaticais e ficava aquilo mesmo e aí quando a gente passou a ter aula no laboratório, foi uma experiência totalmente diferente, a gente começou a aprender mais, aí tínhamos as imagens, tínhamos vídeos, começamos a ter outro olhar sobre a língua espanhola.
----------------	---

Fonte: Dados da pesquisa

Os relatos dos alunos vão ao encontro da segunda pergunta de pesquisa que busca saber quais potencialidades das tecnologias digitais podem ser relacionadas ao desenvolvimento da autonomia na aprendizagem da língua espanhola.

Quadro 18 – Comentários sobre a importância das Tecnologias para o Desenvolvimento da Autonomia – Dados do Grupo Focal

Pepe	Professora, agora quando eu tenho dúvidas sobre alguma matéria que eu estou estudando em outras disciplinas, eu estou buscando em sites de espanhol, porque agora eu consigo ler, entender e trazer isso para o meu conhecimento.
Luz	Eu acho que com a tecnologia a gente aprende muito mais , igual os meninos estavam falando que antes a aula era no quadro, eu acho que agora aprende muito mais, desde a música, apresentação de slides, com vídeos, com fotos, a gente aprende muito mais.
Shakira	A gente é jovem, jovem não gosta de coisa monótona , a gente quer é coisa interativa , como as meninas falaram, a gente precisa ter imagem, é da gente, a gente tem que ver coisa colorida , tem que ver coisa que nos interessa , que desperta a curiosidade , pra gente prestar atenção, pois a gente pode estar assistindo um vídeo, mas só vendo, não prestando atenção no que está fazendo e a tecnologia ajuda muito nisso, porque a gente não está só com aquilo, está com som, imagens, slides, quadro, a gente está com tudo em mãos para adquirir conhecimento.
Dulce	Eu acho assim, a maioria de nós tem um celular e a partir do momento em que criamos um grupo e deu liberdade de a gente participar, de interagir, de colocar coisa lá (Facebook) ficou além da sala de aula, porque todo mundo chegava em casa e ia mexer no celular não pra somente conversar, mas a gente buscava nos vídeos, a cultura , que eu adoro estudar, as músicas trocadas também, tudo isso saiu muito mais da sala de aula até mesmo nas nossas casas , porque a tecnologia está presente na nossa vida e não apenas dentro de uma escola.

Nina	Eu acho que a tecnologia foi uma parte importante do projeto ³² porque ela abriu muitas portas, a gente usou Facebook, vimos documentários nos vídeos, e vendo aqueles vídeos, interagindo no <i>Whatsapp</i> que era acessível, pois a gente está com o celular toda hora, e conversa toda hora, o <i>Tumblr</i> , o <i>Flickr</i> , <i>Hangouts</i> e também a conversa que nós tivemos com a Lígia, muito legal, nós conversamos, nos interagimos, tiramos foto, rimos e conversamos bastante sobre isso, da tecnologia, eu achei que foi muito importante isso no projeto. Foi bastante interativo e fez com que a gente crescesse muito mesmo.
Sol	Na verdade facilitou pra gente, porque talvez se não fosse a tecnologia não tinha aprendido tanto como a gente aprendeu.
Anita	O interessante da tecnologia é que todos têm acesso às informações, antes era só na sala de aula, agora podemos fazer pesquisa em casa durante a semana, à noite, qualquer tempinho que a gente tem, e a gente tem a possibilidade de procurar algum assunto do nosso interesse. O acesso é algo interessante.
Alicia	Na questão da tecnologia, o <i>Duolingo</i> me ajudou demais, despertou mais, ao invés de ficar assistindo televisão à toa, eu sempre jogava e aprendia muito mesmo, como o alfabeto, gente, quando eu olhei aquilo, me despertou interesse, principalmente nas mudanças, na pronúncia das palavras, no som nasal, a questão de não utilizar o som do z, então foi bem bacana e sim, gente, jogos ajudam demais.
Pepe	Ah sim, pra mim, a tecnologia no nosso projeto foi fundamental, pois como a Shakira falou, somos jovens e é nosso interesse, mas eu acho que hoje em dia a tecnologia não é só mais interesse dos jovens, crianças, adultos, idosos, eu acho que hoje em dia no nosso mundo globalizado tudo está em volta da tecnologia, ela é de interesse não só nosso, mas da sociedade em geral.

Fonte: Dados da pesquisa

Segundo Nicolaidis (2003), o sistema educacional oferece poucas oportunidades para que o aluno possa viver o seu papel de aprendiz. Muitas vezes não lhes é dito que existem formas diferentes de aprender, além das informações recebidas pelo professor.

O trabalho com os alunos mostrou que é possível dar a eles a vez para que expressem suas impressões sobre a própria aprendizagem. É possível verificar pelos comentários deles e pelos termos em destaque que eles puderam ver na tecnologia uma maneira diferente de buscar o conhecimento, e embora não tenham relacionado

³² "Projeto" foi o termo que usamos para o desenvolvimento pesquisa, como explicado anteriormente.

a tecnologia com o desenvolvimento da autonomia, fica claro nos relatos que eles começam a descobrir formas mais autônomas de aprendizagem.

4.5.2 Categoria de análise 2 - Tomada de consciência sobre o desenvolvimento da aprendizagem autônoma

Quando pensamos em um aluno autônomo, imaginamos alguém que seja capaz de fazer escolhas, que esteja consciente de seu papel social e que seja protagonista da própria aprendizagem. Alguém que assume responsabilidades e vai além dos ensinamentos da sala de aula.

Segundo Nicolaides (2003), apesar de o termo autonomia estar em muitos discursos dos educadores e nos cursos de formação para o ensino de línguas, o tema ainda é pouco encontrado no fazer pedagógico.

A autora acredita existir um processo de desenvolvimento da autonomia e alguns comportamentos e atitudes podem servir de indicadores desse desenvolvimento.

No questionário diagnóstico, ficou claro que poucos alunos entendiam o termo autonomia em seu sentido mais amplo e para a maioria era sinônimo de fazer tudo sozinho, sem depender de ninguém. Ao longo da pesquisa o discurso muda, como é possível verificar nos relatos do grupo focal e é possível perceber que os alunos que começam a tomar consciência do processo de desenvolvimento da autonomia:

Quadro 19 – Comentários que indicam a Tomada de Consciência sobre o Desenvolvimento da Autonomia – Dados do Grupo Focal

Nina	Eu acho importante o projeto porque ele visa mais a autonomia do aluno e às vezes o aluno não tem a autoestima de que ele consegue ir lá e procurar e achar por ele mesmo . E o projeto com esse tema influenciando a gente a nossa autoestima cresce e faz com que a gente tenha consciência de que a gente pode sim, procurar, achar, conseguir aprender com a gente mesmo procurando . Eu achei importante e mudou bastante sim , a visão aumentou , a nossa vontade de procurar e estudar mais .
Nina	A nossa autonomia cresceu muito com o projeto, eu acho que quanto mais valoriza a nossa autonomia, a liberdade do aluno , ela vai crescendo e se desenvolvendo .
Nina	Meu aprendizado está todo voltado pra tecnologia e autonomia porque eu aprendo muito com o professor , mas eu gosto muito de estudar sozinha e procurar

	as informações por mim mesma. Eu gosto de aprender à minha maneira. Eu acho importante ter essa determinação para passar no vestibular.
Pepe	Essa determinação deve ser para o futuro a imagem do aluno autônomo.
Pepe	Eu acho que aqueles vídeos em espanhol sobre um determinado assunto, eu me senti mais autônomo porque eu tive que procurar o que eu queria ainda também tinha que achar alguma coisa interessante não só pra mim, mas para o grupo. Não seria só pra mim.

Fonte: Dados da pesquisa

As falas dos alunos me fazem refletir sobre a importância da mediação. Masetto (2013) diz que a mediação pedagógica destaca o papel do aprendiz o fortalece como o protagonista de sua própria aprendizagem além de possibilitar que atinjam seus objetivos.

Na mediação pedagógica, segundo o autor, o professor busca estratégias que sejam favoráveis ao desenvolvimento do aluno em diferentes dimensões: intelectual, afetiva, atitudinal e em suas habilidades.

Essas mudanças, que os alunos afirmam ter acontecido com relação ao desenvolvimento, podem ser reflexo de uma nova forma de ensinar e de aprender. Pela mediação eles agora se sentem mais capazes de assumir a responsabilidade pelo seu processo de aprendizagem, se sentem mais capazes para essa tarefa.

Também atribuo essas mudanças ao fato de termos compartilhado o espaço de aprender. Um espaço de aprendizagem em que o professor é o motivador, aquele que desperta nos alunos a vontade de saber mais, tudo isso, fortalecido pela interaprendizagem, todos aprendendo juntos.

Eles agora tomam consciência que aprender não é uma atitude egoísta, embora possam buscar o conhecimento de maneira individual, esse conhecimento deve ser compartilhado, pois é nesta partilha que ele enriquece.

Eu os vejo mais motivados para aprender, palavras como: determinação, liberdade, autoestima, autonomia evidenciam a mudança de visão dos alunos a respeito do processo de aprendizagem.

Os ideais de Paulo Freire de despertar nos alunos a consciência crítica sobre sua aprendizagem para que se tornem sujeitos ativos no processo de aprendizagem também podem ser identificados nos relatos abaixo:

Quadro 20 – Despertar da Consciência Crítica - Dados Do Grupo Focal

Sol	Eu acho que esse negócio de autonomia acabou trazendo um pensamento crítico, assim, antes eu buscava um pensamento parecido com o meu, hoje eu busco várias opiniões e formo o meu pensamento. Antes eu ficava com o pensamento que era parecido com o meu, agora eu formo o meu.
Paco	Esse projeto abriu novos horizontes com a língua espanhola, abriu novas portas, me ajudou nas aulas. Nós temos que buscar o próprio saber para divulgar para as outras pessoas. Precisamos ter pensamento crítico, porque, como vamos escolher nosso representantes? precisamos saber muito para poder decidir.

Fonte: Dados da pesquisa

A fala dos alunos realmente apresenta indícios de tomada de consciência crítica e de desenvolvimento da autonomia. O que se comprova nas palavras da aluna Sol: “Antes eu ficava com o pensamento que era parecido com o meu, agora eu formo o meu”.

Em algumas falas dos alunos foi possível identificar o desenvolvimento da capacidade de ir além, de não se contentar apenas com o conhecimento oferecido na sala de aula:

Quadro 21– Capacidade de Ir Além - Dados do Grupo Focal

Pepe	Posso explicar? Acho que já respondemos, que foi através da nossa procura, nossa curiosidade, de ir além do que recebe em sala de aula, procurar informações não só do nosso interesse, mas que complemente o nosso conhecimento, pra mim, entre tudo o que nós falamos acho que a pergunta está respondida.
Dulce	Eu me lembro também que quando a senhora passou o trabalho e nós escolhemos falar de aids, a gente pesquisou e logo na semana seguinte eu tive um trabalho na sala sobre aids, então eu aproveitei os conhecimentos, o conhecimento não foi só na matéria de espanhol, a gente aprendeu e usou em outras matérias, foi bom.
Pablo	Ah! Professora, eu gostei demais do projeto e concordo com o que estão dizendo de a gente buscar mais o saber, não só no espanhol, mas nas outras matérias, o professor passa uma matéria e a gente vai além, procura saber mais.

Pepe	Sobre essa pergunta, o projeto fez com que despertasse nossa curiosidade sobre os assuntos e mudou e muito não só no espanhol, mas desperta a curiosidade para ir além do que foi estudado em sala de aula no cotidiano, acho que assim a gente adquire melhor o conhecimento.
-------------	--

Fonte: Dados da pesquisa

Nos dados do questionário diagnóstico, a maioria dos alunos ao ser perguntada sobre como preferem estudar, responderam que preferem estudar com a ajuda de alguém, como o professor, por exemplo. E outros que preferem estudar sozinhos. Mas ao longo do processo pude perceber que os alunos foram construindo novas estratégias de aprendizagem que foram facilitadoras da construção de autonomia. Dentre as citadas se destacam, a tecnologia e a interação.

As palavras de Dulce chamam a atenção para uma maneira diferente de ver o conhecimento: “eu aproveitei os conhecimentos, o conhecimento não foi só na matéria de espanhol, a gente aprendeu e usou em outras matérias, foi bom.” A transdisciplinaridade, uma articulação de saberes de diferentes disciplinas. O mesmo foi dito pelo aluno Pepe no grupo focal. Ele disse que usa os conhecimentos de espanhol e de tecnologia para entrar em sites de pesquisa quando pretende estudar temas de seu interesse.

As falas dos alunos no próximo quadro sinalizam para a resposta da primeira pergunta de pesquisa: Que estratégias de uso autônomo de tecnologias digitais podem ser facilitadoras na aprendizagem do espanhol como língua estrangeira?

Quadro 22– Estratégias de uso autônomo de tecnologias digitais - Dados do Grupo Focal

Sol	Eu já acho que foi na interação do grupo, porque às vezes a gente estava conversando lá em espanhol e eu buscava o que é que estavam falando e ficava traduzindo, porque traduzindo eu acho que aprendo mais, como nas músicas que traduzindo eu aprendo melhor do que quando a pessoa vai falando e eu vou tentando entender.
Dulce	Eu acho que é como a Lupita disse: através do grupo do Facebook nós víamos muitos vídeos e refletíamos sobre a aula e sempre que eu tinha oportunidade, eu procurava outros vídeos, como por exemplo sobre a cultura dos países espanhóis e sobre a própria língua, então eu acho que não ficou só na sala de aula, a gente ficava curioso pra saber outras coisas e acabava procurando em outros lugares pra agregar conhecimento.
Nina	Eu acho que a tecnologia foi uma parte importante do projeto porque ela abriu muitas portas, a gente usou Facebook, vimos documentários nos vídeos, e vendo aqueles vídeos, interagindo no Whatsapp que era acessível, pois a gente está com o celular toda hora, e conversa toda hora, o Tumblr, o Flickr, Hangouts e também a conversa que nós tivemos com a Lígia, muito legal, nós conversamos, nos

interagimos, tiramos foto, rimos e conversamos bastante sobre isso, da tecnologia, eu achei que foi muito importante isso no projeto. Foi bastante interativo e fez com que a gente crescesse muito mesmo.

Fonte: Dados da pesquisa

Os alunos afirmam que cresceram pela interação. E sobre a interação na sala de aula de língua estrangeira na promoção do conhecimento Moita-Lopes afirma que o que ocorre entre o aluno e o professor na sala de aula pode esclarecer o processo de ensino/aprendizagem e que o conhecimento é um “processo para o qual colaboram aqueles envolvidos na prática da sala de aula, ou seja, compartilha-se aqui da ideia de que o conhecimento é uma construção social” (MOITA-LOPES, 1996, p. 95-96). Portanto é na interação entre aluno-aluno e aluno-professor e esses com a tecnologia que acontece a construção do conhecimento.

Os alunos se referem à interação por meio da tecnologia. E, sem dúvida as tecnologias digitais proporcionam a interação com outras culturas e línguas que estão ao alcance apenas com um clique.

Para Nicolaides (2003), o mais importante não é a escolha do aluno de como quer aprender e sim, que ele esteja consciente do seu estilo de aprendizagem e em que situações se adapta melhor para aprender, se sozinho, em pares ou em grupo.

4.5.3 Categoria de análise 3 – aprendizagem do espanhol como Língua estrangeira

Muitas são as variáveis que interferem no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira. Fatores como as crenças que os alunos têm a respeito de sua capacidade de aprender, a relação de empatia com o professor e o respeito pelas diferenças no modo de aprender são apenas algumas delas.

Masetto (2006) defende que atitudes desenvolvidas pelo professor como a de ter o aluno como o centro do processo, estabelecer relação de empatia, deixar que os alunos façam parte do planejamento, realização e avaliação, usar estratégias cooperativas de aprendizagem, além do respeito entre os participantes podem favorecer o processo de aprendizagem.

O quadro abaixo mostra a visão dos alunos sobre a própria aprendizagem em língua espanhola durante o desenvolvimento da pesquisa.

Quadro 23- Mudanças na Forma de Aprender - Dados do Grupo Focal

Nina	<p>Eu acho importante o projeto porque ele visa mais a autonomia do aluno e às vezes o aluno não tem a autoestima de que ele consegue ir lá e procurar e achar por ele mesmo. E o projeto com esse tema influenciando a gente a nossa autoestima cresce e faz com que a gente tenha consciência de que a gente pode sim, procurar, achar, conseguir aprender com a gente mesmo procurando. Eu achei importante e mudou bastante sim, a visão aumentou, a nossa vontade de procurar e estudar mais.</p>
Alicia	<p>E despertou sim o interesse nos países que falam essa língua até mesmo para viagem. Antes eu falava: quero ir para os Estados Unidos, agora eu já quero conhecer países que falam espanhol, então tem sim essa mudança até no nosso gosto.</p>
Dulce	<p>A gente pode sentar a qualquer hora e ouvir uma música, ainda procurar a letra na internet para acompanhar, ou então ver um vídeo sobre um país que a gente gosta e se não tem em português a gente vai ver em espanhol, então aumenta muito mais a nossa aprendizagem. Nós não aprendemos por obrigação, aprendemos por vontade.</p>
Nina	<p>Não fica aquela coisa maçante, né? É uma forma de ser mais divertido e legal de aprender. A música também ajudou bastante, olhando a letra, o ritmo, a pronúncia e pesquisar o que está dizendo a letra.</p>
Diego	<p>Professora, esse projeto de espanhol me ajudou com os vestibulares, eu sempre optava por inglês e agora escolho espanhol, eu aprendi a interpretar melhor e entender melhor, é por isso que hoje eu tenho mais facilidade no espanhol.</p>
Dulce	<p>Eu acho que isso entra no que as meninas já disseram, por exemplo, a gente busca coisas que a gente gosta, então a gente pode aprender mais porque antes a gente se via obrigada a sentar e apenas ouvir e isso aumenta a autoestima, porque a gente vê que pode aprender e às vezes só uma atividade não é suficiente, e aí a gente busca a pronúncia através da música, a gramática em vídeo-aulas. E como a aula participativa que temos em outras disciplinas, é muito mais interessante quando temos uma participação ativa dentro da escola, e não ficar lá só ouvindo e absorvendo, porque dessa maneira o conhecimento não fica. O que a gente</p>

	procura, pesquisa e estuda é o que vai ficar. Então uma matéria que era chata fica muito mais divertida e a gente aprende muito mais.
--	---

Fonte: Dados da pesquisa

As respostas dos alunos mostram que houve mudanças muito positivas na maneira como veem a aprendizagem do espanhol. Antes eles entendiam que aprender uma língua se resumia em estudos sobre a gramática. A perspectiva de poder aprender a língua espanhola por meio das tecnologias despertou neles uma visão muito mais ampla das possibilidades de buscar o conhecimento de maneira mais autônoma.

Interessante que eles viram mudanças também em suas crenças, agora eles sentem que podem, que a autoestima melhorou, aumentou a vontade de estudar, de conhecer mais a cultura dos países hispânicos. Eles afirmam também que agora aprendem melhor, entendem melhor e acham as aulas muito mais divertidas.

São comuns as reclamações dos professores de que os alunos não têm interesse em aprender, que enquanto explicam a matéria eles estão distraídos em conversas paralelas e que não realizam as atividades. De outro lado há a reclamação dos alunos de que as aulas são muito “chatas” e que esse conteúdo não é importante.

Percebo que construindo um espaço democrático, aulas inovadoras, o aluno incentivado a ser o construtor de sua aprendizagem tendo o professor como seu mediador, a sala de aula se transforma em um espaço propício à aprendizagem. É o que aparece nas palavras:

De Dulce: “Nós não aprendemos por obrigação, aprendemos por vontade” e (...) Então uma matéria que era chata fica muito mais divertida e a gente aprende muito mais.

De Alicia: “agora eu já quero conhecer países que falam espanhol, então tem sim essa mudança até no nosso gosto”.

O pensamento de Paulo Freire (1996) dá maior sentido ao sentimento dos alunos sobre a habilidade de aprender:

Mulheres e homens, somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de apreender. Por isso, somos os únicos em quem aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito. (Paulo Freire, 1996, p. 28)

As palavras do autor me fazem pensar em minha prática pedagógica como professora de espanhol. Procurar sempre ser “sensível à boniteza da prática educativa, instigado por seus desafios que não lhe permitem burocratizar-se, assumindo minhas limitações, acompanhadas sempre do esforço por superá-las, limitações que não procuro esconder em nome do respeito que me tenho e aos educandos”. (Paulo Freire, 1996, p.29).

Neste capítulo, fiz a análise dos dados coletados por meio dos instrumentos de pesquisa utilizados. Foi possível observar que houve mudanças muito positivas na aprendizagem dos alunos e na maneira como veem as perspectivas de buscar conhecimento na língua espanhola explorando as tecnologias digitais.

No próximo capítulo, apresento as considerações finais desta pesquisa, respondo às perguntas, retomo as questões de pesquisa e os objetivos e aponto sugestões para futuras pesquisas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebo que esta pesquisa contribuiu para que os alunos se tornassem mais autônomos, mais independentes, capazes de buscar seus objetivos e de assumir responsabilidades. Eles se sentem mais seguros, sabem agora que podem buscar o conhecimento de maneira individual. Tudo isso se reflete em sua vida de maneira global.

Vejo como muito positiva a interação entre as pessoas em busca do conhecimento. Além da construção social do conhecimento, o ensino mediado pelas tecnologias proporciona o acesso à informação de maneira mais democrática. Os alunos puderam escolher, trocar informações, discuti-las em sala, tudo isso contribuiu para melhor compreensão das informações e para o desenvolvimento da autonomia e do nível de conhecimento em língua espanhola.

Acredito que as instituições de ensino devem abrir-se para novas formas de ensinar. Se a tecnologia pode ser uma grande aliada na busca do conhecimento e se esse é o contexto dos alunos, é preciso que as escolas se preparem para este novo momento. É preciso também formar professores que conheçam e possam explorar essas ferramentas educacionais.

A questão não está em usar ou não usar a tecnologia em sala de aula, mas em compreender todas as suas potencialidades, em buscar as possibilidades de saberes que circulam pela sociedade tecnológica. Para isso, a escola precisa acompanhar a evolução tecnológica.

Quanto ao papel do professor, percebo que eles ainda estão relutantes em dar autonomia aos alunos, com medo de perder seu poder, também em usar a tecnologia como proposta pedagógica, mas a experiência me mostrou que podemos aprender juntos, planejar juntos e criar um ambiente de cooperação que pode ser muito proveitoso tanto para o grupo como para os resultados da aprendizagem.

Vários fatores foram importantes para que os objetivos desta pesquisa fossem atingidos, mas o clima de amizade, de respeito e de colaboração, sem dúvida, fez com que o processo acontecesse de maneira muito mais satisfatória. Por isso, concebo, de agora em diante, meus alunos como meus aliados na busca do conhecimento. Acredito que juntos podemos atingir nossos objetivos.

5.1 Retomada das perguntas de pesquisa

Ao longo do trabalho busquei respostas às perguntas de pesquisa e por meio dos depoimentos coletados proponho retomá-las a fim de responder a cada uma delas.

1- Que estratégias de uso autônomo de tecnologias digitais podem ser facilitadoras na aprendizagem do espanhol com língua estrangeira?

A pesquisa-ação contribuiu para criar um ambiente favorável para o desenvolvimento da autonomia em que as atividades foram planejadas em grupo, em que os alunos tinham liberdade de escolhas, eram incentivados a buscar estratégias autônomas e essas iniciativas eram valorizadas.

Na prática, foi possível ver que os alunos não se sentiam muito à vontade em dar opiniões e em fazer escolhas, pois embora haja um discurso favorável à autonomia ainda existe a ideia de que são controlados por um sistema ao qual não cabe opinar.

A tecnologia contribuiu tanto como ferramenta de busca de novos conhecimentos, como para que eles pudessem ver que também podem ir além do conhecimento oferecido em sala de aula, nesse aspecto eu os percebi mais autônomos.

A interação em grupo também foi citada pelos alunos como promotora da aprendizagem. Em grupo ou em discussões em sala de aula a troca de experiências foram muito positivas.

Outro fator, que julgo importante foi a mediação. Os alunos viram que o professor não é o detentor do conhecimento e que ele também pode aprender com eles. Na mediação também percebi que foi importante dar a eles a possibilidade de refletir sobre o fato de que em um universo de informações, é preciso buscar aquelas que podem servir para os objetivos de aprendizagem da língua estrangeira. Pois notei que eles sabiam usar os recursos tecnológicos, mas ainda não sabiam fazer a seleção das informações relevantes à aprendizagem.

O clima de respeito e de cooperação foi relevante para o crescimento. Na fala dos alunos fica evidente que se sentiram fazendo parte do processo de aprendizagem, eles ressaltam inclusive o aumento da autoestima e da vontade de aprender mais.

Os aspectos propostos por Nicolaidis (2007) para se observar a construção da autonomia na aprendizagem contribuíram para interpretar como se deu o processo de desenvolvimento da autonomia dos alunos e alguns foram identificados. Quanto à definição dos objetivos e metas, por ter sido feita logo no começo da pesquisa, os alunos não reconheceram a sua importância, nem de que forma poderiam contribuir para o desenvolvimento da autonomia. Mas no desenvolvimento da pesquisa eles começam a tomar iniciativas para o planejamento das atividades e aproveitam melhor este espaço.

Acredito que os alunos, ao final da pesquisa, já começaram a compreender o novo papel de aprendiz autônomo, ativo e protagonista. Mas como essa compreensão é um processo, e depende de outras variáveis como mudanças de paradigmas do sistema educacional, acredito que se desenvolverá gradualmente.

Quanto à capacidade de identificarem suas dificuldades como aprendizes pude identificar, nas observações de sala de aula, que ao começo, eles tinham a concepção de que a solução de todos os problemas estava no professor. E aos poucos começam a buscá-la em outras fontes com na internet e nos colegas.

No grupo focal, foi possível identificar em suas falas a avaliação do processo de aprendizagem mediada pelas tecnologias. Essa capacidade de se avaliarem auxilia, segundo Nicolaidis, a tornar o aprendiz mais autônomo.

Também foi possível observar que houve aprendizagem tanto em grupo como individual. E essa aprendizagem, quando acontecia de maneira individual, era compartilhada em sala de aula e no grupo do *Facebook*.

Os alunos se sentiram muito à vontade para participar das atividades em grupo e individuais, acredito que devido ao clima de cooperação e uso das tecnologias digitais. Segundo a autora, a versão política de autonomia analisa como o aprendiz aproveita as oportunidades de se tornar mais ativo em seu processo de aprendizagem.

2- Quais potencialidades das tecnologias digitais podem ser relacionadas ao desenvolvimento da autonomia na aprendizagem da língua espanhola?

As discussões acerca do uso das tecnologias digitais em sala de aula deixam claro que podem contribuir significativamente para o processo de aprendizagem. É nos discursos dos alunos que encontro indícios de mudanças com relação ao desenvolvimento da autonomia na aprendizagem da língua espanhola que podem responder a essas perguntas.

Os alunos que viveram a transição entre aulas em sala convencional com quadro e giz, e as aulas em que houve a introdução da tecnologia, passando a acontecer em um laboratório com recursos multimídias, comentam as diferenças. Lorenzo, por exemplo afirma ter sido uma experiência “totalmente diferente”, e que começam a ter “outro olhar sobre a língua espanhola.

Com relação às mudanças percebidas pelos alunos, foi possível perceber em seus discursos que o fundamental foi a possibilidade de buscar conhecimento em outros lugares. Eles ressaltam que o uso do Facebook, do *Tumblr*, do *Flickr*, do Hangouts e no final até o *Whatsapp* que foi incluído de maneira gradual foram importantes para que pudessem aprender de uma maneira mais interativa, como é do gosto deles.

Por meio das tecnologias digitais, eles afirmam que puderam ter acesso a vídeos em espanhol, a culturas de países hispânicos e músicas. Tudo isso propiciou maior conhecimento também na língua espanhola, segundo eles.

Outras potencialidades observadas foram a capacidade de interação em grupo, o espírito de cooperação, a disposição para ir além das propostas de sala de aula, o uso do novo conhecimento em outras disciplinas, além do desenvolvimento da curiosidade para a aprendizagem do espanhol.

Percebo, assim, que os alunos estão mais preparados e autônomos para a busca do conhecimento da língua espanhola. Vejo que a mediação deu o direcionamento para que pudessem descobrir como aprender a aprender. Percebo, ainda, que estão mais conscientes do seu estilo de aprendizagem e de que podem aprender também usando as tecnologias digitais.

3- Qual é o papel do professor mediador na criação de um ambiente favorecedor do desenvolvimento da autonomia na aprendizagem de línguas?

Segundo Kenski (2012) as rápidas mudanças, principalmente geradas pelas tecnologias, exigem mudanças e adaptações na tarefa de ensinar e de aprender.

Muda a figura do professor de detentor do conhecimento que tem a incumbência de passá-lo ao aluno, uma criatura insipiente. Muda também o papel do aluno, antes pacífico a espera daquilo que o professor considerasse relevante para sua aprendizagem ou o que o material didático ditasse. Agora ele é incentivado a ser o protagonista de sua aprendizagem, agindo de maneira ativa, planejando, executando e avaliando seu desenvolvimento.

As palavras de Paulo Freire servem de norte para a prática do professor. Para ele “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (Freire, 1996, p.12). Nesta pesquisa as situações foram criadas de maneira que os alunos pudessem se sentir mais autônomos e sua aprendizagem estivesse no centro do processo.

O autor defende que o educador democrático deve reforçar a capacidade crítica do aluno, sua curiosidade e independência. E pelos relatos dos alunos foi possível perceber que eles começam a tomar consciência desse posicionamento mais crítico e independente e que a curiosidade fez com que eles tivessem a vontade de transpor os limites da aprendizagem da sala de aula.

Como mediadora, me esforcei para socializar o acesso à informação, levando os alunos a diferentes formas de adquirir conhecimento e dando oportunidades para que este conhecimento fosse compartilhado nas interações entre todos os envolvidos.

Pude perceber, no desenvolvimento da pesquisa, mudanças também em minha prática, antes sentia que embora soubesse o conteúdo me sentiria em desvantagem ao usar a tecnologia com os alunos, “nativos digitais” e pude sentir como sentem os alunos quando vão receber aulas pensando que o professor sabe tudo e que eles sabem nada. Mas houve uma troca de experiências muito positiva e o fato de aprender com os alunos não me incomodou de nenhuma forma.

Relato em meus diários de itinerância que dar aulas de línguas usando as tecnologias digitais em um laboratório multimídia foi tão gratificante e os resultados foram tão bons que talvez não consiga mais trabalhar em uma sala convencional.

Reavalio também minha prática com relação ao empoderamento dos alunos. Sinto que é preciso dar mais voz a eles, levando-os a um posicionamento mais crítico. Percebi os resultados nos discursos calorosos do final do grupo focal em que eles começaram um debate sobre o fato de o espanhol não ser obrigatório e de não ser contemplado no ensino fundamental desta rede educacional.

Acredito que quando o aluno é o sujeito de sua aprendizagem e “põe a mão na massa” a aprendizagem tem muito mais significado. Pude observar isso em minha prática em outra escola em que trabalho língua portuguesa e suscitei que os alunos criassem cada turma um projeto e me dissessem como gostariam de trabalhar. Pude observar na execução dos projetos que alunos que antes eram apáticos, ou considerados difíceis, começaram a ter iniciativa e dar o melhor de si, além de que, pude descobrir muitos talentos que não havia detectado em aulas expositivas.

Termino a resposta a esta pergunta parafraseando Paulo Freire (1996) quando afirma que a prática pedagógica, aqui tomada como a mediação, deve ser determinada pelo respeito à autonomia e à identidade do aluno.

5.2 Retomada dos objetivos da pesquisa

Esta pesquisa teve como objetivo geral avaliar as potencialidades das tecnologias no processo de construção na aprendizagem do espanhol como língua estrangeira. A partir dos dados gerados na pesquisa, foi possível perceber que as tecnologias digitais contribuíram para que os alunos pudessem experimentar diferentes maneiras de buscar o conhecimento em língua espanhola.

As sugestões de uso dessas tecnologias não tiveram a pretensão de esgotar as possibilidades, apenas mostrar que é possível implementá-las em sala de aula. Os resultados mostram alunos mais motivados em aprender a língua, conscientes de que podem buscar o conhecimento também em contexto fora da sala de aula, muito mais ativos e cientes de seu novo papel de curador da própria aprendizagem.

Para chegar ao objetivo geral, busquei identificar as estratégias de uso autônomo de tecnologias digitais desenvolvidas pelos alunos na aprendizagem do espanhol como língua estrangeira, primeiro objetivo específico da pesquisa. As considerações que os alunos fizeram no grupo focal mostram que os recursos digitais explorados contribuíram para a aprendizagem mais autônoma do espanhol. Elas significam possibilidades de ir além, de buscar a aprendizagem de temas afins, além de poder usar esse conhecimento em outros contextos.

O segundo objetivo específico foi explorar com os alunos as potencialidades das tecnologias digitais na construção da autonomia em aprendizagem da língua espanhola. Para atingi-lo, foram oferecidas diferentes oportunidades de experimentar recursos da internet como *Facebook*, *Tumblr*, *Flickr*, *Hangouts*, sites de vídeos, de músicas, entre outros. Foi possível também identificar, ao longo da pesquisa, o desenvolvimento da autonomia e da aprendizagem do espanhol, o que significa que esse objetivo também foi atingido.

O terceiro objetivo buscava refletir sobre a prática de professores de línguas como mediadores em uma experiência de aprendizagem autônoma. Como procurei mostrar com excertos de meus diários de itinerância e as reflexões ali expostas, acredito que essa experiência possibilitou um novo olhar para a prática pedagógica, pois tirou o foco do professor, para torná-lo um mediador do conhecimento, dando lugar a uma aprendizagem compartilhada, democrática, emancipadora e libertadora.

5.3 Sugestões para Novas Pesquisas

Para novas pesquisas sugiro que seja feito um grupo focal no meio do processo para que os alunos possam refletir melhor suas ações e que o pesquisador possa ver melhor a transição e os níveis de evolução da aprendizagem e da autonomia.

Sugiro também um instrumento de coleta de registros que busque especificamente formas de detectar o desenvolvimento linguístico dos alunos, pois embora seus relatos mostrem que agora aprendem mais e melhor, não tenho dados que possam representar essa ideia.

Espero que novas pesquisas na área de tecnologia, autonomia e ensino de línguas deem origem a práticas pedagógicas mais contextualizadas com a realidade

dos alunos que os preparem para os desafios de interagir em diferentes discursos, contribuindo, assim, para sua formação como cidadãos do mundo.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, J.; LEFFA, V. **Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender**. 1. Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

BARBIER, R. A. **A pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Dídio. Brasília: Libier Livro Editora, 2007.

BARROS, J. M. A. **O ambiente virtual como espaço para a autonomia na aprendizagem de línguas**. Brasília: Departamento de línguas estrangeiras e tradução, Universidade de Brasília, 2011. Dissertação de mestrado. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/8981/2/2011_JuliaMariaAntunesBarros.pdf - Acesso em: 15/12/2016.

BARTON, D.; LEE, C. **Linguagem online: Textos e práticas digitais**. Tradução Milton Camargo Mota. São Paulo: Parábola, 2015.

BENSON, P. **Teaching and Researching Autonomy in Language Learning**. Harlow: Pearson Education Limited, 2001.

BENSON, P. **The philosophy and politics of learner autonomy**. In: BENSON, P. & VOLLER, P. (Eds.). *Autonomy and independence in language learning*. London and New York: Longman, 1997.

BENSON, P.; VOLLER, P. **Autonomy and Independence in Language Learning**. Harlow: Longman, 1997.

BLOS, D.; NICOLAIDES, C. S. **A aprendizagem autônoma de crianças aprendizes de línguas em um contexto de ensino de currículo bilíngue por meio de um centro de autoacesso**. Calidoscópio Vol. 9, n. 1, p. 15-27, 2011

CARINI, A., MACAGNAN, M. J. P.; KURTZ, F. D. **Internet e ensino de línguas: uma proposta de atividade utilizando vídeo disponibilizado pelo YouTube®**. Linguagem & Ensino, Pelotas, v.11, n.2, p.469-485, jul./dez. 2008

CELANI, M. A. A. **Questões de ética na pesquisa em Linguística Aplicada**. In: Linguagem e Ensino. Pelotas, v. 8, n. 1, 2005.

COX, M. I. P.; ASSIS-PETERSON, A. A. de. **O professor de inglês: entre a alienação e a emancipação**. Rev. Linguagem & Ensino, v. 4, n. 1, p. 11-36, 2001.

ENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Org.) **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DICKINSON, L. **Learner autonomy: what, why and how?** In: Leffa, Vilson José (Ed.) *Autonomy in language learning*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1994. P. 2-12.

DICKINSON, L. **Self-Instruction in Language Learning**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

DIONNE, H. **A pesquisa-ação para o desenvolvimento local**. Tradução Michel Thiollent. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

FETTERMAN, D. M. **Ethnography: step by step**. London: Sage, 1998.

FINCH, A. **Autonomy: Where are we? Where are we going?** In: JALT CUE-SIG, 2002. Proceedings. P.15-2, 2002. Disponível em: <<http://www.finchpark.com/arts/>> Acesso em: 15/10/2017

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da Indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, R. et al. **Organização, processamento, análise e interpretação de dados: o desafio da triangulação**. In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; SOUZA, E. R. (Org.). Avaliação por triangulação de métodos: Abordagem de Programas Sociais. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010. pp. 185-221.

HOLEC, H. **Autonomy and foreign language learning**. Oxford: Pergamon, 1981.

HOLEC, H. **Autonomy in Language Learning**. Oxford: Pergamon, 1981.

KENSKI, V. M. **Tecnologias e tempo docente**. Campinas (SP): Papyrus, 2013.

KENSKI, V. M. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas (SP): Papyrus, 6 ed. 2008

KENSKI, V. M. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas (SP): Papyrus, 8 ed. 2012.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

KITAO, K.S.; KITAO, K. 2012. **The history of English teaching methodology**. Disponível em: <http://www.cis.doshisha.ac.jp/kkitao/library/article/tesl-his.htm>. Acesso em: 10/09/2012.

LEFFA, V. J. **Quando menos é mais: a autonomia na aprendizagem de línguas**. In: Christine Nicolaidis; Isabella Mozzillo; Lia Pachalski; Maristela Machado; Vera Fernandes. (Org.). O desenvolvimento da autonomia no ambiente de aprendizagem de línguas estrangeiras. Pelotas: UFPEL, 2003, v. p. 33-49.

LEFFA, V.J. **A aprendizagem de línguas mediada por computador**. In: LEFFA, V.J. (Org.) Pesquisa em linguística Aplicada: temas e métodos. Pelotas: Educat, 2006, p. 11- 36.

LÉVY, P. **A conexão planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência**. São Paulo: 34, 2001.

LIMA, Samuel de Carvalho. **Ensino de línguas mediado por computador: um estudo das propostas de atividades online para estudo das propostas de atividades online para o ensino da compreensão e produção oral em o ensino da compreensão e produção oral em língua inglesa**. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza 2012. Disponível em: <http://docente.ifrn.edu.br/samuellima/ensino-de-linguas-mediado-por-computador> - Acesso em: 22/10/2016

LITTLE, D. **Learner Autonomy 1: Definitions, Issues and Problems**. Dublin: Authentik Language Learning Resources Ltd. 1991.

MARTINS, C.B.M.J; MOREIRA, H. **O campo CALL (Computer Assisted Language Learning)**: definições, escopo e abrangência. Calidoscópico, v.10. Número 3. 2012.

MASETTO, M. T. **Mediação Pedagógica e tecnologias de Informação e comunicação**. In: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. Novas tecnologias e mediação pedagógica. Campinas, SP: Papirus, 2013

MERCADO, L. P. L. **Formação docente e novas tecnologias**. Anais do IV Congresso Iberoamericano de Informática na Educação, Brasília, Distrito Federal, 1998 Disponível em: <http://www.ufrgs.br>. Acesso em: 15/11/2017.

MINAYO, M. C. S. **Introdução**. In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; SOUZA, E. R. (Org.). **Avaliação por triangulação de métodos**: Abordagem de Programas Sociais. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010. pp. 19-51.

MOITA-LOPES, L. P. da. (1994). **Pesquisa interpretativista em linguística aplicada**: a linguagem como condição e solução. In: DELTA, Vol. 10, nº2, p. 329-338

MOITA-LOPES, Luiz Paulo da. **Oficina de Linguística Aplicada**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996

MORGAN, D. **Focus group as qualitative research**. Qualitative Research Methods Series. 16. Londres: Sage, 1997.

MOTA-ROTH, D. **De receptor de informação a constructor de conhecimento: O uso do Chat no ensino de inglês para formandos de letras**. In Interação e aprendizagem em ambiente virtual/ Vera Lúcia Menezes (org.) 2 ed. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

MOURA FILHO, A. C. L. **O que há em um nome?** o estado-da-arte da autonomia. Linguagem & Ensino, Pelotas, v.12, n.1, p.253-283, jan./jun. 2009.

NICOLAIDES, C. S. **A busca da aprendizagem autônoma de língua estrangeira no contexto acadêmico**. 2003. 230 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

NICOLAIDES, C. S.; MATOS, A. S.; MOTA, V. M. **A autonomia na ensinagem de línguas**: a oscilação entre o individual e o social. In: GERHARDT, A. F. L.M. (Org.). Ensino-aprendizagem na perspectiva da linguística aplicada. Campinas, SP. Pontes, 2013. p. 183-205.

NÓVOA, A. (Org.) **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

OLIVEIRA, E. C. **Navegar é preciso: O uso de recursos tecnológicos para um ensino-aprendizagem significativo de línguas estrangeiras**. In: PEREIRA, A. L.; GOTHEIM, L. (org.). Materiais didáticos para ensino de línguas estrangeiras: processos de criação e contextos de uso. Campinas: Mercado de Letras, 2013.

PAIVA, V. L.M. **Autonomia e complexidade**. In: LEFFA, V. J. (Ed.). Linguagem & Ensino. Pelotas, v. 9, n 1, p. 77-127, 2006.

PAIVA, V. L. M. de O. **Aquisição de Segunda Língua**. São Paulo: Parábola, 2014.

PAIVA, V. L. M. **Facebook: um estado atrator na internet**. In ARAUJO, J.; LEFFA, V. (orgs.) Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender? São Paulo: Parábola, 2016.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

PRENSKY, Marc. **Digital Natives. Digital Immigrants**. On the Horizon (MCB University Press, vol. 09 nº 05), 2001. Disponível em: <<https://tinyurl.com/yb6dwurm>>. Acesso em: 4/2/2018

PUTCHA, C., POTTER, J. **Focus Group Practice**. Londres: Sage, 2004.

RUBIN, J. **Language learner self-management**. In: Journal of Asian Pacific Communication, 25-37. John Benjamins Publishing Company, 2001.

SILVA M. Sala de aula interativa: educação, comunicação, mídia clássica. 7 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014

SILVA, S. P. Facebook no ensino de língua inglesa: uma experiência no curso de Letras. Cadernos do CNLP (CIFEFIL). V. XVII, p. 124-140.

SOARES-VIEIRA, A. A. **Abordagem de ensino de língua inglesa mediado por tecnologias e webtecnologias**, p.35-45 in: JESUS, D. M., MACIEL, R. F. (Orgs.). Olhares sobre tecnologias digitais, linguagens, ensino, formação e prática docente. Campinas, SP, Pontes editora, 2015.

WARSCHAUER, M. **Computer-assisted language learning: an introduction**. In: Fotos, Sandra (Org.) Multimedia language teaching. San Francisco/Hong Kong: Logos International, 1996.

WEININGER, M. J. **Do aquário em direção ao mar aberto: mudanças no papel do professor e do aluno**. In LEFFA, Vilson J. O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão. 2.ed., Pelotas: EDUCAT, 2008.

VALENTE, J. A. A espiral da espiral de aprendizagem: o processo de compreensão do papel das tecnologias de informação e comunicação na educação. 2005. 238 p. Tese (livre-docência) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP. Disponível em:
http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/284458/1/Valente_JoseArmando_LD.pdf - Acesso em 23/09/2016

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Título do projeto: Construção da autonomia na aprendizagem do espanhol mediada por tecnologias digitais: uma experiência com jovens do Ensino Médio

Pesquisadora responsável: Elenice Delfino Borges Costa
Instituição na qual a pesquisa se realiza: Universidade de Brasília (UnB), Instituto de Letras, Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET)
Contatos: (38) 999363508

Eu _____ RG _____ CPF _____
autorizo meu (minha) filho(a), _____ matrícula nº _____
do Colégio Cenecista Nossa Senhora do Carmo a participar do projeto de mestrado da professora Elenice Delfino Borges Costa com o título: “Construção da autonomia na aprendizagem do espanhol mediada por tecnologias digitais” pela Universidade de Brasília - UnB, tendo a professora doutora Maria del Carmen de la Torre Aranda como orientadora. Estou ciente e permito que, se guardados todos os cuidados éticos, ele (a) participe de aulas de laboratórios, acesse sites estritamente ligados ao ensino de línguas, que se comunique com alunos de outras escolas para os mesmos fins de aprendizagem e que possa responder a questionários ou entrevistas ligados ao projeto. A pesquisadora acima qualificada se compromete a:

- 1- Iniciar a coleta de dados somente após o receber o aceite dos pais.
- 2- Obedecer às disposições éticas de proteger os participantes da pesquisa, garantindo-lhes o máximo de benefícios e o mínimo de riscos.
- 3- Assegurar a privacidade das pessoas citadas nos documentos institucionais e/ou contatadas diretamente, de modo a proteger suas imagens, bem como garante que não utilizará as informações coletadas em prejuízo dessas pessoas e/ou da instituição, respeitando deste modo as Diretrizes Éticas da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, nos termos estabelecidos na Resolução CNS Nº 466/2012, e obedecendo às disposições legais estabelecidas na Constituição Federal Brasileira, artigo 5º, incisos X e XIV e no Novo Código Civil, artigo 20.

Unai, 01 de agosto de 2016

Orientador pedagógico da instituição colaboradora

Pesquisadora – Elenice Delfino Borges Costa

Responsável pelo (a) aluno (a)

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO

Elenice Delfino – ME PGLA 2016-18

Caros alunos, gostaria de contar com vocês no processo de desenvolvimento da minha pesquisa que tem o título: "A importância da autonomia no ensino de línguas mediado pelas tecnologias". Acredito que essa pesquisa possa suscitar reflexões sobre as práticas pedagógicas atuais no sentido de torná-las mais eficientes e contextualizadas com o mundo tecnológico. Não se preocupe, sua identidade será preservada. Desde já agradeço sua participação e colaboração para a construção do conhecimento na área de Linguística Aplicada.

Professora Elenice Delfino Borges Costa - mestranda no Programa de pós-graduação em Linguística Aplicada (PPGLA) Universidade de Brasília

1- Sexo: () Feminino () Masculino

2- Idade: _____ anos

3- Série: _____ ano do Ensino Médio

4- Possui algum tipo de computador de uso pessoal?

() Sim () Não

5- Você costuma acessar a internet por meio de:

A () microcomputador

B () celular

C () *tablet*

D () televisor

E () outro equipamento

6- Dentre as opções abaixo, marque 3 razões que levam você a utilizar a internet:

A () Buscar informações e notícias de meu interesse

B () Divulgar seus próprios textos, fotos, vídeos etc.

C () Divertir-me com jogos e outros passatempos

D () Fazer atividades escolares

E () Acessar as redes sociais (*Facebook, Twiter* etc.)

F () Enviar e receber correios eletrônicos (*e-mail*)

G () Acessar o Portal de apoio pedagógico da escola e materiais/recursos postados pelo professor

H () Contatar os amigos

7- O uso do computador, da internet e das redes sociais na escola pode tornar a aprendizagem mais significativa para os alunos.

() concordo plenamente () concordo parcialmente () não concordo () não sei

8- Que motivos estimulam você a aprender uma língua estrangeira? (Pode marcar mais de uma alternativa)

A () escolares

B () profissionais

C () culturais

D () pessoais

E () outros _____

9- Você acredita que a aprendizagem de línguas pode contribuir para ampliar seus conhecimentos? De que maneira?

10- Você estuda línguas fora do contexto escolar? Como?

11- Qual é a sua forma preferida de buscar conhecimento?

- A () prefiro estudar sozinho, sem ajuda
 B () prefiro estudar em grupo, com meus colegas
 C () prefiro estudar com a ajuda de alguém, com o professor, por exemplo.

12 – Para você, autonomia em sala de aula é: (pode marcar mais de uma alternativa)

- A () trabalho cooperativo em grupo e tomada de decisões coletivas
 B () procurar no livro ou na internet aquilo que não sei
 C () perguntar para o colega antes de perguntar para o(a) professor(a)
 D () é fazer tudo sozinho
 E () é depender menos da professora e mais de mim
 F () é ter controle sobre minha própria aprendizagem
 G () é ter atitude diante da aprendizagem
 H () é assumir a responsabilidade por minha aprendizagem

13 – Você se considera um aprendiz autônomo?

- A () sim B () não C () às vezes

14- Como você imagina a aprendizagem de línguas de forma autônoma?

APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO SOBRE APRENDIZAGEM AUTÔNOMA

Elenice Delfino – ME PGLA 2016-18

Nome escolhido em espanhol _____

1- Explique com suas palavras o que é autonomia

2- Conte uma situação em que você se sentiu uma pessoa autônoma.

3- Que tipo de atividades em sala lhe agradam mais: as que envolvem escrita, leitura, oralidade ou audição? Ou algumas dessas combinadas. Explique:

4- O que você deveria mudar para ser mais autônomo?

5- Agora o trabalho é sobre a sala de aula de espanhol. Cite 7 atitudes que o grupo poderia tomar como estratégias para melhorar o desempenho da autonomia. (Em espanhol)

- 1- _____
 - 2- _____
 - 3- _____
 - 4- _____
 - 5- _____
 - 6- _____
 - 7- _____
-

APÊNDICE E - TRANSCRIÇÃO GRUPO FOCAL

Elenice Delfino – ME PGLA 2016-18

Presentes: A professora, 12 alunos do projeto, uma aluna visitante e um coordenador pedagógico.

Fala da professora- Bom dia, gostaria de avisar que a gravação e a filmagem depois de transcritas serão descartadas. O ano passado nós falamos principalmente sobre autonomia. Vocês fizeram um questionário. Vocês colocaram o que vocês achavam que era autonomia, fizemos algumas propostas de como a gente poderia desenvolver essa autonomia e aí fizemos várias atividades sobre o assunto e é sobre isso que a gente vai falar hoje.

Este projeto visa entender o seguinte: como as coisas mudaram, vocês sabem, hoje a aula já não é mais aquela em que se acreditava que o professor sabe tudo e que o aluno não sabe nada e o professor vai tentar colocar um pouco desse conhecimento na cabeça do aluno. Isso já caiu por terra, já não é mais a nossa realidade, não é a realidade de vocês, inclusive. Hoje o que se busca é que o aluno seja mais participante dentro desse conceito de autonomia, sendo responsável pela sua aprendizagem e o professor não é visto como o detentor do conhecimento. Juntos de uma maneira colaborativa vamos adquirindo conhecimento, o professor como mediador e o aluno tendo a responsabilidade em adquirir esse conhecimento e de que forma isso pode acontecer? o aluno participando do planejamento, da execução e da avaliação das aulas, por exemplo. Vocês viram que nós fizemos planejamento, discutimos o que nós poderíamos fazer, vocês foram livres para escolher e no final fizemos um trabalho que a banca de qualificação elogiou muito.

Vários de vocês trouxeram vídeos interessantíssimos, temas muito relevantes, falamos sobre aids, falamos sobre a legalização da maconha, vocês trouxeram bastantes sites legais, aprendemos a trabalhar no Tumblr, fizemos aulas no Flickr, comentamos e postamos fotos, abrimos um grupo no Facebook para estarmos sempre em contato, usamos o Hangouts, ou seja nós usamos tecnologias para buscar o conhecimento, usamos como uma ferramenta que também é uma realidade do momento. As aulas hoje, para vocês de escola privada, têm muito mais acesso à tecnologia, nós temos um laboratório lindíssimo, com o qual eu me acostumei tanto, que agora não consigo mais dar aula em sala e sim em laboratório, temos essa tecnologia para ajudar. Muitas vezes o aluno tem essa tecnologia a seu dispor, mas não sabe direcioná-lo para a busca do conhecimento. Na aula passada, por exemplo, nós entramos no Google Earth e foi espetacular, Pepe entrou na usina de Chernobyl, eu pedi para vermos também o museu Salvador Dali, o lugar onde o pintor nasceu, pude rever lugares onde fui, restaurantes, ou seja, a tecnologia está à disposição para a construção do conhecimento.

O nosso interesse não é falar: aqui está a tecnologia! vão buscar o conhecimento, nós, de maneira colaborativa, eu com vocês, vocês comigo, vocês entre vocês, é que buscamos o conhecimento. E aí, a ideia é essa de estarmos adaptados a uma nova maneira de buscar o conhecimento, e o conhecimento hoje não está estagnado, não está no professor. Falamos também sobre o que é autonomia. Na autonomia o aluno busca o seu conhecimento, ele é mais ativo e essa é uma maneira também de mudar a realidade. Paulo Freire fala que quando a pessoa muda, muda também a realidade a sua volta. Então esse é um projeto social também, porque quando a pessoa melhora, solidifica o conhecimento e vai melhorando as pessoas ao seu redor, o conhecimento transforma as pessoas, transforma o grupo. A ideia é essa, é a gente se adaptar a ver uma nova maneira de ver a educação, não é de um aluno passivo que senta e espera de que o professor passe para ele todo o conhecimento que tem, como se o aluno fosse o que Paulo Freire chama de tábua rasa, o aluno ouve e o professor fala. Então a nossa ideia é que o aluno seja proativo e busque o conhecimento. Que diga: professora vamos fazer isso, e se fizermos assim? Inclusive a próxima aula que teremos foi sugerida pelo Pepe principalmente, os outros concordaram de a gente buscar conhecer os Youtubers, todos acompanham Youtuber, então pensamos, por que não buscar Youtubers em espanhol, quem são os mais famosos, o que eles dizem, qual é a linha de temática que eles usam, a próxima atividade foi surgida do grupo, isso que é bacana. Vocês tem aqui no colégio algo que eu acho

maravilhoso, que é a aula participativa, em que o professor dá toda a liberdade e vocês buscam o tema, buscam a maneira de realizar essa atividade e depois vocês vêm aqui e mostram um trabalho de pesquisa, um trabalho de grupo, que é bacana, um auxilia o outro, a ideia é essa, não vou dizer que é o futuro da educação, é o presente, é o aluno proativo, que busca o conhecimento, o professor é o mediador, ele ajuda, ele dá as dicas, não é simplesmente dizer: entrem na internet e encontrem algo que vocês julguem interessante, não é isso, autonomia não é trabalhar sozinho, é ter liberdade de juntos compartilhar conhecimento. É trabalhar em equipe de maneira colaborativa.

Eu pergunto a vocês, como é a sua participação em aula, o professor diz vamos fazer esse exercício, e aí? Como vocês reagem? Eu me descobri como pessoa autônoma na graduação. Quando os professores pediam para ler um livro eu já passava na biblioteca e lia tudo que tinha sobre aquele autor e trazia para sala de aula muito mais conhecimento. Paulo Freire também fala dessa capacidade de o aluno ir além, vemos um exemplo riquíssimo é o da Aluna Alicia que começou um projeto de meio ambiente e está revolucionando nesta área, eu comecei a descobrir pessoas cada dia mais autônomas, ativas, por exemplo, Lupita se mostrou muito ativa em auxiliar, e sempre dava opiniões, Pepe foi meu grande companheiro, houve uma participação muito grande de todos os alunos e hoje nós vamos ver o que aconteceu, e daqui para frente? esse projeto mudou o nosso jeito de pensar? Ele alterou alguma coisa? porque na verdade não queremos passar técnicas, mas o que pode causar mudança de comportamento de maneira positiva. Melhorar a educação é isso. Usar formas que sejam capazes de mudar comportamento de maneira positiva.

A partir de agora, eu vou fazer algumas perguntas e cada um vai responder. Vou pedir para não se alongarem muito e não falarem ao mesmo tempo para que o áudio não fique difícil de transcrever. Primeiro gostaria de agradecer a todos vocês pela presença, eu nem dormi essa noite com medo de vocês não virem. Então refletimos um pouco sobre o que fizemos, usamos o Flickr, o Facebook, tivemos uma videoconferência com a professora Lígia, que nos falou de tecnologia, estão lembrados? muito querida! você lembram de mais alguma coisa? os vídeos, cada um escolheu o tema, ainda se lembram do seu tema? tecnologia, música, tem tudo no Face. No final, vocês abandonaram o grupo do Facebook, mas acho que é uma tendência, as coisas mudam de maneira tão rápida, a maioria das pessoas abandonou o Facebook e aderiu ao Whatsapp,

As coisas acontecem de maneira muito rápida. Comigo aconteceu de a professora comentar e eu ainda não havia me dado conta de que as pessoas já não mandam tantos e-mails aos amigos, agora quase somente os corporativos. Me dei conta no meio do processo. Estamos usando mais o Whatsapp, que é muito mais rápido.

Agora gostaria de perguntar o seguinte: Em que atividade da fase 1 - que foi no semestre passado, vocês acreditam ter trabalhado com mais independência e por quê? Dessas atividades qual você falou: "Essa eu gostei, eu fui além, eu trouxe coisas interessantes, eu me programei", em qual momento vocês se acharam mais independentes? Sentiram-se mais autônomos?

Pepe - eu acho que aqueles vídeos em espanhol sobre um determinado assunto, eu me senti mais autônomo porque eu tive que procurar o que eu queria ainda também tinha que achar alguma coisa interessante não só pra mim, mas para o grupo. Não seria só pra mim.

Professora: ótimo, ser autônomo não é fazer as coisas sozinho pensando só em si, é compartilhar.

Lupita - Eu achei interessante que a senhora colocava a música e também nós podíamos colocar a música que queríamos e em casa quando estou sem fazer nada eu coloco essas músicas e fico lá dançando, tentando aprender espanhol, por meio da música e também de textos.

Professora - Isso, inclusive no começo eu perguntei para vocês, qual é o seu perfil de aprendizagem? como vocês gostam de aprender? uns gostam de escrever, outros de ouvir, outros por meio de música, e isso também é mais uma coisa nova, é ver que as pessoas não são iguais, que não aprendem da mesma maneira, cada um tem a sua realidade, eu gosto música, você tem outra forma de aprender, e aí a gente vai descobrindo que temos um perfil de aprendizagem, por isso a maneira de ensinar não pode ter um padrão e o pensamento de que eu vou ensinar isso e todos vão aprender da

mesma forma. Por isso que vocês também precisam entender o processo, isso também é autonomia, descobrir, como é que aprendem? de que forma aprendem melhor?

Shakira- Eu acho que foi no momento que você pediu pra fazer os slides, quer dizer, para fazer os slides a gente tem que ir atrás do que vai por lá e falar de uma forma que é compreensível para todo mundo, que a gente entenda na linguagem do professor e na linguagem dos alunos. Isso é importante. O que a gente vai atrás para aprender e depois ensinar para os outros.

Professora- outra coisa interessante é que para adquirir esse conhecimento primeiro precisam entender para depois passar aos outros. Tiveram algum problema com a tecnologia? tiveram que ir atrás também? Isso que é bacana, você aprende e compartilhar conhecimento.

Alicia - aprendi com o quebra-cabeça que estava em casa guardado, eu abri, e trouxe pra aula e foi divertido e não ficou só pra nós, eu te presenteei pra você levar pra outra escola onde trabalha.

Professora - eu sempre falo que para aprender não é preciso sofrer, por isso que eu gosto de colocar música, que eu sei que vocês amam e é uma forma de aprender, a gente pode fazer de uma maneira que agrada também, buscar conhecimento é uma coisa maravilhosa. Mais alguém?

Sol- Eu já acho que foi na interação do grupo, porque às vezes a gente estava conversando lá em espanhol e eu buscava o que é que estavam falando e ficava traduzindo, porque traduzindo eu acho que aprendo mais, como nas músicas que traduzindo eu aprendo melhor do que quando a pessoa vai falando e eu vou tentando entender.

Professora: essa palavra interação é poderosíssima e ela é destaque no meu trabalho, porque eu acredito que nós aprendemos pela interação, é junto, eu aprendo isso, você acrescenta isso, e juntos compartilhando conhecimento, é uma forma de aprender. Como é que aprendemos a falar? foi falando, foi ouvindo as pessoas, como a gente aprendeu a estrutura da língua materna? foi nas interações em família. Quando vamos à escola já sabemos a língua, só precisamos praticar e ir conhecendo suas funções, com a língua estrangeira é a mesma coisa. É juntos, na interação, no uso, ouvindo música, é assim que aprendemos.

A outra pergunta é a seguinte: vocês cumprem apenas o que o professor determina ou vão além? houve mudança de comportamento? essa pergunta é muito importante. Houve mudanças depois do projeto? Depois de falarmos de autonomia, de como ir além e de buscar o conhecimento além daquilo que o professor oferece?

Dulce - Eu acho que é como a Lupita disse: através do grupo do Facebook nós víamos muitos vídeos e refletíamos sobre a aula e sempre que eu tinha oportunidade, eu procurava outros vídeos, como por exemplo sobre a cultura dos países espanhóis e sobre a própria língua, então eu acho que não ficou só na sala de aula, a gente ficava curioso pra saber outras coisas e acabava procurando em outros lugares pra agregar conhecimento.

Professora: Nossa, fundamental o que você disse! Mais alguém?

Nina- Eu acho importante o projeto porque ele visa mais a autonomia do aluno e às vezes o aluno não tem a autoestima de que ele consegue ir lá e procurar e achar por ele mesmo. E o projeto com esse tema influenciando a gente a nossa autoestima cresce e faz com que a gente tenha consciência de que a gente pode sim, procurar, achar, conseguir aprender com a gente mesmo procurando. Eu achei importante e mudou bastante sim, a visão aumentou, a nossa vontade de procurar e estudar mais.

Pepe - Sobre essa pergunta, o projeto fez com que despertasse nossa curiosidade sobre os assuntos e mudou e muito não só no espanhol, mas desperta a curiosidade para ir além do que foi estudado em sala de aula no cotidiano, acho que assim a gente adquire melhor o conhecimento.

Professora- inclusive o Pepe falou uma coisa pra mim outro dia em aula que eu achei fantástica! Ele disse assim: Professora agora quando eu tenho dúvidas, olha só que legal, agora quando eu tenho dúvidas sobre alguma matéria que eu estou estudando em outras disciplinas, eu estou

buscando em sites de espanhol, porque agora eu consigo ler, entender e trazer isso para o meu conhecimento.

Professora - Olha como uma língua estrangeira abre portas do conhecimento! Você não fica mais limitado a sites de português, inclusive entrar em sites de universidades do mundo todo. Nós fizemos isso, não é meninos? Vocês mostraram pra nós a Universidade da Espanha? Isso Comunidade Autônoma de Barcelona. Então eles mostraram tudo que tem lá dentro, a biblioteca, e olha que legal, nós temos esse acesso, novas possibilidades de acesso. Se de repente, tem uma dúvida sobre como foi a Guerra Civil espanhola, é só entrar no site e descobrir. Abre mesmo as portas do conhecimento. Aumenta não somente o conhecimento em língua estrangeira, mas o conhecimento que adquire em outras áreas.

Dulce - Eu me lembro também que quando a senhora passou o trabalho e nós escolhemos falar de aids, a gente pesquisou e logo na semana seguinte eu tive um trabalho na sala sobre aids, então eu aproveitei os conhecimentos, o conhecimento não foi só na matéria de espanhol, a gente aprendeu e usou em outras matérias, foi bom.

Professora - Olha que bacana! Existe essa possibilidade de buscar o conhecimento em outras áreas também!

Alicia - Pra mim o que mudou foi com relação às músicas! é que... música, todos os jovens escutam então em vez de procurar as músicas brasileiras, eu fui mesclando, mais as espanholas, então pra mim, foi primordial. E despertou sim o interesse nos países que falam essa língua até mesmo para viagem. Antes eu falava: quero ir para os Estados Unidos, agora eu já quero conhecer países que falam espanhol, então tem sim essa mudança até no nosso gosto.

Professora - Esse ir além é isso, por exemplo, eu achei uma música e achei essa música muito bacana, mas e aí? Quem é o cantor? De que país ele é? O que está falando essa letra? Qual o contexto histórico dessa música? Isso é ir além, isso é ser autônomo. É não se contentar com aquele conhecimento que é mostrado para você, é buscar mais informações. No começo quando eu fazia alguma pergunta no grupo do Face e dizia, dê sua opinião e vocês geralmente respondiam: lindo! adorei! Mas depois eu fui vendo que as respostas foram mais críticas, os temas foram ficando mais profundos; surgiu aids, liberação da maconha, temas que eu jamais pensei que vocês iriam trazer. Inclusive eu falei isso em congresso, a minha orientadora havia dito: _ Trabalhe com eles temas mais críticos, é interessante que eles tenham uma visão crítica da vida, das coisas e eu respondi: __ Professora, eles são do Ensino Médio, não é perfil deles. E de repente vocês trazem a liberação da maconha e eu percebi que estava totalmente enganada com os meus alunos, vocês estão muito além do que eu imaginava que poderiam ir. Isso é muito bacana! Eu também estou crescendo com vocês!

A pergunta seguinte é: Como vocês lidam com a oportunidade oferecida pelo professor para tomar decisões sobre a sua aprendizagem? E agora eu faço essa pergunta no sentido geral mesmo. Isso gente, é você ser dono do seu direito, o seu direito de opinar, seu direito de ter opinião, seu direito conquistados. Daqui a pouco vocês vão votar, alguns já devem até ter votado. E aí? Como é que vocês lidam com essa liberdade? De lutar pela sua oportunidade de se manifestar, de tomar decisões?

Dulce - Eu acho que isso entra no que as meninas já disseram, por exemplo, a gente busca coisas que a gente gosta, então a gente pode aprender mais porque antes a gente se via obrigada a sentar e apenas ouvir e isso aumenta a autoestima, porque a gente vê que pode aprender e às vezes só uma atividade não é suficiente, e aí a gente busca a pronúncia através da música, a gramática em vídeo-aulas. E como a aula participativa que temos em outras disciplinas, é muito mais interessante quando temos uma participação ativa dentro da escola, e não ficar lá só ouvindo e absorvendo, porque dessa maneira o conhecimento não fica. O que a gente procura, pesquisa e estuda é o que vai ficar. Então uma matéria que era chata fica muito mais divertida e a gente aprende muito mais.

Professora- Quando o aluno põe a “mão na massa”, quando participa é diferente, esse conhecimento fica, isso vale até Maycon (Coordenador pedagógico) para termos essa visão de que o colégio está no caminho certo, essa participativa é uma coisa muito positiva, quiçá a maioria das aulas fossem assim. Pablito eu queria ouvir você!

Pablito – Ah! Professora, eu gostei demais do projeto e concordo com o que estão dizendo de a gente buscar mais o saber, não só no espanhol, mas nas outras matérias, o professor passa uma matéria e a gente vai além, procura saber mais.

Professora - Era legal que o Pablito me mandava os vídeos primeiro, e dizia: Professora, eu posso mostrar esse? professora, eu posso fazer isso? E é assim que tem que ser, nós temos que estar em interação o tempo todo, eu sou apenas a mediadora, quem dirige, quem escolhe e toma as decisões é o grupo. E essa troca é interessante.

Diego - professora, esse projeto de espanhol me ajudou com os vestibulares, eu sempre optava por inglês e agora escolho espanhol, eu aprendi a interpretar melhor e entender melhor, é por isso que hoje eu tenho mais facilidade no espanhol.

Professora - Então eu sei que vocês aqui tem o foco nos vestibulares, no questionário vocês responderam quando eu perguntei: Qual é o objetivo de vocês estarem estudando espanhol, alguns responderam que queriam viajar, para outros a grande preocupação era o vestibular, e uma das possibilidades de uso do espanhol é fazer vestibulares que tenham essa opção de língua estrangeira. E geralmente meus alunos de espanhol fecham a prova, Pepe já fez uma e fechou, Lupita também já fechou. Mais alguém gostaria de falar?

Sol - Eu acho que esse negócio de autonomia acabou trazendo um pensamento crítico, assim, antes eu buscava um pensamento parecido com o meu, hoje eu busco várias opiniões e formo o meu pensamento. Antes eu ficava com o pensamento que era parecido com o meu, agora eu formo o meu.

Professora – Como a Mariana falou, aumenta a autoestima, porque muitos alunos entram pensando que o que trazem de conhecimento não é nada, que apenas o professor que é importante, mas nós somos vidas, nós trazemos a nossa história e essa história tem que ser compartilhada, temos que juntos aprender, a sua opinião é muito importante, o seu jeito de pensar é muito importante, o seu jeito de aprender é único, é diferente. Você quer falar?

Lorenzo - Eu gostaria de falar que nossa turma teve os dois tipos de aula, e tinha coisas no quadro, a gente aprendia o alfabeto, as regras gramaticais e ficava aquilo mesmo e ai quando a gente passou a ter aula no laboratório, foi uma experiência totalmente diferente, a gente começou a aprender mais, aí tínhamos as imagens, tínhamos vídeos, começamos a ter outro olhar sobre a língua espanhola.

Professora - lembrando que o Lorenzo e o Paco já não estudam mais aqui, eles eram alunos do 3º ano o ano passado e estão aqui a meu convite, muito obrigada por terem vindo, muito bacana da parte de vocês. O que você está falando é fundamental, a gente fez a transição, eles tiveram aulas comuns, de quadro, de gramática, que eram de perfil de cursinho mesmo e ai quando a gente deu essa cara nova para as aulas, e eu acho até que eu não consigo voltar ao que era antes, eu também sinto acontecerem as mudanças. Você quer falar mais alguma coisa?

Lorenzo - não só agradecer ao convite.

Professora - Obrigada, viu? você também pode falar mesmo estando filmando, viu Paco?

Paco - esse projeto abriu novos horizontes com a língua espanhola, abriu novas portas, me ajudou nas aulas. Nós temos que buscar o próprio saber para divulgar para as outras pessoas. Precisamos ter pensamento crítico, porque, como vamos escolher nossos representantes? precisamos saber muito para poder decidir.

Professora - é preciso estar politizado, defender o seu jeito de ver as coisas e defender a sua opinião.

Próxima pergunta: do início das atividades até aqui, acho até que vocês já responderam. Do início das atividades até aqui como foi a experiência de autonomia pra vocês? Houve mudança, houve progresso?

Pepe - Posso explicar? Acho que já respondemos, que foi através da nossa procura, nossa curiosidade, de ir além do que recebe em sala de aula, procurar informações não só do nosso interesse, mas que complemente o nosso conhecimento, pra mim, entre tudo o que nós falamos acho que a pergunta está respondida.

Professora - você acha que hoje você é mais autônomo que no início do projeto?

Pepe - sim, acho.

Nina – A nossa autonomia cresceu muito com o projeto, eu acho que quanto mais valoriza a nossa autonomia, a liberdade do aluno, ela vai crescendo e se desenvolvendo.

Professora - De que forma a tecnologia contribuiu para a construção do conhecimento em espanhol? Um dos nossos pilares é a tecnologia, mudou alguma coisa?

Luz - Eu acho que com a tecnologia a gente aprende muito mais, igual os meninos estavam falando que antes a aula era no quadro, eu acho que agora aprende muito mais, desde a música, apresentação de slides, com vídeos, com fotos, a gente aprende muito mais.

Shakira - a gente é jovem, jovem não gosta de coisa monótona, a gente quer é coisa interativa, como as meninas falaram, a gente precisa ter imagem, é da gente, a gente tem que ver coisa colorida, tem que ver coisa que nos interessa, que desperta a curiosidade, pra gente prestar atenção, pois a gente pode estar assistindo um vídeo, mas só vendo, não prestando atenção no que está fazendo e a tecnologia ajuda muito nisso, porque a gente não está só com aquilo, está com som, imagens, slides, quadro, a gente está com tudo em mãos para adquirir conhecimento.

Dulce - Eu acho assim, a maioria de nós tem um celular e a partir do momento em que criamos um grupo e deu liberdade de a gente participar, de interagir, de colocar coisa lá (Facebook) ficou além da sala de aula, porque todo mundo chegava em casa e ia mexer no celular não pra somente conversar, mas a gente buscava nos vídeos, a cultura, que eu adoro estudar, as músicas trocadas também, tudo isso saiu muito mais da sala de aula até mesmo nas nossas casas, porque a tecnologia está presente na nossa vida e não apenas dentro de uma escola.

Nina - Eu acho que a tecnologia foi uma parte importante do projeto porque ela abriu muitas portas, a gente usou Facebook, vimos documentários nos vídeos, e vendo aqueles vídeos, interagindo no Whatsapp que era acessível, pois a gente está com o celular toda hora, e conversa toda hora, o Tumblr, o Flickr, Hangouts e também a conversa que nós tivemos com a Lígia, muito legal, nós conversamos, nos interagimos, tiramos foto, rimos e conversamos bastante sobre isso, da tecnologia, eu achei que foi muito importante isso no projeto. Foi bastante interativo e fez com que a gente crescesse muito mesmo.

Sol - Na verdade facilitou pra gente, porque talvez se não fosse a tecnologia não tinha aprendido tanto como a gente aprendeu.

Anita - o interessante da tecnologia é que todos têm acesso às informações, antes era só na sala de aula, agora podemos fazer pesquisa em casa durante a semana, à noite, qualquer tempinho que a gente tem, e a gente tem a possibilidade de procurar algum assunto do nosso interesse. O acesso é algo interessante.

Alicia - Na questão da tecnologia, o Duolingo me ajudou demais, despertou mais, ao invés de ficar assistindo televisão à toa, eu sempre jogava e aprendia muito mesmo, como o alfabeto, gente, quando eu olhei aquilo, me despertou interesse, principalmente nas mudanças, na pronúncia das palavras, no som nasal, a questão de não utilizar o som do z, então foi bem bacana e sim, gente, jogos ajudam demais.

Pepe - ah sim, pra mim, a tecnologia no nosso projeto foi fundamental, pois como a Shakira falou, somos jovens e é nosso interesse, mas eu acho que hoje em dia a tecnologia não é só mais interesse dos jovens, crianças, adultos, idosos, eu acho que hoje em dia no nosso mundo globalizado tudo está em volta da tecnologia, ela é de interesse não só nosso, mas da sociedade em geral.

Professora - é verdade, eu acho que é a realidade hoje. Nós vivemos em um mundo tecnológico e na educação isso é bastante discutido, nos congressos que eu tenho ido dizem o seguinte: a gente vê que tudo evoluiu em tecnologia, os celulares, por exemplo, do mais simples ao mais sofisticado hoje, aconteceu de forma muito rápida, a ideia é que também essa evolução chegue à educação, que a gente não fique estagnado em quadro e giz e professor explicando matéria no

quadro, isso tem que mudar, a realidade é outra, o aluno não aguenta esse tipo de aula mais, ele quer interagir, ele quer usar tecnologia pra buscar o conhecimento, a tecnologia é uma realidade na vida do aluno e por que não ser uma realidade em sala de aula? Eu vejo que vocês têm um site, os professores colocam matérias, dialogam com vocês, eu sei que a rede tem preocupação com isso, que a tecnologia seja realidade dentro da sala de aula também, porque ela faz parte da nossa vida.

Professora - Hoje nós temos acesso à qualquer biblioteca direto de casa, acho até que você devem ir menos à biblioteca, porque você liga o computador e tem uma biblioteca virtual e não tem que se deslocar, você tem uma biblioteca dentro do seu computador, você pode acessar qualquer universidade através do seu computador, seu celular. E esse conhecimento está à mão para qualquer pessoa, isso é interessante na tecnologia porque não é mais físico, é tudo virtual, e permite acesso a qualquer pessoa, já não é mais assim, você estuda em um colégio bom então você tem os melhores professores e vai ter as melhores informações. O outro é de escola pública não tem, isso indica que diminuíram as diferenças sociais também, qualquer pessoa pode buscar conhecimento, antigamente o conhecimento era só para a elite, os demais não tinham acesso.

Maycon - você colocou, Elenice, eu tinha até anotado aqui, infelizmente a tecnologia não é algo novo, cada dia avança mais, mas na educação está um pouco tardia, o que não deveria. Então se a educação é algo de transformação, para que pessoas melhores formem a sociedade, por que a tecnologia ainda não chegou na escola da mesma forma que chegou em outros setores? Infelizmente nós temos essa realidade da sala de aula, para o professor e para a direção da escola. Falamos muito de tecnologia e na sala de aula acontece o contrário. Quanto ao projeto de tecnologia em sala de aula, vou pegar pela fala do Pepe, ele trouxe a autonomia, ele trouxe a transformação quando ele disse o trabalho não é seu professora, é nosso. Essa fala traz pertença e se traz pertença, traz responsabilidade, traz autonomia, traz desejo, traz força, traz justamente a vontade de aprender de correr atrás. Então, como dizia Rubem Alves, quando traz essa boniteza pra educação, eu me coloco junto. Que se fosse algo do trabalho da professora, eu não teria vontade de fazer porque eu estaria fazendo pra ela, agora quando é meu trabalho, eu estou inserido, claro, com a forma que você usou para trazer toda essa pertença pra eles, trouxe a transformação. E trouxe transformação para a professora também, vocês viram que ela disse: "depois que eu comecei esse trabalho, eu não dou conta mais de fazer as atividades na sala de aula convencional com giz e quadro, vou ter que ir para o laboratório de informática". Isso porque traz mais interação, tem mais recursos, então não só pra nós como alunos, a professora também trouxe transformação para o seu modo de ensinar. Então a gente vê que o trabalho trouxe transformação não somente para os alunos, eu vejo uma professora transformada!

Professora- é verdade isso que você falou, e o que o Pepe falou também é importante, é o nosso projeto! Não é o meu projeto. Eu pretendo colocar no meu trabalho essa mudança também que houve em mim, porque um dos meus objetivos é eu me analisar como mediadora do conhecimento. E também minha autonomia, porque o professor que não é autônomo, como é que vai incentivar, porque autonomia não é coisa que se ensina, não estou ensinando autonomia pra ninguém, eu estou incentivando para que vocês busquem autonomia, para que nós busquemos mais autonomia, que sejamos mais autônomos juntos, autonomia é uma coisa que todos têm, mas que precisa ser despertado, se eu não me sinto assim como é que eu vou motivar pessoas a serem assim? Então essa mudança tem que acontecer em mim.

Muito interessante a sua fala viu Maycon!

Professora - pergunta: Como vocês se veem no novo papel de aluno ativo na construção do conhecimento? também acho que já responderam né? Alguém quer acrescentar alguma coisa?

Shakira - Eu queria falar dos vídeos que eu postava no Whatsapp. Antes eu e a Nina já tínhamos tido aula com você e já conhecíamos o espanhol e eu via vídeos no Youtube, mas ficava pra mim, ou mostrava pra minha irmã, mas ela não tinha muito interesse de ver não, ela é preguiçosa kkk agora eu vejo e coloco no Whatsapp pra não ficar só pra mim, eu quero mostrar para as outras pessoas, músicas principalmente, porque talvez as pessoas não tenham tanto tempo ou então não sabem por onde começar para pesquisar aquele estilo de música e talvez isso as ajude no conhecimento do espanhol.

Professora - é verdade, a gente já começa a fazer essas trocas, quando um vê alguma coisa que é de interesse do outro, já manda. Por isso que eu falo que a gente cresce junto, eu vejo alguma coisa que gosto eu compartilho com vocês, isso que é interação.

Pergunta: E daqui por diante? Como acham que podem ser mais autônomos? que tipo de atitudes pretendem ter em relação à aprendizagem do espanhol ou de outra língua? Com relação ao espanhol, houve aprendizagem? porque estamos fazendo tudo isso, ouvir música, assistir vídeos e aí parece que a coisa vai acontecendo tão naturalmente que parece mágica.

Dulce - Eu me lembro que ano passado minha prima me falou que ia fazer um trabalho voluntário em país de língua espanhola e ela fez sem saber nada de espanhol e lá ela teve que aprender, ela ficou 40 dias e teve que aprender para se virar lá, aqui nós temos essa oportunidade sem a pressão que ela teve, o básico tinha que saber, e aqui a gente sabe muito mais, porque a gente tem interesse, não a obrigação de aprender, a gente pode sentar a qualquer hora e ouvir uma música, ainda procurar a letra na internet para acompanhar, ou então ver um vídeo sobre um país que a gente gosta e se não tem em português a gente vai ver em espanhol, então aumenta muito mais a nossa aprendizagem. Nós não aprendemos por obrigação, aprendemos por vontade.

Nina - Não fica aquela coisa maçante, né? É uma forma de ser mais divertido e legal de aprender. A música também ajudou bastante, olhando a letra, o ritmo, a pronúncia e pesquisar o que está dizendo a letra.

Professora - É a liberdade de cada um buscar informações na área de interesse, buscar aquilo que gosta. Pepe tecnologia, Shakira música, Alicia meio ambiente, jogos... No começo quando fizeram o questionário cada um falou daquilo que mais gostava, a forma como gostaria de aprender. Vocês acham que conseguiram atingir esse objetivo?

Alicia - com relação ao futuro, eu quero fazer um projeto, eu penso em levar o espanhol para aquelas famílias, adolescentes que não têm esse conhecimento, não tenham o acesso que nós temos, então levar o nosso conhecimento de sala para as pessoas que até mesmo têm vontade de saber, mas não têm recursos pra utilizar, eu acho que é questão mais de solidariedade, de autonomia sim, mas mais que isso é levar esse conhecimento para as outras pessoas. No bairro pobre por exemplo.

Professora - Você pode inclusive trazer essa proposta para o grupo, eu acredito que aqui todos têm potencial para fazer isso.

Dulce - Como ela disse as pessoas não têm tanto contato assim com o espanhol, hoje em dia o espanhol virou quase uma língua da moda. Pois surgiram os grupos espanhóis, o despacito kkkk, a música bicicleta da Shakira, então as pessoas gostam da música, cantam, mas não sabem o que está dizendo, não sabe a letra, cantam errado. Precisamos mostrar pra ela que o espanhol é tão fácil pra gente, que se a pessoa quiser ela aprende. Porque o português do Brasil é bem parecido com o espanhol.

Professora - Alicia também teve um desenvolvimento muito grande de autonomia quando ela fez um projeto de meio ambiente, foi na participativa né? você quer falar?

Alicia - Sim, de qualquer forma quando você quer fazer um projeto, você tem que ter conhecimento, e no Brasil tem uns sites que falam, mas quando você busca conhecimento em sites estrangeiros, você eleva seu conhecimento e te inspira mais. Então meio ambiente é um tema em que eu já estou inserida e é uma coisa que eu amo. Então trazer esse conhecimento relacionado com o espanhol, foi muito importante.

Lupita - e eu acho que a gente devia fazer uma trilha kkk procurar saber sobre as plantas nativas de outros países ...

Professora - Que legal podemos desenvolver essa ideia!

Paco - Eu me lembro quando a senhora deu aquela atividade o ano passado, de cada grupo falar sobre um determinado país, costumes, comidas típicas.

Maycon - Quem sabe não podemos planejar uma visita à embaixada de algum país de língua espanhola?

Professora - Nossa adorei a ideia! Vamos planejar isso?

Só para terminarmos eu gostaria de deixar livre caso alguém queria fazer uma consideração final com relação ao projeto de maneira geral, com relação à autonomia, aprendizagem da língua espanhola e tecnologia.

Pepe - Eu gostaria de falar uma coisa: Eu acho que escola deveria levar o espanhol também para as crianças, porque eu estudo inglês desde pequenininho, então eu acho que as crianças deveriam estudar espanhol nesse contexto de tecnologia, dentro de laboratório assim como você aplicou o seu projeto. kkk, nosso projeto.

Lupita - eu acho também que muita gente do ensino médio acaba não vindo para as aulas e eu acho que deveria ser aberto também para o fundamental, ou outras turmas que tenham interesse. Porque quando mais cedo começar, melhor. Abrir espaço para mais pessoas terem oportunidades.

Alicia - eu acho que o espanhol deveria ser obrigatório e que a gente pudesse optar, porque eu não me identifico com o inglês de jeito nenhum.

(Começa uma discussão sobre ser obrigatório ou não e sobre ter a opção de escolher o idioma)

Professora - Qual é a visão de vocês com relação à tecnologia e autonomia hoje?

Nina - meu aprendizado está todo voltado pra tecnologia e autonomia porque eu aprendo muito com o professor, mas eu gosto muito de estudar sozinha e procurar as informações por mim mesma. Eu gosto de aprender à minha maneira. Eu acho importante ter essa determinação para passar no vestibular

Pepe - Essa determinação deve ser para o futuro a imagem do aluno autônomo.

Samara - Infelizmente esse é o meu último ano na escola, mas eu vejo que o nosso espanhol não vai ficar dependente, porque vamos conseguir aprender, seja por vídeo, seja por outros meios virtuais.

Nina - e eu quero dar os parabéns para você por ter nos proporcionado essa ideia de autonomia que ajudou bastante a ter essa determinação que eu falei, foi muito legal.

Pepe - eu gostaria de te parabenizar! palmas

Professora - Essas palmas são para vocês, o grupo é lindo, eu amo vocês, vocês foram muito mais que eu esperava, quero agradecer imensamente.